



Ano XXVII

RAÍZES

51

São Caetano do Sul | Julho de 2015



**FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA**
HÁ **24 ANOS** PRESERVANDO
SUA HISTÓRIA





FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

“(…) Quando fizerem o levantamento da Cultura de São Caetano - se é que em algum tempo isso venha a interessar alguém - a pessoa de Sinval há de ser indicada como uma das criaturas que mais contribuiu para com a nossa gente”, escreveu Milton Andrade,

então diretor da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, em texto que abriu uma exposição de Sinval Correia Soares na instituição, em 1978. E Andrade continua: “Nos principais centros culturais do país, São Caetano é lembrado graças ao nome de Sinval que, com seu trabalho e talento, tem sido convidado a figurar nos melhores salões de arte”.

Fazendo jus ao comentário de Milton Andrade, a revista *Raízes* apresenta, nesta edição, um levantamento da trajetória das artes visuais em São Caetano do Sul e destaca, na capa, o admirado, proclamado e respeitado artista plástico Sinval Correia Soares. A escolha, então, não foi por acaso. Aliás, muito tempo antes de encontrarmos o texto do qual destacamos acima pequenos trechos, a imagem já estava selecionada.

O motivo da preferência por esta imagem ultrapassa as questões estéticas evidentes, e abrange os significados mais perenes da participação de Sinval (que viveu na cidade por 35 anos) nas primeiras iniciativas locais que inseriram as artes visuais nos interesses da administração pública. Neste registro fotográfico, da década de 1960, o artista já era um dos principais nomes da cena artística sul-são-caetanense (tanto pela qualidade de sua produção quanto pelo seu engajamento), sendo, na época, responsável pelo Departamento de Artes Plásticas da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs). Sinval Correia Soares recebe a reverência da Fundação Pró-Memória por suas pinceladas de inspiração e prosperidade nas telas de São Caetano.

PAULA FIOROTTI

É FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA FACULDADE CÂSPER LÍBERO E EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO. É JORNALISTA RESPONSÁVEL DA REVISTA RAÍZES E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA.

Ano XXVII– Número 51
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Julho de 2015

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

PREFEITO MUNICIPAL Paulo Pinheiro

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA
Jander Cavalcanti de Lira
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
COORDENAÇÃO GERAL
Sonia Maria Franco Xavier

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)
EDIÇÃO E REVISÃO
Cristina Toledo de Carvalho
Marília Tiveron
Paula Fiorotti

CONSELHO EDITORIAL
Sonia Maria Franco Xavier (presidente)
Antonio Reginaldo Canhoni
Cristina Toledo de Carvalho
Fernando Scarmelloti
Francisco José Gripp Bastos
Humberto Domingos Pastore
Isabel Cristina Ortega
Jander Cavalcanti de Lira
João Alberto Tessarini
Marília Tiveron
Mário Porfírio Rodrigues
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior
Paula Fiorotti
Renato Alencar Dotta
Roberta Giotto

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Roberta Giotto

PRODUÇÃO GRÁFICA
Auderí Martins

SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL
Cristina Toledo de Carvalho
Mariana Zenaro
Marília Tiveron
Neusa Schilaro Scaléa
Priscila Gorzoni
Talita Scotá Salvatori

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO
E RESTAURAÇÃO DE IMAGENS

Antonio Reginaldo Canhoni
APOIO À PESQUISA ICONOGRÁFICA
Jussara Ferreira Muniz
Monica Iafrate
CTP E IMPRESSÃO
Gráfica Art Graphic

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Com o compromisso de cultivar, divulgar e valorizar a memória de São Caetano do Sul e de seus moradores, democratizando o acesso às informações e ao conhecimento, e difundindo conteúdos e acervos de interesse dos registros das artes plásticas, esta edição da revista *Raízes* se propõe a contribuir para a ampliação e circulação dos bens artísticos, e para a permanente e cotidiana construção da memória cultural da cidade.

Poucos registros são encontrados sobre os artistas locais e suas obras, no período que antecede a autonomia municipal. Lembramos, neste editorial, as pinturas de João Fernandes Ribeiro, artista premiado e reconhecido, que viveu e trabalhou em São Caetano desde a década de 1930; o trabalho dos irmãos Pedro e Ulderico Gentili, artistas italianos que, na década de 1940, foram os responsáveis pela pintura da Igreja Matriz Sagrada Família, que até os dias de hoje ornamenta o templo; Renato Costa, atuante no segmento de arte cerâmica que participou, com 25 obras, do 1º Salão de Cerâmica Brasileira, realizado no Museu Nacional de Belas Artes, em 1947, no Rio de Janeiro; Osvaldo Leite, artista classificado em primeiro lugar no 2º Salão de Belas Artes de Santo André, realizado no final de 1948. Segundo consta, nove artistas de São Caetano participaram do evento: além de Leite, outros também ganharam destaque, como Tereza Egly, Aldo Negrini e Renato Costa (esses três artistas receberam menções honrosas). Essas informações foram extraídas das edições de 1948/1949 do *Jornal de São Caetano*. Tais artistas eram bem atuantes, mas sua projeção e visibilidade se verificavam a partir de iniciativas fora dos limites de São Caetano, por força das condições históricas e da conjuntura aqui vigentes, uma vez que, no período em questão, a localidade estava ainda se estruturando em seus segmentos primordiais.

O desabrochar para as artes coincide com um novo momento da cidade, ou seja, a sua independência política e o nascimento de um ideal de município baseado nas letras e nas artes. Isto se torna

claro nos artigos que descrevem o surgimento da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs), com a criação do Departamento de Educação e Cultura (Depec) e com a instituição dos Salões de Arte Contemporânea, realizados, por certo período, na abertura dos festejos de aniversário da cidade. Tudo isto foi bem abordado na seção *Em Foco*, bem como o ensino de arte na Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes.

Raízes traz ainda bons relatos da Aladim Porcelanas nos seus mais de 50 anos de produção e tradição; do Frigorífico Cardeal, com registros de seus produtos e histórias; dos 60 anos do Lions Clube e sua trajetória de atividades e benemerências. Fechamos o caderno *Memória* com artigos sobre o centenário da indústria Fami e os 50 anos da Sociedade Amigos do Bairro Olímpico.

Alguns dos personagens destacados neste número são: o casal Lourenço de Camargo e Janet Penachi; o coralista Odair Vituri; Silvana Garcia, na dramaturgia; e Maria Eugênia Ortiz, na fisioterapia e medicina esportiva. Cada um com sua história de superação e destaque em seu respectivo ramo de atividade profissional.

No setor *Homenagem*, dois professores são destacados pelo grande e importante trabalho que desenvolveram em nossa cidade e na Fundação Pró-Memória. São eles: Yolanda Ascencio e José Odair da Silva. Aos dois, nossa gratidão por tudo que realizaram e pelo legado deixado.

Este número de *Raízes* vem repleto de bons artigos e, para completar o rol de informações, criamos uma *Memória Fotográfica Especial*, com imagens das obras de artistas que, de alguma forma, divulgaram nossa cidade, lembrando e eternizando a produção local, a qual é extremamente relevante e significativa.

Muito você descobrirá sobre nossa cidade nas próximas páginas.

Boa leitura!



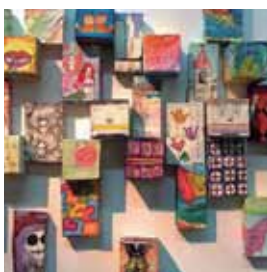
pág 6

O desenvolvimento das artes plásticas no município (1962-1967) – Por uma proposta de abordagem histórica do tema
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág 16

Quatro décadas, um acervo
NEUSA SCHILARO SCALÉA



pág 24

O artista e o ensino da arte na Fundação das Artes
VALDO RECHELO



pág 29

Espaços de arte na cidade – Relances de inspiração e memória
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág 36

Memória Fotográfica Especial



pág 45
Memória

45 Aladim Porcelanas: 53 anos de tradição no comércio de porcelanas em São Caetano do Sul
TALITA SCOTÁ SALVATORI

48 100 anos de Fami: uma indústria de transformação de produtos e pessoas
MARÍLIA TIVERON

53 Os 60 anos do Lions Clube de São Caetano do Sul
PRISCILA GORZONI

58 A arte de fazer mortadela em São Caetano do Sul: a história do Frigorífico Cardeal
EVERTON CALÍCIO

60 Memórias de Archimedes Lazzeri: 50 anos de existência da Sociedade Amigos do Bairro Olímpico
MARIANA ZENARO



pág 68
História Oral

No baião dos corais, a trajetória do coralista
68 Odair Vituri
PRISCILA GORZONI

71 Tempos de saudade
MARÍLIA TIVERON



pág 75
Personagens

O ativismo artístico de Silvana Garcia, seus louros e frutos
75 TALITA SCOTÁ SALVATORI

Maria Eugênia Ortiz: serviço e superação no esporte sul-são-caetanense
78 MARIANA ZENARO

Tons de apreço e reconhecimento a Benedita Rosa Meloni, 101 anos
81 TALITA SCOTÁ SALVATORI

pág 83
Homenagem

São Caetano perdeu Yolanda Ascencio, sua professora ilustre
83 MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

José Odair da Silva: inspiração no exercício de educar
86 MARIANA ZENARO

pág 91
Cultura

Rafael Murió – o reverberar de um grande artista
TALITÁ SCOTÁ SALVATORI

pág 95
Curiosidades

A injustiça do esquecimento
DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI

pág 97
Artigos

Espaços de sociabilidade da comunidade alemã em São Caetano
RENATO DIAS DA CUNHA

pág 100
Esportes

AD São Caetano, 25 anos e grandes vitórias!
RENATO DONISETE PINTO

pág 104
Poesias e Crônicas

104 Um festival e uma certa banda 'sui generis'
MARCOS EDUARDO MASSOLINI

107 Casarão das coincidências
JOÃO TARCÍSIO MARIANI

pág 109
Regionais

Os 80 anos do Grupo Escolar de Mauá: a 'Escola da Paineira'
RENATO ALENCAR DOTTA

pág 115

Memória Fotográfica
BAÚ DE MEMÓRIAS | RAÍZES E RETRATOS

pág 122
Registro

Cristina Toledo de Carvalho

O DESENVOLVIMENTO DAS ARTES PLÁSTICAS NO MUNICÍPIO (1962 – 1967)

POR UMA PROPOSTA
DE ABORDAGEM
HISTÓRICA DO TEMA

Raízes, nesta 51ª edição, apresenta como tema principal o desenvolvimento das artes plásticas em São Caetano do Sul. Ao contemplar tal assunto, a revista insere na linha de discussão que vem promovendo, desde julho de 2013, mais uma linguagem artística, incrementando, assim, o repertório temático constituído pela literatura, fotografia, dança e música.

Em virtude do leque variado de perspectivas de análise que cada um desses objetos de estudo comporta, preocupei-me em definir, conceitual e metodologicamente, o prisma pelo qual os retratei nos trabalhos assinados por mim, entre as edições 47 e 50 da revista *Raízes*.

Pela estreita aproximação do tema atual com os assuntos dos últimos quatro números da publicação, não poderia deixar de eleger também um enfoque para discuti-lo. Dessa forma, os argumentos que defendi naquelas edições encontram eco neste artigo, sobretudo em razão de apresentarem como cerne a ideia que atrela o desenvolvimento das diferentes manifestações artísticas a um projeto de construção de um ideal de município. Entre os seus pilares, estava a promoção da cultura letrada (uma das expressões do modo urbano de vida), por meio de iniciativas, oriundas tanto de grupos particulares quanto do poder público municipal, que privilegiavam a literatura, a dança, a música, etc.

Com as artes plásticas não foi diferente, principalmente no que tange à pintura e à escultura. Essas duas modalidades artísticas foram incentivadas simultaneamente àquelas outras linguagens. A escolha da década de 1960 para balizar a periodização destacada por este artigo deve-se ao fato de, em tal decênio, terem sido observadas significativas transformações no cenário sul-são-caetanense, principalmente a partir de 1965, durante o primeiro mandato do prefeito Hermógenes Walter Braido. Com uma filosofia que priorizava a educação, sua gestão promoveu uma verdadeira reestruturação urbana, imprimindo à cidade uma nova configuração. Foi sob essa conjuntura que as artes plásticas tornaram-se assunto de interesse da agenda pública municipal. Em abril de 1967, a municipalidade instituiu o Salão de Arte Contemporânea, que, a cargo do então Departamento de Educação e Cultura (Depec), seria realizado anualmente, de modo que sua abertura fosse inserida na programação dos festejos de aniversário da cidade.

O apoio do poder público veio, assim, selar o desenvolvimento das artes plásticas na localidade e reforçar a faceta empreendedora da municipalidade no tocante à cultura, visto que seu comprometimento com a questão da difusão cultural já vinha ocorrendo desde 1965, por meio da vigência de decretos e leis que previam a criação e manutenção de cursos e ações nas áreas de dança, línguas e música, inicialmente.

Anteriormente à criação do Salão de Arte Contemporânea, a organização de eventos que promoviam a pintura e a escultura foi fruto de iniciativas extraoficiais, como as provenientes da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs). Já em 1962, cinco anos após

sua fundação, a instituição realizava uma mostra de arte, ação que se repetiria nos anos seguintes, inaugurando uma tradição dentro da cena artística local. Por tal motivo, as discussões encaminhadas por este artigo têm como ponto de partida o ano de 1962, estendendo-se até 1967, em razão da entrada da administração municipal no âmbito das iniciativas de incentivo às artes plásticas, por ocasião da criação do Salão de Arte Contemporânea.

Embora o tema em foco nesta edição de *Raízes* traga em si um apelo que pede interpretações e leituras de caráter estético, com ênfase nas escolas, tendências ou correntes artísticas, este não é o meu intuito. Ao optar por um caminho diverso do que é usual ou mais comum à concepção teórica da temática em pauta, evidencio minha preocupação com outros aspectos subjacentes a ela. Assim sendo, o objetivo do presente artigo é a compreensão da historicidade que moveu a promoção das artes plásticas em São Caetano do Sul, no período situado entre 1962 e 1967, de maneira que as conjunturas, condições e contextos históricos que engendraram ou teceram seu desenvolvimento possam ser apresentados, discutidos e pensados. Por uma proposta de abordagem histórica do tema, eu me posiciono neste artigo.

A Acascs na vanguarda – Na primeira metade da década de 1960, a situação da política cultural no município era passível de críticas por parte do *Jornal de São Caetano*, ferrenho opositor da gestão do então prefeito Anacleto Campanella (1961 – 1965). Algumas matérias veiculadas pelo periódico são bastante elucidativas, nesse sentido, fornecendo um panorama das

questões que mais provocavam contestações em sua equipe editorial.

O alvo principal do descontentamento do jornal era, entre outros assuntos, a forma como a municipalidade vinha se colocando frente à antiga Concha Acústica, “o mais belo dos monumentos da cultura do povo sancaetanense”¹, no entender deles. Em uma edição de janeiro de 1962, denunciavam que o estado daquele próprio municipal era de abandono e o fato de sua luz elétrica ter sido cortada prejudicava a realização das atividades lá programadas. O “motivo de falta de eletricidade ultrapassa as raias da imaginação e do concebível em uma cidade que queira ser chamada de civilizada”².

Em 1963, o *Jornal de São Caetano* voltou a criticar a situação em que se encontrava aquele espaço, atribuindo, de forma contundente, a responsabilidade à Seção de Educação e Cultura, que, imersa em um marasmo, não conseguia “programar e proporcionar espetáculos artísticos-culturais para o povo, utilizando a Concha Acústica, próprio municipal, especialmente construído para tal fim [...]”³.

Nos primeiros anos do decênio de 1960, o poder público municipal não havia ain-

da revelado sua qualidade de gestor e promotor de atividades culturais. E isso não deve ser concebido ou interpretado a grosso modo, ou seja, de forma desvinculada da realidade conjuntural da época. São Caetano, no início da década de 1960, estava apenas em sua quarta gestão enquanto município autônomo. A cidade passava por um processo de estruturação dos serviços urbanos primordiais, e muitos deles eram, por vezes, precários e deficientes, não conseguindo suprir, a contento, as demandas da população. Para se ter uma ideia da dimensão dos problemas enfrentados pela administração municipal, naquele período, basta citar um episódio que se tornou emblemático na cidade e região: a questão da ineficiente distribuição de água. Se hoje tal questão é assunto nos principais veículos midiáticos, despertando a preocupação da sociedade, em 1964, o município já se via às voltas com o problema. Buscando solucioná-lo, o então prefeito de São Caetano, Anacleto Campanella, recorreu, ao lado de Santo André e São Bernardo (onde a falta de água também era alarmante), à ajuda externa. Em matéria publicada em uma edição de janeiro de 1964, o *Jornal de São Caetano* noticiava o ocorrido, conforme segue:

A fim de solicitar a ajuda da Aliança para o Progresso⁴ na solução dos problemas de água e esgoto dos três municípios, os prefeitos de SA – SCS – SBC reuniram-se [...] com os representantes do Ponto IV, srs. Roberto Mac Ardle, José Roberto Whittaker Penteado e Afonso Spatz. [...] tendo sido preliminarmente solicitados das prefeituras dados e projetos sobre os problemas, além de garantias de que as taxas posteriormente cobrirão as despesas [...].⁵

É evidente, portanto, que as prioridades da gestão municipal eram outras naquele período. Essa situação torna compreensível o fato de não ter havido espaço na agenda política local para projetos que pudessem incentivar, no geral, atividades culturais, como as artes plásticas. Tal quadro só começaria a ser revertido na segunda metade da década de 1960, o que, todavia, não quer dizer que não tenham existido manifestações desse segmento na cidade, antes do advento do apoio oficial. Na ausência da participação da municipalidade no processo de difusão das artes, o papel de iniciativas advindas do mundo associativo tornou-se imprescindível ou mesmo a única alternativa.



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Reprodução da parte externa do catálogo de divulgação da mostra coletiva de arte moderna, realizada pela Acascs no período de 28 de julho a 10 de agosto de 1963, durante os festejos do 86º aniversário de São Caetano. Embora apareça no material que esta tenha sido a primeira edição do evento, a associação já havia promovido um Salão de Arte Moderna em 1962

Em julho de 1962, o Centro Acadêmico de São Caetano do Sul, instituição que reunia estudantes universitários residentes na cidade, promoveu uma exposição de arte, da qual fizeram parte trabalhos de pintura, escultura, desenho e fotografia, totalizando 96 obras. Montada nas dependências do Grêmio Estudantil 28 de Julho, no Teatro Municipal Santos Dumont, a exposição integrou o calendário de eventos programados para os festejos comemorativos ao 85º aniversário de São Caetano. Avaliando o sucesso da mostra, o *Jornal de São Caetano* noticiou, na ocasião:

Já em função do sucesso obtido com a I Exposição de Arte, movimentaram-se os artistas presentes no sentido de unirem-se em aquilo que deliberavam chamar Escolinha de Belas Artes. Tal associação teria a finalidade de congregiar os artistas de São Caetano e possivelmente do ABC inteiro, incentivando a Arte e as apresentações dos seus trabalhos. Tal associação contaria com o apoio oficial e entre os mais animados pela ideia contam Veiguinha, Joci, Esteves e Zé Carlos.⁶

O anseio exposto pela notícia acima sinaliza para uma demanda concernente à existência de programas concretos que pudessem incentivar os artistas locais, atestando a falta reinante de apoio e espaço, naquela época. Diante desse cenário conjuntural, a Acascs mostrou sua força e pioneirismo, considerando que foi a entidade que apresentou propostas destinadas à disseminação das artes de forma regular, no município, algo, até então, pioneiro e inovador. Fundada em 1957, a instituição tinha como finalidade principal a promoção das diferentes linguagens e expressões artísticas. Sendo assim, idealizou e concretizou ações em prol da difusão da dança, da música, das artes cênicas e plásticas. O reconhecimento do papel desempenhado nessa área pela instituição, em face da aridez de iniciativas no município, foi expresso da seguinte maneira pela imprensa:

[...] não há quem desconheça a profunda influência da sociedade [Acascs] que nasceu de uma ideia quase utópica de um punhado

de jovens sancaetanenses. Principalmente levando-se em consideração que em nossa cidade praticamente nada mais existe no que se refere à prática da cultura e da arte. [...] ⁷

E, de fato, a associação esteve na vanguarda da disseminação de diferentes modalidades artísticas na cidade. Em se tratando, especificamente, das artes plásticas, notórias foram as mostras que organizou, entre 1962 e 1965, confirmando seu empreendedorismo na área. A repercussão desses eventos no município pode ser avaliada pela cobertura dada pelos meios locais de comunicação, que, além de colocar em evidência a Acascs, contribuiu também para que os artistas participantes adquirissem visibilidade e projeção. A reportagem do *Jornal de São Caetano* acerca da exposição organizada no Edifício Vitória, em 1962, constata isso, fornecendo ainda um panorama a respeito das impressões deixadas pela mostra:

Com a inauguração solene de seu I Salão de Arte Moderna, realizada na noite de 27 [de setembro], consegue a Acascs dar mais um passo importante na meta a que seu próprio nome propõe: Associação Cultural e Artística. A promoção de artistas da cidade, como Agenor e Sinval, deixa de ser um acontecimento particular de São Caetano para repercutir na capital e demais centros artísticos nacionais.

A felicidade rara de abrigarmos um escultor do porte de Agenor não poderia mesmo ser olvidada e menosprezada sem uma mostra especial para o povo sancaetanense. A arte de Agenor é tipicamente popular e sua mensagem artística mais que aos críticos e entendidos dirige-se ao povo humilde e simples que vê nas suas esculturas o seu retrato e seu sentimento. É o grito de brasileiro que escapa de todas as peças, consegue fazer do popular inculto um apreciador

consciente dos valores nelas gritantes. Quanto a Sinval, pintor de qualidades inegáveis e tendências de brasileiro nos temas, coordena-se admiravelmente com Agenor.

Em suma, excelente a promoção da Acascs, reunindo os dois mais importantes artistas da cidade, em seu I Salão de Arte Moderna, inaugurado no dia 27 na Galeria Vitória, rua Santo Antônio, 500, devendo prolongar-se até o dia 10 de outubro. ⁸

Outras mostras vieram na sequência, atestando a condição da Acascs de grande celeiro artístico da cidade. Para articular e viabilizar as pretensões e projetos vislumbrados pela entidade no setor das artes plásticas, um departamento foi criado. Inicialmente a cargo de nomes como os de Mauro Bedia e Nelson Sotto Maior e, posteriormente, sob a responsabilidade de Sinval Correia Soares, o aludido departamento não só se incumbiu da curadoria das exposições previstas na programação acasqueana, como também assumiu a responsabilidade pela organização de cursos de artes visuais, com aulas de pintura e desenho artístico. Assim, as mostras coletivas se harmonizariam com a propositura do curso, visto que seriam uma espécie de vitrine para os alunos/artistas da instituição, uma preciosa oportunidade que teriam para mostrar seus trabalhos, em uma época ainda de ostracismo no cenário local das artes plásticas, no qual as únicas ações regulares provinham da Acascs.

Mas, mesmo antes da criação desses cursos, que, segundo consta, tiveram início em 5 de outubro de 1964, dois significativos eventos já haviam sido realizados pela instituição. Além do I Salão de Arte Moderna, organizado em 1962, a associação promoveu, no ano seguinte, outra mostra de artes, que, aliás, integrou a programação oficial dos festejos do 86º aniversário da cidade. Instalada no salão de festas da Acascs (quarto andar do Edifício Vitória), tal exposição

foi, solenemente, aberta no dia 28 de julho de 1963, permanecendo em cartaz até 10 de agosto daquele ano. Com a participação de artistas de São Caetano e de São Paulo, a mostra conseguiu a adesão de nomes como os de Joel M. Linck e Alberto Aliberti, este último pintor da localidade premiado no Salão de Arte Moderna de São Paulo. Ao noticiar a pretensão de apoio de ambos a essa iniciativa acasqueana, a pouco mais de um mês de sua abertura, o *Jornal de São Caetano* deixou transparecer uma linha argumentativa que relaciona ou atrela a difusão das artes ao conceito de crescimento e progresso material, o que significa dizer que uma cidade economicamente desenvolvida deveria alcançar também projeção artística. Esta era a própria representação de um ideal de município:

Nossa cidade é sobejamente conhecida pelo seu crescimento e progresso material. Suas indústrias e sua produção fabril fazem o seu renome. Necessário se faz agora torná-la conhecida também pelo seu desenvolvimento ou manifestações de cultura. A isso se propuseram dois artistas ligados a São Caetano [...] sr. Joel M. Linck e Dr. Alberto Aliberti, ambos sobejamente conhecidos. Pretendem apoiar a iniciativa da Acascs promovendo anualmente uma Exposição de Pintura e Escultura em nossa cidade, congregando artistas de todo o Estado. Tal exposição projetaria não só os artistas sancaetanenses mas o nome da própria cidade através da publicidade e [do número de] visitantes que uma promoção desse gênero atrai. [...]⁹

Além de Linck e Aliberti, a mostra de 1963 da Acascs contou com a participação de outros 16 artistas. Na categoria escultura, expuseram Agenor Francisco dos Santos e Francisco Matarazzo, enquanto, na modalidade pintura, os participantes foram: Ana Guerreiro Schultz, Armenohi Boudakian, Arnaldo Ferrari, Aurea Paes Taveira, Camila C. Cezar, Carlos H. Lacerda, Dalton Salen Aceff, Diana Nicola, Enio Angelo Michelini, Hannah Brandt, Henrieta Michelson Bagley, Iola Cintra, Izar do Amaral Berlinck e Jayme da Costa Patrão.

No dia 11 de outubro de 1964, alguns dias depois de ter inaugurado o curso de pintura e desenho, a Acascs abria mais uma mostra, no Edifício Vitória. Na oportunidade, a arte contemporânea foi o enfoque do evento, que, sob a coordenação de Sinval Correia Soares, foi protagonizado pelos seguintes artistas (alguns deles já tinham marcado presença na mostra anterior da instituição, em 1963): Alberto Aliberti (escultura), Bernard Leduc (cerâmica decorativa), Jayme da Costa Patrão (cerâmica artística), Joel M. Linck (desenho), Nelson Sotto Maior (pintura), Paco Romero (pintura) e Sinval Correia Soares (pintura e escultura).

Para enriquecer a exposição, uma conferência com o então diretor do Museu de Arte Contemporânea, professor Walter Zanini, foi programada para o dia 14 daquele mês de outubro, na sede da Acascs. Em uma avaliação acerca das realizações da instituição, no ano de 1964, Sinval Soares, responsável pelo departamento de artes plásticas, expôs quais eram os planos da associação para 1965, destacando a pretensão de se dar continuidade às mostras coletivas que, desde pelo menos 1962, a Acascs vinha promovendo:

Pretendemos, em junho de 1965, realizar uma Exposição Coletiva com participação dos novos artistas da Acascs, sendo que o referido Salão constituir-se-á de tódas as tendências, ou seja, arte acadêmica e moderna, com premiação para os melhores trabalhos.¹⁰

Buscando informações sobre essa exposição, encontrei um registro que acena para a possibilidade de tal mostra ter sido, de fato, organizada, mas não em junho, como previsto, e sim a partir do mês de agosto, como parte da programação oficial dos festejos do 88º aniversário de São Caetano do Sul. Embora não tenha conseguido levantar mais dados sobre o evento, ele deve ter sido mesmo observado, uma vez que foi anunciado, junto àquela programação, dias antes de sua abertura.

Levando em consideração a envergadura da mostra, não só pelas ideias prenunciadas por Sinval, no final de 1964, mas, principalmente, em razão de ter integrado o calendário de atividades comemorativas ao aniversário da cidade, é, no mínimo, curioso eu não ter conseguido reunir mais detalhes a respeito dela nas fontes pesquisadas. Mas, por outro lado, pude perceber que o ano de 1965 foi bastante dinâmico para o departamento de artes plásticas da associação, com a descoberta de novos talentos, como foi o caso do escultor Danilo Polidoro, e a participação em exposições ocorridas fora de São Caetano. Dessas mostras, destaque para a que foi organizada pelo Lions Club de Jacareí, que contou com a colaboração de Sinval Correia Soares, além da realizada por ocasião da 1ª Feira Industrial de Móveis, Adornos e Decorações, no espaço dos antigos estúdios cinematográficos da Vera Cruz, em São Bernardo do Campo. Promovida a partir do mês de maio de 1965, essa exposição contemplou obras de Sinval Soares, Danilo Polidoro, Agenor Francisco dos Santos e Aluísio Domingos.

No período em que a referida mostra aconteceu, o município de São Caetano já estava sob a gestão do prefeito Hermógenes Walter Braidó. Durante seu mandato, foi criado o Salão de Arte Contemporânea, em um contexto histórico bastante favorável ao desenvolvimento das artes plásticas na localidade. A filosofia de seu governo e o cenário

Nelson Infanti discursando durante a abertura da exposição de arte contemporânea da Acascs, em 11 de outubro de 1964. Ao fundo, observa-se o então prefeito, Anacleto Campanella

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



até então configurado pelas ações da Acascs na área convergiam no sentido de fomentar uma demanda em prol de uma iniciativa oriunda da municipalidade que pudesse incrementar ainda mais o processo de criação e difusão das artes.

A organização de um salão oficial de artes plásticas já era um sonho antigo em São Caetano e a Acascs era a instituição que pola-

rizava esse anseio, por estar na vanguarda do empreendedorismo artístico local. A entidade, ao se firmar como uma vitrine de ações, ideias e projetos culturais, atrairia para si a condição de articuladora dos interesses e necessidades dos artistas que nela militavam, colocando-se, naturalmente, como porta-voz de suas reivindicações. Em 1964, a expectativa em relação a esse papel político em potencial da instituição ficou expressa em uma solicitação de Sinval Correia Soares, divulgada em *O Acascs Jornal*, nos seguintes termos:

Informa-nos ainda Sinval que pleiteou junto à diretoria da Associação para que solicitasse da Prefeitura a organização de um Salão Oficial de Artes Plásticas que possibilitaria a realização de promoções de âmbito estadual.¹¹

Não foi possível saber quais foram os desdobramentos pontuais da mencionada solicitação, mas uma hipótese pode ser aventada. Não teria tal demanda ressoado nos bastidores das discussões para a criação do Salão de Arte Contemporânea, em 1967? Não teria ela chegado às forças que estavam à frente do poder público municipal, na época? Questões à parte, o certo é que havia um quadro conjuntural histórico favorável à decretação de medidas em prol da difusão de diversas linguagens culturais, das quais é fruto a instituição daquele Salão de Arte Contemporânea. Se, por um lado, as condições históricas foram decisivas para o seu surgimento, por outro, não se pode negar o contributo deixado pela Acascs, que o deve ter

inspirado, a partir das exposições que realizava.

Um quadro conjuntural histórico favorável à criação do Salão de Arte Contemporânea- Em 1967, ano da criação do Salão de Arte Contemporânea, o município de São Caetano do Sul passava por uma ampla reestruturação em todos os segmentos. Aliado da gestão de Hermógenes Walter Braidó, na qualidade de órgão divulgador dos atos da prefeitura, o *Jornal de São Caetano* veiculava, com frequência, os feitos da administração, por meio de matérias e reportagens que, embora apresentem um tom de propaganda, fornecem um panorama da situação:

[...] dinamismo da administração municipal, cujo prefeito vem se constituindo num autêntico gigante em realizações, semeando nos quatro cantos da cidade obras que ficarão para a posteridade. No setor da administração pública, S. Caetano do Sul é hoje em dia uma cidade em revolução.¹²

Em outro texto, o jornal em questão argumenta, sucintamente, sobre as razões que fizeram de São Caetano uma cidade nova, naquela segunda metade da década de 1960:

[...] os serviços públicos, além de racionalizados, foram ampliados. Atualmente, já não existe mais ruas sem calçamento em S.C.S, sem rede de esgoto, sem rede domiciliar de água e sem iluminação [...]¹³

Inúmeros outros textos com o mesmo teor foram publicados, merecendo especial aten-

A organização de um salão oficial de artes plásticas já era um sonho antigo em São Caetano e a Acascs era a instituição que polarizava esse anseio, por estar na vanguarda do empreendedorismo artístico local

ção os alusivos à pauta da educação. Carro-chefe do governo Braidó, o segmento educacional absorveu os maiores investimentos e realizações de sua gestão, que, por força disso, notabilizou-se pelo slogan: “São Caetano do Sul, uma cidade onde escola não é problema”. Beneficiada pela concessão de verbas e assinatura de convênios junto ao governo estadual, a política municipal impressa à área da educação foi alvo de reconhecimento e elogios, como os proferidos pelo secretário dos negócios da educação do Estado de São Paulo, para quem a localidade sul-são-caetanense era o município “mais bem dotado de escolas de todo o Brasil”¹⁴, na época.

A atenção reservada à educação favoreceu o delineamento de uma política cultural, que foi decisiva para a idealização de projetos e ações na área. A organização de um aparato burocrático para gerir e respaldar os assuntos de interesse foi também providencial para a viabilidade de tal política, uma vez que, dentro do departamento de educação, havia uma seção destinada, exclusivamente, à cultura. No decorrer da gestão Braidó, iniciativas importantes foram concebidas e concretizadas por meio da Seção de Cultura, privilegiando distintas modalidades do vasto leque artístico, tais como a dança, a música e as artes plásticas.

Foi sob tal contexto histórico que se observou o surgimento de instituições municipais renomadas, como a Escola de Bailado (1965) e a Fundação das Artes (1968). No que tange às artes plásticas, a criação do Salão de Arte Contemporânea foi um marco. Instituído pela lei nº 1.560, de 27 de abril de 1967, tinha como intuito abrigar exposição de trabalhos de artistas da cidade, anualmente, como parte da programação dos festejos de aniversário de São Caetano. Sua proposta era compreender as seguintes manifestações: pintura, escultura, artes gráficas e artes decorativas, com previsão de premiação em di-

nheiro (além de medalhas e troféus) para cada uma delas. As obras premiadas deveriam integrar o acervo da municipalidade.

Uma comissão executiva foi instituída para reger o salão, cuja promoção ficaria a cargo do Departamento de Educação e Cultura. Tal comissão teve, durante a primeira edição do Salão de Arte Contemporânea, os seguintes membros: Oscar Garbelotto (então responsável pela Seção de Cultura do Depec), Sinval Correia Soares, Alberto Aliberti, Arnaldo Ferrari e Milton Andrade. Realizado entre os dias 30 de julho (data de sua abertura) e 30 de agosto, foi instalado no Edifício Del Rey, na Rua Baraldi, nº 1.005. Para o decorrer do evento, foi prevista a organização de palestras com temáticas alusivas à arte.

Dias antes da abertura do salão, o *Jornal de São Caetano* forneceu um panorama a respeito dos trabalhos inscritos e da origem dos artistas participantes. Segundo consta, cerca de 370 obras, entre trabalhos de pintura, escultura, arte decorativa e arte gráfica, compunham o acervo da mostra, na primeira quinzena de julho, totalizando, até aquele momento, 143 artistas inscritos, provenientes de São Paulo, Santo André, São Bernardo do Campo, Mauá, Santos, Campos do Jordão e Jaboticabal. Uma vez inscritas, as obras deveriam passar pela avaliação de uma comissão de seleção e julgamento, constituída pelos seguintes integrantes: Arnaldo Ferrari, Alberto Aliberti, Geraldo José Vieira, Mario Schemberg e Walter Levi.¹⁵ Entre os artistas participantes dessa primeira edição do salão, estavam nomes como os de Massuo Nakakubo, Hermelindo Fiaminghi, Niobe Xandó e João Suzuki.

Além deste, outros dez salões foram realizados na cidade, de maneira não consecutiva, até 1988. Por força do decreto nº 7.009, de 8 de março de 1993, as obras de arte premiadas nesses salões e adquiridas pela municipalidade passaram a ficar sob a guarda da Fundação Pró-Memória



Agenor/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

de São Caetano do Sul, fato que, anos depois, desencadeou a inauguração da Pinacoteca Municipal, que se constitui em uma das frentes de atuação da mencionada fundação.

Mais que projetar artistas e revelar novos talentos, o surgimento do Salão de Arte Contemporânea trouxe à tona a face empreendedora da administração pública municipal no tocante à promoção das artes, evidenciando os meandros que compuseram as tramas e as conjunturas históricas sob as quais aquele perfil da municipalidade foi gestado. E esta, aliás, foi a proposta deste artigo: a de enveredar-se por caminhos que pudessem levantar reflexões acerca da historicidade que esteve por trás do desenvolvimento das artes plásticas em São Caetano do Sul (não só pela perspectiva das iniciativas do poder público municipal), no período situado entre 1962 e 1967. **R**

O escultor Agenor Francisco dos Santos foi um dos protagonistas no cenário das artes da cidade, nos anos 1960. Presença certa nas exposições organizadas pela Acascs, o artista teve seu trabalho requisitado pela municipalidade em 1967. Por meio dessas requisições, a administração municipal deixou transparecer sua concepção urbanística ideal, condizente com o quadro efervescente de um município que vinha passando por uma ampla reestruturação em todos os segmentos. Na imagem, Agenor dos Santos aparece ao lado da escultura em homenagem à mãe preta, encomendada pela prefeitura e instalada no Parque Municipal José Alves dos Reis (Bosque do Povo), no Bairro São José, em dezembro daquele ano



Agenor/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Cartaz de divulgação do 1º Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, realizado entre os dias 30 de julho (data da abertura) e 30 de agosto de 1967, no Edifício Del Rey, situado na Rua Baraldi, n° 1.005

NOTAS

- CONCHA Acústica abandonada. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVI, n. 897, p. 3, 27 jan. 1962.
- Ibidem, p. 3.
- CONCHA Acústica. Abandonada, a mais linda concha acústica do Brasil não está sendo utilizada. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVII, n. 962, p. 3, 20 abr. 1963.
- A Aliança para o Progresso foi um amplo programa cooperativo encabeçado pelos Estados Unidos, no contexto da Guerra Fria, para acelerar o desenvolvimento econômico e social da América Latina e conter o avanço do ideário socialista na região.
- ABC pede ajuda ao exterior. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVIII, n. 1001, 1ª página, 18 jan. 1964.
- EXPOSIÇÃO de arte do Centro Acadêmico iniciou os festejos do 85º aniversário. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVII, n. 924, p. 3, 1º Caderno, 28 jul. 1962.
- ASSOCIAÇÃO Cultural e Artística de São Caetano do Sul comemora aniversário. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVII, n. 949, 19 jan. 1963.
- AGENOR e Sinval expõem em S.C.S. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVII, n. 933, p. 4, 29 set. 1962.
- PINTURA projetará São Caetano em todo o Estado. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVII, n. 971, 1ª página, 22 jun. 1963.
- A arte e o Natal. *O Acascs Jornal*, São Caetano do Sul, ano II, n. 21 e 22, p. 18, nov. e dez. 1964.
- SINVAL. *O Acascs Jornal*, São Caetano do Sul, ano II, n. 16, 1ª página, jun. 1964.
- JORNAL de São Caetano, São Caetano do Sul, ano XXII, n. 1.184, 1ª página, 30 jul. 1967.
- CIDADE nova. Por que? *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XXII, n. 1.184, p. 2, Suplemento Especial Comemorativo aos 90 anos de São Caetano do Sul e aos 21 anos do *Jornal de São Caetano*, 30 jul. 1967.
- POR QUE em S. Caetano do Sul escola não é problema. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XXII, edição extra, p. 2, 3 ago. 1967.
- SALÃO de Arte Contemporânea será sucesso. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XXI, n. 1.182, p. 4, 15 jul. 1967.

CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É HISTORIADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA PUC-SP.

Neusa Schilaro Scaléa

QUATRO DÉCADAS, UM ACERVO

“A arte sempre penetra pelas frestas particulares da vida psíquica de cada um.”

(Stephen Greenblatt, in *A Virada – O nascimento do mundo moderno*. Ed. Cia. das Letras. 2012)

O período que se seguiu à 1ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo, em 1951, e, posteriormente, às comemorações do quarto centenário da cidade, em 1954, foi fecundo para a arte brasileira. A Bienal, como acontecimento não só artístico, mas também social e político, repercutia nos meios de comunicação e ampliava o acesso à arte. Propostas inovadoras e instigantes de artistas brasileiros e internacionais foram apresentadas a um público incentivado, que apreciou a “novidade”. Por sua vez, as comemorações dos 400 anos da capital contemplavam as artes com espetáculos musicais de alta qualidade, e também com mostras de artes visuais, cenografias e dança, uma efervescência cultural que fez com que galerias e *marchands* se proliferassem para apresentar e comercializar a produção artística daquele momento.

A arquitetura - representada no Parque do Ibirapuera por Oscar Niemeyer - era parte integrante do desejo por novas formas de representação artística. O abstracionismo geométrico ou o abstracionismo lírico entravam definitivamente no circuito de obras a serem apreciadas por um número cada vez maior de pessoas.



Salão expositivo da Pinacoteca Municipal pronto para a exposição *Pinacoteca 10 anos - Artes Visuais em São Caetano do Sul*, promovida em 2012

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Tardiamente, mas dentro do contexto daquele momento, a “modernidade” finalmente encontra seu público e passa a ser aceita, mais por saturação com o excesso de academismo do que por arrojo.

Acontece, então, uma situação antagônica: o mercado de arte se estabelece e, ao mesmo tempo em que ameaça engessar o fazer artístico em linguagens inovadoras que se consolidavam, como o abstracionismo, auxilia, pois divulga e

estabelece uma ponte para o artista.

É neste momento que se consolidam o Museu de Arte Moderna de São Paulo (1948), o Museu de Arte de São Paulo (1947 – em 1968, passa a ocupar o prédio atual) e, depois, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (1963) e a Pinacoteca do Estado (1975, com a direção de Aracy Amaral). Com o início de um regime de exceção, em 1964, os artistas sofrem a pressão da falta de liberdade, e a atua-

Sepp Baendereck, *Glória*, óleo sobre tela, 1969

ção em regiões centrais, como a capital paulista, torna-se cada vez mais cerceada.

Em São Caetano do Sul, em 1967, um grupo de intelectuais idealistas, liderados por Milton Andrade, propõe ao prefeito a criação de um salão de arte. Esse mesmo grupo entusiasmado consegue formatar e inaugurar uma nova escola que passa a funcionar a partir de 1968: a Fundação das Artes de São Caetano do Sul.

Os salões tinham como propósito incentivar a produção artística do município e formar um acervo contemporâneo. À Fundação Pró-Memória coube, a partir do ano 2000, resguardar as obras e a documentação remanescentes desses salões.

Algumas delas chegaram à instituição depois de permanecerem expostas em vários departamentos da municipalidade e apresentavam sinais de excessiva exposição à luz e à manipulação incorreta. De outras, só restaram os registros - principalmente obras tridimensionais que, presume-se, tenham sofrido tratamento inadequado, expostas a intempéries. Portanto, podemos considerar que, fisicamente, esse acervo passou a ser resguardado a partir de 2001. Na Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, os itens foram patrimoniados, catalogados e registrados fotograficamente e digitalmente, criando-se arquivos com dados biográficos dos artistas, anotações sobre as origens dos trabalhos e documentação relativa às aquisições e doações.

Desde então, várias ações têm sido implementadas para, não só ampliar o acervo da Pinacoteca em número de obras, mas também para propiciar pesquisas e contínuo trabalho de acompanhamento artístico e qualitativo. Pertencem a esse acervo trabalhos bastante representativos desse período, obras de artistas que, mais tarde, teriam atuação destacada na arte contemporânea, e outras que foram sendo agregadas. São pinturas, *assemblages*, colagens, desenhos,

Colette Pujol, s/ título, desenho em pastel seco sobre papel, c.1960/1970



aquarelas e gravuras, com predominância desta última linguagem. Os suportes também são variados, como papel, madeira, tela e metal.

O acervo da Pinacoteca Municipal não se destaca pela quantidade de obras (são 439 no total, sendo 135 remanescentes dos salões de arte), mas sim por sua representatividade no contexto da história da arte brasileira.

Algumas obras dos salões – Serão elencadas aqui obras que pertencem a esse importante acervo. Do I Salão, realizado em 1967, um único e significativo trabalho em tela de Niobe Xandó busca nos fazeres indígenas a simplicidade das linhas e da representação. Nesse mesmo ano, há obras concretistas de Hermelindo Fiaminghi, como *Reticulação luz*, em papel sobre madeira. Massuo Nakakubo e João Suzuki trazem desenho e pintura, representativos dos artistas nipo-brasileiros.

No ano de 1968 acontece o II Salão de Arte Contemporânea. Ubirajara Ribeiro apresenta três obras de pintura em madeira. Ernestina Karam, uma *assemblage* em madeira e peças de metal. João Parisi inspira-se nos personagens de quadrinhos e produz quatro pinturas em madeira, e Antonio Henrique Amaral apresen-

ta a tela figurativa denominada *Incomunicação*.

O III Salão, em 1969, traz um trabalho em óleo sobre tela de Sepp Baendereck. Claudio Tozzi inspira-se em Roy Lichtenstein para sua obra *Ligação Telefônica*, pintura sobre madeira. Sergio Ederly produz a tela *Tímeo*, possível referência ao historiador grego. E há ainda colagens de Rubem Rey, denominadas *Kish Paka I e II* e *Cafonismo I e II*. Aluísio Domingos dos Santos também trabalha com colagem sobre madeira, com relevo, mas sem figuração.

Em 1970, o IV Salão apresenta trabalhos de Sinval Correia Soares, como *Pintura 60* e *Pintura 70*, e ainda *Homilia*, acrílico sobre aglomerado, de Paulo Chaves, e, de Vicente Di Franco, uma obra em técnica mista. No ano seguinte (1971), a quinta edição do Salão nos deixou *Nossa Senhora de todos os portos*, gravura em metal de Hans Sullivan Grudzinski.

Já no VI Salão, em 1973, Rubens Ianelli apresenta *Composição I* e *Composição II*. Lucilia Mezzotero nos traz a xilogravura *Meninas* e Vânia Pereira, uma gravura em relevo. No VII Salão (1974), João Suzuki retorna com a obra em papel *Magia 3*, e Manfredo de Souza Netto utiliza gravura em

sua obra *Memórias da Paisagem I*. Há ainda a pintura *Bumba meu boi*, de J. Kissin.

No ano de 1975, no VIII Salão, são apresentadas duas gravuras de Ana Alice. Claudio Tozzi realiza um tríptico em tela denominado *Interferências*. Há ainda gravuras de Kenichi Kaneko e Massuo Nakakubo, e a *Paisagem Urbana*, em massa acrílica, de Duílio Gallo. Hannah Brandt participa com a xilogravura *Folhas Soltas*. Nesse mesmo ano, Vânia Pereira expõe a obra *Voe Planando*.

No IX Salão (1976), Evandro Carlos Jardim traz a gravura *Madrugada*. Claudio Tozzi se apresenta com *Dissociação de cores* e Gregório Gruber, com quatro obras em pastel e lápis. Rubens Gerchman, com fotocópias em papel e monotipia. Já em 1979, no X Salão, Silvio Dworecki traz a pintura figurativa em tela *Terra e Ar*. Hélio Vinci apresenta três xilogravuras, Sergio Niculitcheff, uma pintura sobre madeira e Maty Vitart, duas pinturas da série *Ícaro em uma visão contemporânea II e III*. Luis Guimarães apresenta desenhos da série *Torturados e torturadores*.

Da décima primeira e última edição do Salão (1988) podem ser ressaltadas obras de João Fabio Moskas, entre elas *Soltando balão*. Flávio Abuhab



Iole di Natale,
Venezia n.
1, aquarela
sobre papel,
2008

Acrvo/Princetea Municipal - Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Lucio
Pegoraro,
Vaso Branco,
óleo sobre
tela, 2004

participa com uma colagem, e Nelson Raposeiro, com *Árvores*, em óleo sobre tela.

Além dessas obras, a Pinacoteca Municipal também tem recebido doações de artistas ou apreciadores de arte. Algumas pessoas questionam a não continuidade dos salões de arte como forma de premiar artistas e incrementar acervos. Aos que defendem essa ideia, podemos responder que os salões foram importantes no período em que ocorreram, tendo surgido para dar continuidade ao mecenato do Estado e dentro de uma estética acadêmica, na qual a arte era medida pela técnica aprendida pelo artista, entre outras coisas.

O fazer artístico contemporâneo dificilmente pode aceitar uma medida ou uma competição – arte não é esporte. A competitividade e o consumismo podem ferir o trabalho sério e isento de influências deletérias de entidades e pessoas cujo único interesse é a continuidade e preservação da liberdade artística.

Um acervo em crescimento

- Na Pinacoteca de São Caetano, o cuidado para que o espaço expositivo receba uma produção de bom nível possibilitou mostras de grandes nomes da arte contemporânea brasileira e de artistas internacionais, sem se descuidar para que esse mesmo espaço receba artistas iniciantes, inéditos e estudiosos, com bons trabalhos, mas pouco divulgados.

Merecem destaque ações que muito cooperaram para o aumento do número de obras do acervo, em especial o projeto *Diálogos - o artista e sua obra, o artista e seu tempo*. A intenção é possibilitar o contato com artistas que têm obras no acervo, que participaram dos salões, para

que possam exibir sua produção recente. Esse programa de exposições vem possibilitando o recebimento de doações dos próprios artistas ou seus representantes, além de fornecer dados para atualização dos arquivos da Pinacoteca.

Dentro desse programa de exposições, os trabalhos de Gregório Gruber, de 1976, receberam a companhia de *Tamanduateí*, litogravura de 2001. Em 2014, Gruber voltou à Pinacoteca com seus dois filhos artistas, Lorena Hollander e Lucio Tamino, na mostra *Triplopia*.

As obras de José Parisi são bastante representativas de um fazer já sugerido pelos desenhos em quadrinhos dos anos 1970. Convidado pela instituição em 2009, ele visitou a mostra que apresentava suas obras, mas não contribuiu com produções recentes, pois declarou que havia desistido da arte. Formou-se em direito e tornou-se escritor, mesmo tendo sido artista premiado aos 21 anos de idade.

Sergio Niculitcheff também participou de *Diálogos* e doou uma tela. De Hannah

Brandt, a Pinacoteca recebeu a xilogravura *Árvore da Vida*. Em 2001, Hannah nos informou que, devido a limitações por problemas de saúde, parou de fazer gravuras, mas sabemos que continua a pintar e desenhar com a mesma qualidade.

Nos anos 1990, João Suzuki começou a realizar obras sobre pedaços de madeira que sofreram ação do tempo e das intempéries, coletadas no litoral. Dois exemplares dessa nova série já constam em nosso acervo. Sinval Correia Soares foi um dos primeiros a participar do projeto *Diálogos*, justamente por ter sido premiado nos



Foto: Antonio Reginaldo Camboni (FPMACS)

Público aprecia obras dos artistas participantes da 1ª Vitrine de Arte - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul, realizada em 2003



Foto/Antônio Reginaldo Cariboni (FPMSCS)

Ateliê Pedagógico: de portas abertas para artistas da cidade e região, bem como para a população em geral



Foto/Antônio Reginaldo Cariboni (FPMSCS)

Palestra proferida pelo artista plástico Gregório Gruber e seus filhos Lucio Tamino e Lorena Hollander, em outubro de 2014



Foto/Antônio Reginaldo Cariboni (FPMSCS)

Estudantes participam de visita monitorada como parte do projeto *Agir e Interagir - Arte e Criação*. Foto de 2014



Foto/Antônio Reginaldo Cariboni (FPMSCS)

Em 2008, a Pinacoteca participou do *Aquarela Internacional* e expôs obras de artistas brasileiros e de outros países

primeiros salões. Doou à Pinacoteca seu primeiro quadro, datado de 1957.

Duas obras de Maria Bonomi, produzidas em 2000, *Polifemo* e *Kardec*, foram adquiridas junto ao mestre impressor Roberto Gyarfi. Marcia Kikuchi doou uma obra em tela de 2006, quando participou de mostra simultânea com obras de Colette Pujol.

Colette deixou seu acervo para um grupo de alunos e amigos, que preserva o seu ateliê e procura entidades respeitáveis para depositar seus trabalhos e esboços. São obras figurativas, de tendência acadêmica, mas já presumindo um fazer contemporâneo - como os 33 trabalhos da artista, datados de 1969 a 1980, que passaram a fazer parte do acervo da Pinacoteca Municipal a partir de 2005. São desenhos em pastel seco e carvão dessa paulistana que estudou na França, possuía um estúdio no centro da capital paulista e dava aulas em seu ateliê e na Escola de Belas Artes de São Paulo (hoje, Centro Universitário Belas Artes de São Paulo).

Da artista Setsuko, há uma série de fotografias com interferências, de 1981. Há ainda uma xilogravura de Nebojsa Lazic, de 1994, doada pelo mestre impressor Roberto Gyarfi. Dele, a Pinacoteca também recebeu duas obras de Aldeir Martins. Tony Gonzagto deixou suas esculturas em papel, de 2007, depois de participar da mostra *Tridimensionais*, e mais recentemente, em 2015, obras que integraram a terceira edição do projeto *Curto-circuito*.

Quando a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul publicou o livro *Pegoraro*, o artista da cidade Antonio Lucio Pegoraro doou à Pinacoteca duas obras em tela: *Vaso Branco* e *Villares*. Participante e incentivadora do evento *Aquarela Internacional de São Paulo 2008*, a artista italiana Iole di Natale nos presenteou com a obra *Venezia número1*. De Gyarfi, em 2013, o acervo recebeu

Asnos preferem palha a ouro, litogravura de Luiz Armando Bagolin, de 1996.

Intercalando mostras de grandes nomes da arte brasileira, internacionais e novos artistas, e visando incentivar a apreciação e o fazer artístico, foram criados os projetos *Agir e Interagir - Arte e Criação*, voltado à formação de público, *Vitrine - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul* e *Curto-circuito*, que apresentam obras de artistas iniciantes e estudantes de arte.

Sendo a Pinacoteca Municipal um setor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, há um comprometimento com a pesquisa e a educação. O projeto *Agir e Interagir* possibilita aos educadores e educandos um contato completo com a arte, pois todos são atendidos nas visitas às exposições e no Ateliê Pedagógico, onde realizam atividades pertinentes às obras expostas.

O fato desta instituição possuir o controle de todos os processos de pesquisa, preservação e exibição, não só do acervo, como também das mostras periódicas, com funcionários habilitados e treinados, possibilita melhores resultados em termos de atendimento ao público e melhor aproveitamento das verbas destinadas à autarquia. A dinâmica e os propósitos da instituição consideram que a terceirização, nos casos de arquivos e museus de arte, deve ser a mínima possível, pois, para esses fazeres, requer-se mais do que técnica e conhecimentos, são necessários sensibilidade, envolvimento e comprometimento com memória, história e arte. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Antonio. *João Suzuki*. Santo André: Alpharrabio.
 MENDES de Almeida, Paulo, *De Anita ao Museu*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
 SANTA ROSA, Schilaro Nereide. *Retratos da Arte*. São Paulo: Leya, 2006.

NEUSA SCHILARO SCALÉA

É FOTÓGRAFA, ESPECIALISTA EM CURADORIA E EDUCAÇÃO EM MUSEUS DE ARTE PELO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (MAC-USP) E É COORDENADORA DA PINACOTECA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.



Valdo Rechelo

O ARTISTA E O ENSINO DA ARTE NA FUNDAÇÃO DAS ARTES



Arquivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Ateliê de pintura
para turma de
adolescentes

(...) Que arte na realidade não se aprende. Existe, é certo, dentro da arte, um elemento, o material, que é necessário por em ação, mover, para que a obra se faça.

(Mário de Andrade, no texto *O artista e o artesão*, in *O baile das quatro artes*)

Em 25 de abril de 1968, foi inaugurada a Fundação das Artes, um projeto ousado do então prefeito de São Caetano, Hermógenes Walter Braido, que tinha o objetivo de criar no município um polo cultural. Para idealizar o projeto, foi convidado Milton Andrade, que dirigiu esse centro de formação artística por 16 anos. As ativi-

dades tiveram início com a criação da Escola de Música. Nos meses seguintes, vieram as escolas de teatro e dança. Um ano depois, em outubro, foi a vez da Escola de Artes Visuais completar o quadro, que se mantém até hoje.

As quatro escolas, embora promovam a formação em linguagens artísticas, têm características distintas ao abordar seus conteúdos e apresentar suas pesquisas. Como

parte desse processo, os alunos apresentam atividades musicais, montagens de peças teatrais, espetáculos de dança e exposições de artes. Mesmo com suas particularidades, o ponto em comum entre as quatro escolas é a exigência de que os alunos conheçam intimamente a linguagem de sua área, para que a expressão aconteça com toda fidelidade necessária.

O artista e o ensino da arte - Quando os orientadores do Ateliê de Artes Visuais da Fundação das Artes se referem ao ensino da arte, na verdade, estão se referindo aos processos de experimentação técnica e sua movimentação para a feitura do trabalho e, neste aspecto, a arte se confunde com o artesanato, pelo menos naquilo que se aprende. Pode-se afirmar, sem margem de erro, que todo artista tem de ser, ao mesmo tempo, um artesão.

Ao observarmos a carreira de qualquer grande pintor, escultor ou músico, encontraremos sempre um bom artesão. Conhecer os segredos, caprichos e exigências do material é assunto que se ensina, e fugir disso será prejudicial para a obra de arte. Um artista que não domina sua linguagem terá sua produção comprometida pela falta de conhecimento, mesmo sendo considerado um artista.

Partindo-se desse princípio, tem-se, no ateliê, o fio condutor dos encontros entre os artistas orientadores e seus alunos, no estímulo à pesquisa, à experimentação de material e, principalmente, à história da arte, que funciona como suporte e fundamentação de qualquer ação. Não se reforçam métodos tradicionais, que valorizam a razão como objetivo, parte-se da experiência sensorial e estética, no despertar da habilidade



Ateliê de aquarela para adultos (turma de iniciantes)



Ateliê de cerâmica para turma de adolescentes

do fazer e pensar arte, ver e observar, e produzir mensagens visuais.

Os orientadores do Ateliê de Artes Visuais da Fundação das Artes são artistas com assídua produção e pesquisa constante, tornando-se assim conhecedores dos processos na descoberta da poética. Pode dizer-se que poética é o projeto que cada um tem dentro de si e que precisa ser estimulado para que a obra venha à luz. Todos que procuram uma linguagem visual têm este desejo, de descobrir seu projeto, sua poética. Esta busca é tarefa árdua, mas que será recompensada no futuro, quando se perceber, após domínio na movimentação do material, a produção e reflexão das questões relacionadas à arte.

Nesse aspecto, o artista orientador tem papel fundamental no desenvolvimento e amadurecimento da poética, sendo ele quem melhor poderá, por meio de sua sensibilidade, indicar o caminho mais adequado na busca e realização do projeto pessoal. Ele carrega sua experiência vivenciada na realização da obra. Sem este fazer artístico, o diálogo fica completamente árido. É a produção do artista que reforça e alimenta o conteúdo

Ateliê infantil durante aula externa no jardim do Ateliê da Fundação das Artes



Arquivo/Fundação das Artes de São Catarina do Sul



Detalhe de exposição na Fundação das Artes, em novembro de 2012

Arquivo/Fundação das Artes de São Catarina do Sul

de suas aulas. Os artistas orientadores da área de artes visuais da Fundação são artistas contemporâneos, assim, suas aulas são fruto dessa maneira de ver a arte e o mundo. Os desafios do trabalho cotidiano, descobertas e reflexões são partilhados com os alunos, transformando-se em estímulo para que cada um descubra sua poética.

As aulas são norteadas por desafios, provocações e estranhamento, não existindo uma área de conforto nem um assunto específico. Pode ser que o motivo da aula, em determinado dia, seja um olhar para a mudança de estação, um material ou um objeto encontrado ao acaso, qualquer coisa pode servir de pretexto para a criação artística. O tempo todo o artista orientador provoca seus alunos, sejam crianças, adolescentes ou adultos. Essas provocações são adequadas a cada faixa etária, mas o teor do desafio é o mesmo a todos: mostrar artistas de diversas culturas, chamar atenção para as diferenças e reforçar a ideia de que não existe um padrão a ser seguido. O objetivo de se ter como assunto das aulas a mudança de estação, um objeto, sons, cores, sabores, aromas é o de despertar os sentidos e a percepção.

As experiências vivenciadas no Ateliê de Artes Visuais são marcantes e perduram por toda a vida. O fato de os alunos estabelecerem contato com outros artistas, serem desafiados a cada proposta e frequentarem exposições muda suas posturas e visão de arte, deixando de existir conceitos pré-estabelecidos, como bonito e feio, certo ou errado. Passam a existir pessoas com um olhar atento, crítico, capaz de identificar sutilezas na expressão artística.



Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Abertura da exposição *Mensagem de Náufrago*, realizada em comemoração aos 47 anos da Fundação das Artes, em 2015

Nesse cenário fértil, o processo artístico é desenvolvido em clima de plena liberdade. Essa forma de trabalhar, na qual o processo artístico é calcado em pesquisa e experiências, aprimora o fazer artístico e todos se sentem livres e acolhidos. O Ateliê passa a ser um espaço de pesquisa, estudo e de convívio, fatores fundamentais para a criação artística, levando a todos experiências e boas recordações, que serão revividas em diversos momentos. **R**

Abertura de exposição dos alunos do Ateliê de Artes Visuais da Fundação das Artes, em março de 2013



Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Equipe e estrutura - A equipe de professores da Escola de Artes Visuais é formada por seis artistas plásticos. Para ingressar em qualquer ateliê, não é necessário nenhum conhecimento prévio. A Fundação das Artes aceita alunos a partir dos 5 anos de idade para os cursos de artes visuais.

De 5 a 7 anos, as crianças podem participar do Ateliê Infantil que, por meio de aula semanal, entram em contato com os mais diversos materiais e linguagens, realizando propostas em pintura, desenho, colagem, modelagem e cerâmica. Alunos dos 8 aos 11 anos encontram-se duas vezes por semana no chamado Ateliê de Crianças. As propostas seguem o ritmo de investigação, tendo os materiais como veículo para a realização de seus projetos em desenho, pintura (com guache, aquarela e acrílico), modelagem, gravura e cerâmica.

O Ateliê de Adolescentes trabalha com alunos de 12 a 17 anos, também duas vezes por semana. Este curso propõe um aprofundamento nas

diversas técnicas e linguagens, possibilitando melhor resultado no produto final de seus projetos. O curso contempla e prepara os alunos que pretendem cursar graduação em artes plásticas, educação artística, arquitetura ou comunicação social.

Os alunos a partir dos 18 anos são inscritos no Ateliê de Adultos. Este curso tem como objetivo levar o estudante a passar por experimentações nas linguagens de desenho, gravura, aquarela e técnicas de impressão (monotipia, colagravura e impressão direta). Cada módulo tem duração de dois semestres, a começar pelo preparatório, que envolve iniciação no desenho e técnicas de impressão. Ao término do primeiro módulo, o aluno passa a fazer opções de linguagens para continuar suas experimentações no Ateliê. Para aqueles que concluem o curso e desejam dar continuidade à pesquisa na linguagem plástica, a Escola de Artes Visuais oferece aulas de desenvolvimento de projetos, auxiliando na realização de seu projeto pessoal.

FONTE
www.fascs.com.br

Alunos da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes em foto da década de 1980



Foto: Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

VALDO RECHELO

É ARTISTA PLÁSTICO, FORMADO EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA PELAS FACULDADES INTEGRADAS TERESA D'AVILA (FATEA). PÓS-GRADUADO, É ESPECIALISTA EM HISTÓRIA DA ARTE PELA FATEA, EM LINGUAGEM DA AQUARELA PELA FACULDADE SANTA MARCELINA (FASM), E EM GRAVURA PELO ATELIÊ IOLE DI NATALE. PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NAS FACULDADES INTEGRADAS CORAÇÃO DE JESUS (FAINC), É COORDENADOR E CURADOR DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS DA FUNDAÇÃO DAS ARTES DE SÃO CAETANO DO SUL.

ESPAÇOS DE ARTE NA CIDADE



Ao pesquisar edições do *Jornal de São Caetano* e do *Sancaetanense Jornal*, além de guias, catálogos e anuários da cidade, deparei-me com informações que, a princípio, por não serem o escopo deste texto, não despertaram em mim interesse. Minha intenção inicial era a de reunir referências concernentes apenas a ateliês de artistas plásticos residentes em São Caetano, em um contexto temporal pós-autonomia. Como a consulta ao material citado trouxe à tona também uma mescla de informações atinentes a estabelecimentos comerciais e industriais cuja natureza remete à arte, optei por não ignorá-las. Os dados levantados, contudo, são esparsos, prescindindo de profundidade. Mas, independente dessa questão, fica o registro, até porque é a partir de pequenas reminiscências e dispersos fragmentos que histórias são reveladas e memórias, constituídas. E esta é a minha finalidade neste trabalho: apresentar alguns espaços em que a arte foi idealizada, pensada, produzida, ensinada, difundida e comercializada.

As referências mais antigas encontradas pela pesquisa são do ano de 1952 e foram trazidas pelo guia geral *Isto é São Caetano*. Nessa publicação, dentre o numeroso rol de estabelecimentos comerciais e industriais relacionados, encontram-se alguns que, em razão de terem possuído ligação com o artístico, por ocasião dos produtos que fabricavam ou vendiam, julguei importante mencioná-los, conforme segue:

RELANCES DE INSPIRAÇÃO E MEMÓRIA

Alunas de pintura de Maria Inês Almendra Antunes. A partir da esquerda: Cecília Russo, Neusa Figueiroa, Márcia Ferreira Dias, Leda Batista e Rose

Acervo/Maria Inês Almendra Antunes



João Cavana – Casa de Quadros São João

Rua Santa Catarina, nº 261

Vidros, molduras, quadros, espelhos, etc.

Rocha & Bernardes Ltda.

Rua Santo Antônio, nº 255

Decorações, pinturas, etc.

F. Marinotti & Irmãos

Rua Manoel Coelho, nº 739

Fabricação de figuras de barro e estatuetas

João Batista Alonso Lopes

Rua Luiz D'Agostini, nº 51

Fabricação de louças de terracota, estatuetas, vasos e bibelôs

Minoru Toyoda

Rua Goiás, nº 1.064

Fabricação de estatuetas de barro

S. Toyoda & Cia. Ltda.

Rua Amazonas, nº 678

Cerâmica e fábrica de estatuetas de barro

O segmento de arte cerâmica tinha seu espaço junto às atividades econômicas locais, evidenciando, assim, o atrelamento histórico de São Caetano ao universo cerâmico. Em virtude de tal visibilidade no cenário socioeconômico sul-são-caetanense, não teria a arte cerâmica sido contemplada, na categoria de artes decorativas, em mostras de ponta, como as da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs) e em edições do próprio Salão de Arte Contemporânea do município?

Além dos destacados acima, outro estabelecimento do ramo de arte cerâmica foi captado pela pesquisa. Trata-se da Indústria Nacional de Artes Cerâmicas, fundada em 1953 e pertencente a Orlando Rodrigues de Almeida. Localizada

na Rua Espírito Santo, era especializada em artigos decorativos.

A Cerâmica Artística Da Costa também marcou época na cidade. Fundada em 1950, pertenceu, inicialmente, a Jayme da Costa Patrão e Renato Costa. Suas principais atividades eram pintura em porcelana, louças, faianças, mosaicos para bares e hotéis, letreiros, monogramas, cerâmica fina, vasos, louças decoradas e brancas, objetos de adorno, além de decalques e filetes.

No artigo *Arte, argila e cerâmica, raízes de nosso crescimento*, publicado no 24º número de *Raízes*, Sonia Maria Franco Xavier apresenta outras indústrias que atuavam na localidade produzindo, dentre outros artigos, objetos de adorno e decorativos, a saber: Cerart Agostinho Rodrigues, Porcelana Saviel, Virgílio Teixeira & Irmãos (atual Porcelana Teixeira), Cerâmica Regina, Porcelana Caramuru e Porcelana Royal.

Na medida em que a consulta ao conjunto de guias e anuários avançava, outros espaços de arte foram sendo revelados. Dentre esses espaços, destaque para duas escolas: o Instituto Rocha Pombo, que funcionou na Rua Conselheiro Lafayette, nº 610, e a Escola de Desenho 28 de Julho, que continua em atividade na Rua Santa Catarina, nº 25, Bairro Centro. Ambas instituições ofereciam curso de desenho artístico. A Escola 28 de Julho, situada no Edifício Fortaleza, disponibilizava também aulas de artes plásticas e decorações, além de desenho publicitário, de acordo com o *Anuário de São Caetano*, de 1978.

Cursos de pintura em gesso, tecidos e cerâmica eram ainda ofertados em certos espaços, como o Dandá (Rua Manoel Coelho, nº 659) e o Ana-Lu Artesanato, ambos divulgados em um guia informativo da cidade, em 1984. Este último também oferecia aulas de pintura em materiais como cortiça, *vitraux* e veludo.

Continuando na década de 1980, não posso deixar de mencionar a presença da Galeria

Multiarte no rol dos diferentes espaços artísticos de São Caetano. A informação sobre a referida galeria foi extraída junto ao *Sancaetanense Jornal*, que, em sua edição de 23 de novembro de 1985, noticiou:

Uma coletânea de 10 artistas vai inaugurar o novo espaço da Galeria Multiarte em São Caetano do Sul, no próximo dia 27 de novembro, às 21 horas, à Rua Rio Grande do Sul, 460.

Enido Micheline, Neide Margonari, Inos Corradin, Ferenc Kiss, Ferracioli, Paulo Penna, Herson, Jorge Branco, Milan Horvat e Sinval fazem a festa de inauguração compondo uma bela coletânea de suas obras.¹

Ainda em 1985, um projeto cultural idealizado pelo Serviço Social do Comércio (Sesc – unidade de São Caetano do Sul), com o apoio da prefeitura e da General Motors do Brasil, incrementou o mundo das artes

na cidade. Denominado *Viva São Caetano*, tal projeto tinha como objetivo a criação de novas formas de atuação cultural no município, a partir de iniciativas destinadas à recuperação e à preservação do seu patrimônio histórico. Realizado em outubro daquele ano, o *Viva São Caetano* compreendeu a apropriação de diferentes lugares da cidade por meio de uma intensa programação de eventos, da qual fizeram parte exposições históricas e de artes plásticas, além de apresentações musicais, teatrais e de dança. No que tange às artes plásticas, esta foi a informação divulgada pelo *Sancaetanense Jornal*:

O projeto tornou-se valioso instrumento para a conscientização e integração da comunidade no trabalho de recuperação e preservação de seu patrimônio histórico e cultural, oferecendo também uma oportunidade para os artistas locais mostrarem sua potencialidade ao grande público.



Foto/Neusa Schilans Sonda (PPM/MS)

Antonio Lucio Pegoraro no ateliê situado em sua residência, em 2006

O *Viva São Caetano* conta com aproximadamente 30 artistas plásticos da cidade, entre eles, Márcia Cristina Gonçalves de F. Bonesso, Maria Inês Almendra Antunes, Vilma Gonçalves Leal de Figueiredo e Felisberto de Nardi.²

É de se supor que esses artistas tivessem espaços onde pudessem, em momentos de refúgio e inspiração, produzir seus trabalhos. Mas, independente do local escolhido para tal, o importante era a fruição estética e criativa, que, inevitavelmente, resultaria em variadas obras para os mais diferentes gostos e sensibilidades.

O *Jornal de São Caetano*, ao apresentar, em 1962, o trabalho do escultor Agenor Francisco dos Santos, revelou que suas criações, em razão das características e dimensões, eram preparadas e lapidadas em pleno quintal de sua casa, na Rua Nelly Pellegrino.

Devido ao tamanho das suas esculturas, trabalha no quintal da modesta casa da Rua Nelly Pellegrino, esquina com Costa Ferro, onde se encontram ao relento as 7 estátuas de madeira que estão sendo preparadas para uma exposição. São figuras expressivas e marcantes de personagens do folclore afro-brasileiro.³

É evidente que os artistas contemporâneos de Agenor dos Santos, como Sinval Correia Soares, Alberto Aliberti, Aluísio Domingos, dentre outros, também possuíam seus espaços de criação, seus ateliês. Sabe-se que o pintor e gravador Paulo Menten, outro personagem da cena artística sul-são-caetanense, teve ateliê no Edifício Del Rey, na Rua Baraldi. São Caetano também acolheu nomes como os de Antonio Lucio Pegoraro (que aqui chegou em 1968) e Afonso Nitoli. Artistas experientes e conhecidos, ambos já participaram de exposições promovidas pela Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul. Avançando um pouco no tempo, deparo-me com outro nome que também compõe o cenário local das artes. Trata-se do artista plástico Renato Brancatelli, cujo ateliê fica na Rua Niterói. Com participação em mostras organizadas por tal instituição cultural, Brancatelli teve seu primeiro ateliê na Rua Major Carlo Del Prete, a partir de 1980. Peculiaridades e detalhes de sua trajetória estão relatados no artigo *Renato Brancatelli: nas letras de um artista*, de Mariana Zenaro, publicado no 47º número de *Raízes*, em julho de 2013.

Em 1996, o *Guia de São Caetano do Sul* apresentou um rol significativo de ateliês e outros espaços de arte, os quais funcionavam em diferentes localidades da cidade. Eis a lista:

Acervo/Família Raposeiro



Na imagem à esquerda, fachada do Atelier Raposeiro, quando estava instalado no número 618 da Avenida Tietê. Ao lado, os irmãos Rogério (à esquerda) e Edson Raposeiro, na entrada atual do ateliê (Avenida Tietê, nº 540)



Foto: Antônio Rogério de Camargo (EPASCS)

Arte & Cia – Atelier de Arte

Aulas, seminários, pinturas sob encomenda e queimas
Rua Conselheiro Lafayette, nº 108

Atelier de Artes e Cerâmica

Avenida Goiás, nº 1.183

Atelier Ma & Ta

Rua Conselheiro Lafayette, nº 363

Atelier Valverde

Cursos, quadros, telas, molduras e materiais em geral para pintura
Avenida Paraíso, nº 1.046

Galeria de Arte Ideal

Rua Manoel Coelho, nº 143

Isaura Escola de Artes

Rua Senador Fláquer, nº 309

Leme Artes

Avenida Guido Aliberti, nº 3.305

A esse grupo junta-se o Atelier de Artes Emília, que, segundo informa a *Agenda do Bairro* de São Caetano do Sul, publicada no ano 2000, estava instalado na Rua Coronel Camisão, nº 63. Dentre suas especialidades, aulas de pintura em tela, pintura a óleo (acadêmica) e pintura acrílica (moderna).

É importante ressaltar que os espaços de arte aqui mencionados não esgotam a pesquisa sobre o assunto, até porque eles não representam a totalidade dos ateliês que funcionaram ou ainda funcionam na cidade. As fontes consultadas não fizeram menção a muitos outros espaços de arte estabelecidos em São Caetano. Foi o caso, por exemplo, do Atelier Raposeiro, em atividade na Avenida Tietê, nº 540, no Bairro Nova Gerty.

Pertencente a Rogério Raposeiro e Sidnei Carraro, atua no ramo de produção de molduras e espelhos decorativos, além do comércio de materiais de pintura em tela. No estabelecimento, há um local reservado para aulas de pintura (óleo sobre tela), que são ministradas por Edson Raposeiro, irmão de Rogério. A arte pulsa na vida de ambos. Filhos de Nelson Raposeiro, artista plástico que se notabilizou na região, Edson e Rogério seguiram o caminho do pai, solidificando-se no mundo das artes. O Atelier Raposeiro é fruto, aliás, do próprio trabalho criativo de Nelson e Edson. Em 1994, quando ainda era um adolescente, Rogério Raposeiro começou a confeccionar molduras para os quadros pintados por seu pai e seu irmão, que realizavam suas produções na própria residência da família, situada na Rua Juruá, nº 378. Instalado, inicialmente, no número 618 da Avenida Tietê, o Atelier Raposeiro surgiu, assim, com o propósito de reunir, em um único espaço, a produção e o comércio de molduras mais o curso de pintura comandado por Nelson e Edson. Desde 2013, o ateliê encontra-se no número 540 da mesma avenida. Atualmente, a elaboração de molduras fica a cargo de Sidnei Carraro, competindo a Rogério Raposeiro a criação de espelhos decorativos.

Outro espaço que merece também ser lembrado é O Atelier, de Antonio Mendes Antunes. Localizado na Rua Antonio Garbelotto, nº 174, sua especialidade também é a produção de molduras. O início de suas atividades foi em 1977, no número 180 daquela rua, transferindo-se para o local atual no ano 2000. De nacionalidade portuguesa, Antonio Mendes possui formação pela Belas Artes (título de professor de pintura), assim como sua esposa, Maria Inês Almendra Antunes, que, desde 1982, ministra aulas de pintura em tela e porcelana. Em 2004, participou de *Os figurativos*, mostra coletiva de artistas acadêmicos atuantes em São Caetano do

Sul promovida pela Pinacoteca Municipal.⁴ O casal de artistas já realizou também trabalhos de restauro. Cúmplices na vida e na arte, Antonio e Maria Inês comandam, com dedicação e amor, seus respectivos espaços de trabalho e criação, situados junto à própria residência deles, que, assim, ganha um toque artístico especial.

Ainda no segmento de pintura em porcelana (arte do fogo), cumpre registrar também os trabalhos desenvolvidos pelo Ateliê Otero Artes & Decorações. Pertencente ao artista espanhol Gerardo Pereira Otero⁵, o mencionado ateliê, antes de instalar-se na Rua Bernardino Faria, nº 69 (endereço atual), funcionou nas ruas Tiradentes, Maranhão (nº 1.358) e São Paulo (nº 1.759). Com exceção do período em que esteve na Rua Tiradentes, quando sua finalidade era comercial, o ateliê de Gerardo Otero firmou-se como um espaço artístico que tem na

pintura em porcelana sua proposta central. Em sua edição de março de 1985, a *Revista Nacional de Arte em Porcelana* divulgou, na seção Indicador Profissional, a especialidade do estabelecimento, quando ainda estava situado na Rua Maranhão. Conforme informou, era especialista em “acabamentos para ouro, relevo e arabescos”⁶. Além desses trabalhos, aulas chegaram a ser oferecidas também no espaço, em determinada ocasião.

A mencionada revista, nessa mesma edição de março de 1985, divulgou ainda outro ateliê de São Caetano da área da arte do fogo: a Aladim Porcelanas Ltda, localizada na Rua Conselheiro Lafayette, nº 150 (vide artigo *Aladim Porcelanas: 53 anos de tradição no comércio de porcelanas em São Caetano do Sul*, p. 47)

No ramo de artesanaria em madeira, o nome de Décio Caparroz se sobressai. Especialista em pequenos entalhados e peças ornamentais, Caparroz

já foi tema de artigo de autoria de Priscila Gorzoni, publicado na 50ª edição da revista *Raízes*, de dezembro de 2014. O ateliê de Caparroz fica em sua residência, na Rua Issaco Coppini, nº 58.

Os espaços que não foram registrados aqui, por não aparecerem nas páginas dos materiais pesquisados, podem, todavia, estar nas lembranças de muitos e até mesmo presentes no cotidiano da cidade. A pesquisa, em razão das limitações das fontes que a sustentam, apresenta-se, muitas vezes, falha e incompleta. Mas, por outro lado, a memória individual e/ou coletiva tem o poder de revelar o não dito ou o que foi esquecido e preterido pelos documentos, revistas, jornais, livros e fotografias. Que assim seja com esse modesto registro sobre os espaços de arte na cidade, relances de inspiração, mas também de memória... **(Cristina Toledo de Carvalho) R**

NOTAS

¹ UM novo espaço para as artes. *Sancaetanense Jornal*, São Caetano do Sul, ano IV, n. 146, p. 4, 23 nov. 1985.

² VIVA São Caetano. *Sancaetanense Jornal*, São Caetano do Sul, ano IV, n. 141, p. 2, 19 out. 1985.

³ VILA Gerty abriga um dos maiores escultores brasileiros: Agenor. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVII, n. 927, p. 3, 18 ago. 1962.

⁴ Além de Maria Inês Almendra Antunes, participaram também da mostra *Os figurativos* os seguintes artistas: Antonio G. Pascoal, Nelson Raposeiro, Edson Raposeiro, Hélio Satio Yamazaki, Ivone Polido, Lupércio Séspedes, Olinda G. Metran, Osvaldo Vicenti e Wagner Gallo.

⁵ Gerardo Pereira Otero nasceu, em 1933, na cidade espanhola de Vigo. Nesse local, foi aprendiz de decoração em vidro e porcelana na Fábrica Santa Clara, onde ingressou com 14 anos. Na mesma época, cursou desenho e pintura no Liceu de Artes e Ofícios. Na década de 1950, chegou ao Brasil, vindo a trabalhar, inicialmente, na Porcelana Real e, depois, em fábricas do ramo em São Caetano. Após visitar

uma exposição de pintura em porcelana de Mário Watanabe, tamanho foi seu encantamento com as características e técnicas apresentadas, que voltou a pintar. A partir de então, teve aulas com o próprio Watanabe e, posteriormente, com a professora Cecília Yoshida. Em 1976, à frente, novamente, de um ateliê de arte em porcelana, começou a dar aulas e a participar de inúmeras exposições e seminários em diversas regiões do Brasil e do exterior, recebendo prêmios e menções honrosas. Hoje, Gerardo Otero comanda, com a ajuda de seu irmão José Pereira Otero, um ateliê situado na Rua Bernardino Faria, nº 69, em São Caetano do Sul.

⁶ INDICADOR profissional. In: *Revista Nacional de Arte em Porcelana*, São Paulo, ano X, n. 11, p. 18, mar. 1985.

FONTES

AGENDA do Bairro, São Caetano do Sul, 2000.
ANUÁRIO de São Caetano, São Caetano do Sul, ano II, n. 2: Editora 28 de Julho, 1978.
GUIA de São Caetano do Sul: Tendência Brasil Comunicações, 1996.

GUIA do ABC: Editora Guiar, s.d.
GORZONI, Priscila. Décio Caparroz, o artista dos entalhes. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 50, p. 81-83, dez. 2014.
ISTO é São Caetano. São Paulo: Sociedade Brasileira de Expansão Comercial Ltda., 1952.
REVISTA Nacional de Arte em Porcelana, São Paulo, ano X, n. 11, mar. 1985.
REVISTA Porcellana, Rio de Janeiro, n. 30, mai. 2008.
UM novo espaço para as artes. *Sancaetanense Jornal*, São Caetano do Sul, ano IV, n. 146, p. 4, 23 nov. 1985.
VILA Gerty abriga um dos maiores escultores brasileiros: Agenor. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVII, n. 927, p. 3, 18 ago. 1962.
VIVA São Caetano. *Sancaetanense Jornal*, São Caetano do Sul, ano IV, n. 141, p. 2, 19 out. 1985.
XAVIER, Sonia Maria Franco. Arte, argila e cerâmica, raízes de nosso crescimento. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 24, p. 23-27, dez. 2001.
ZENARO, Mariana. Renato Brancatelli: nas letras de um artista. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 47, p. 88-94, jul. 2013.



Décio Caparroz trabalhando em seu ateliê, em 2013



Os sócios Sidnei Carraro (à esquerda) e Rogério Raposeiro na oficina de produção de molduras e espelhos decorativos do Atelier Raposeiro. Foto de 12 de maio de 2015



Antonio Mendes Antunes em plena atividade em seu ateliê. Foto de 7 de maio de 2015



Edson Raposeiro com suas alunas do curso de pintura



Gerardo Pereira Otero em atividade em seu ateliê, localizado, na época, na Rua São Paulo, nº 1.759



Maria Inês Almendra Antunes, em foto de 2012, aproximadamente

A **MEMÓRIA FOTOGRÁFICA ESPECIAL** DESTA EDIÇÃO DE *RAÍZES* REÚNE IMAGENS DE OBRAS DE ARTISTAS PLÁSTICOS SUL-SÃO-CAETANENSES QUE PARTICIPARAM DE EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS OU SIMULTÂNEAS, ORGANIZADAS PELA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL NOS ÚLTIMOS ANOS, NO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL E NA PINACOTECA.

VALE RESSALTAR QUE ESTA É APENAS UMA AMOSTRA DA QUALIDADE DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA LOCAL, QUE CONTA COM DIVERSOS OUTROS ARTISTAS ATUANTES. JÁ TIVEMOS A HONRA DE RECEBER TRABALHOS DE CENTENAS DE ARTISTAS EM NOSSOS ESPAÇOS E APRESENTÁ-LOS AO PÚBLICO POR MEIO DE PROJETOS COLETIVOS, COMO NAS QUATRO EDIÇÕES DO PROJETO *VITRINE – MOSTRA COLETIVA DE ARTISTAS DE SÃO CAETANO DO SUL* E NAS DUAS DO *CURTO-CIRCUITO*.

Acervo/Museu Histórico Municipal - Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



A Capela de Santo Antonio (1928)

João Fernandes Ribeiro

Exposição

Inaugural da

Fundação Pró-

-Memória de São

Caetano do Sul -

1992



Sem título (década de 1990)
Nino Ferraz
A Leveza do Aço
 Pinacoteca Municipal - 2002



Sem título (1994)
Alberto Aliberti
Três artistas, uma cidade, um tempo
 Pinacoteca Municipal - 2004



Quintal (década de 1970)
Oscar Valzachi
Três artistas, uma cidade, um tempo
 Pinacoteca Municipal - 2004

Acervo/Nino Ferraz
 Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

Acervo/Alberto Aliberti

Acervo/Sueli Valzachi Braido



Acervo/Cezira Maria Pinheiro Moraes



Sem título (década de 1970)

Walter Lopes Pinheiro

Três artistas, uma cidade, um tempo
Pinacoteca

Municipal – 2004

Acervo/Lupércio Séspedes



Vila de pescador com palafita (2004)

Lupércio Séspedes

Os Figurativos

Pinacoteca

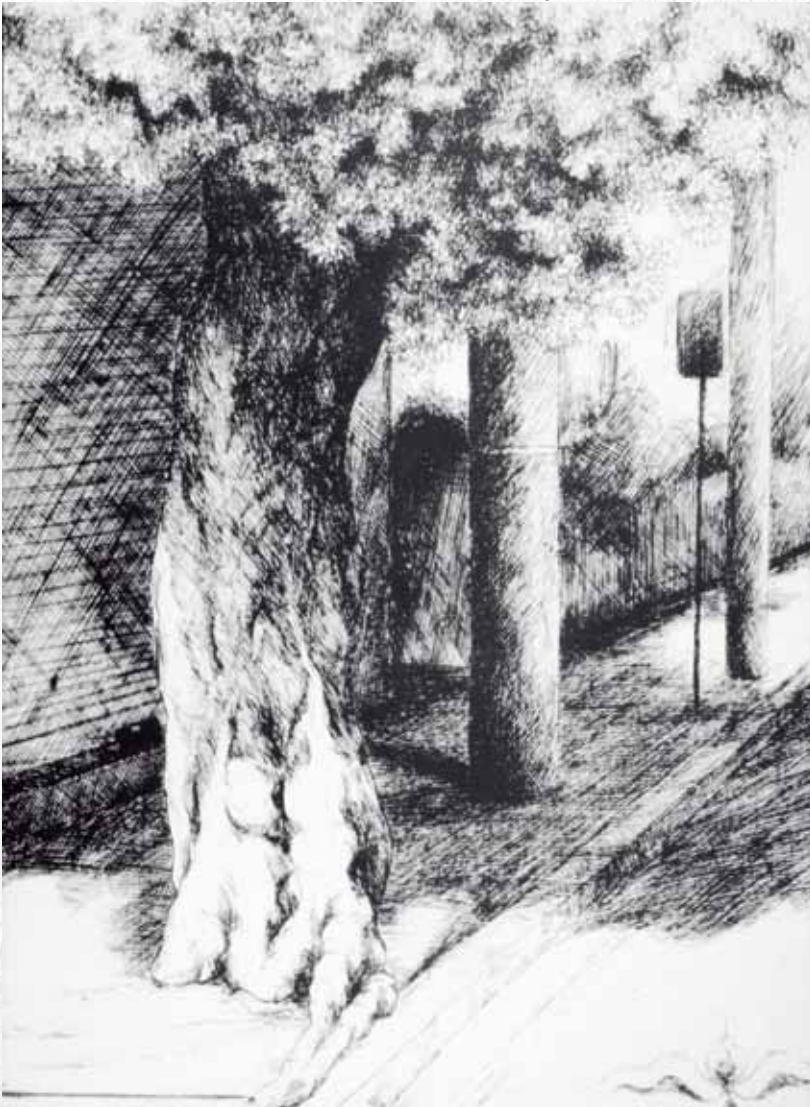
Municipal – 2004

Acervo/Hélio Satio Yamasaki



Lembrança (2004)
**Hélio Satio
 Yamasaki**
Os Figurativos
 Pinacoteca
 Municipal – 2004

Acervo/Pinacoteca Municipal - Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Árvore da Rua
Pinto Ferraz (2003)
**Carlos Henrique
 Zambom**
 Capa da revista
Raízes n° 29 -
 Julho de 2004





Acervo/Oswaldo Hernandez

Bicicleta
Oswaldo Hernandez
Fotografias
Pinacoteca Municipal – 2006



Acervo/Valdo Rechelo

Herança (2006)
Valdo Rechelo
Objetos de Desejo
Pinacoteca Municipal – 2006





Sem título (2007)

J. Garbin

Tridimensionais - Pinacoteca Municipal – 2007



O Abraço (2002)

Priscila Gorzoni

Tridimensionais - Pinacoteca Municipal – 2007



Espectros / Paisagens (2006)

Bete Bovo

O Abstracionismo Poético - Pinacoteca Municipal – 2007





Acervo/Fabrizio Dell'Arno

Pittura 12
Fabrizio Dell'Arno
O Abstracionismo
Poético
 Pinacoteca
 Municipal – 2007



Acervo/João Alberto Tassarini

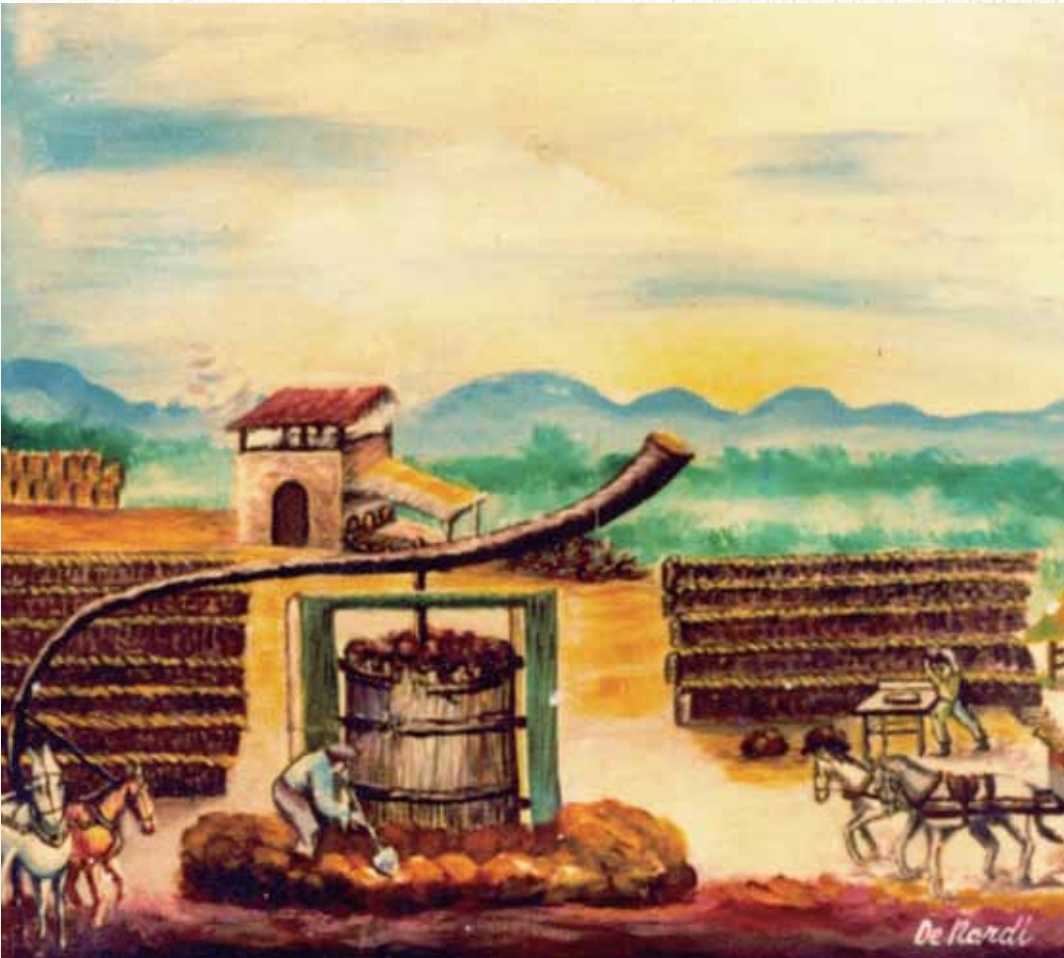
É preciso reciclar
 (2003)
João Alberto
Tassarini
Pólis Pedços
 Pinacoteca
 Municipal – 2009

Acervo/Edson Raposeiro



Fazenda Mineira
(1998)
Nelson Raposeiro
Sala Especial Nelson Raposeiro
Pinacoteca Municipal – 2011

Acervo/Museu Histórico Municipal - Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Olaria dos Garbelotto
(1921)
Felisberto De Nardi
Memórias em Pinceladas
Museu Histórico Municipal – 2013





Arquivo/Tânia Turcato
Foto/Antônio Reginaldo Carlini (EPMCS)

O vento, a água e eu / Maravilhosa
(2014)

Tânia Turcato
Semiótica dos Afetos - Pinturas de Tânia Turcato
Pinacoteca Municipal –
2014



Arquivo/Luís Campoy
Foto/Antônio Reginaldo Carlini (EPMCS)

Sem Saída (2011)

Luís Campoy

Exposição coletiva - Pinacoteca Municipal- 2015

Talita Scotá Salvatori

Aladim Porcelanas:

53 ANOS DE TRADIÇÃO NO COMÉRCIO DE PORCELANAS EM SÃO CAETANO DO SUL

Fundada em 1962, por Plínio Luiz Lazarini, a Aladim Porcelanas está localizada na Rua Conselheiro Lafayette, nº 150, no Bairro Barcelona. Teve seu início na Rua Maranhão, onde permaneceu por aproximadamente cinco anos, mudando, posteriormente, para o atual endereço, onde antes funcionava a antiga Cerâmica Regina. A empresa, que teve ao longo de sua história mais de 20 funcionários, hoje conta com seis colaboradores.

Com o falecimento de Lazarini em 1998, e, depois, com a saída de seu sócio, tomaram a frente dos negócios sua viúva, Dirce, e suas filhas, Vânia e Vanice, principais responsáveis no que tange à permanência e afinco no mercado de porcelanas em São Caetano do Sul.

Para tanto, a fim de que todos conheçam a tradicional Aladim Porcelanas, conversamos com Vanice, filha caçula de Lazarini, que, ao adquirir a confiança da família, tornou-se a principal administradora, uma vez que continuar a produção da Aladim Porcelanas implicava, naquele momento, assumir a responsabilidade de recuperar a empresa. Cabe observar o esforço de Vanice que, com sisudez, busca contar suas memórias, justificando, em sinceros desabafos, a raiz de toda a sua fibra e de seus valores. Pequenos fragmentos sobrepostos que contam a traje-



Retrato de Plínio
Luiz Lazarini,
fundador
da Aladim
Porcelanas

tória de seu pai, um pedreirenses¹ que encontrou na cidade de São Caetano do Sul uma oportunidade no comércio das porcelanas.

“Meu pai nasceu em Pedreira, cidade da porcelana. Eram ele e mais cinco irmãos. Ele perdeu a mãe muito cedo, que morreu de tétano aos 36 anos de idade. Então, foram morar com a avó paterna. Tiveram uma infância muito difícil! Ele contava que pegava jabuticabas e outras frutas do quintal para vender na rua, já que estudar não tinha jeito. Até que o irmão mais velho dele casou, veio morar em Mauá e o chamou para vir tentar a vida no comércio daqui. Começou comprando algumas peças e ia vendendo de porta em porta. Assim, conhecia um aqui, outro ali... Sempre foi muito comunicativo! Até se instalar na Rua Maranhão”, diz.

Vanice conta que seu pai chegou a pensar em desistir várias vezes. Ela mesma confessa também ter pensado nisso por conta dos apertos e intempéries pelos quais passou, mas afirma que agora que tomou a direção da loja pretende “teimar e continuar”.

Na época em que começaram o negócio, já existiam muitos fabricantes e distribuidores de porcelana na cidade, como a Porcelana Rex Ltda., a Cerâmica Regina (que existiu nas mesmas instalações da atual Aladim) e a Porcelana Teixeira Ltda., que ainda hoje é um de seus fornecedores, tendo-os como grandes amigos da família. Vanice diz que eram pessoas muito boas e que era comum se ajudarem mutuamente.

No início, a Aladim trabalhava apenas com decoração de peças, produzindo linhas decoradas com características mais românticas, filetes e potiches². A loja ainda era localizada na Rua Maranhão. Por volta de 1980, como não se vendia mais as linhas decoradas como antes, a Aladim passou a investir na linha branca. Foi quando começaram a oferecer aulas de pintura em porcelana, e professoras e outros clientes passaram a comprar lá mesmo o material utilizado.

Em 1987, começaram a aparecer feiras de artesanato e a Aladim passou a ser distribuidora das fábricas, já que antes apenas comprava e revendia. Foi então que a empresa lançou o primeiro catálogo da loja e muitas professoras que tinham ateliê em casa passaram a conhecê-la. “Lançamos o primeiro catálogo com todos os produtos da loja fotografados e uma tabela

de preços, um investimento alto. Começamos a enviar por correio a todos os clientes que eram cadastrados. Todo dia, saía um monte (de catálogos), todo mundo queria ganhar um. Foi o que divulgou e movimentou a loja e, a partir daí, passamos a vender bastante para fora do Estado. Foram lançados mais uns três ou quatro catálogos. O último foi em 2005”, conta Vanice.

Inicialmente, o catálogo era distribuído apenas para os clientes cadastrados, mas o sucesso foi tanto que a procura aumentou muito. Mais alguns catálogos foram lan-

çados até que os custos para sua confecção e envio os tornaram inviáveis, uma vez que já não havia mais controle de quem realmente era o público comprador.

Após a chegada dos chineses com peças muito baratas, a Aladim Porcelanas teve de deixar de ser distribuidora e voltar a ser somente loja. “Quem é mais antigo na cidade conhece a Aladim Porcelanas, mas quem veio

morar aqui agora não conhece. Voltamos a dar aulas, fazemos peças personalizadas, temos artigos decorados, presentes para bodas de ouro, bodas de prata... coisas que ninguém sabe onde encontrar. Estamos fazendo uma reforma na loja e abrimos uma vitrine para ficar mais visível ao público”, afirma.

Em 1998, o fundador da Aladim, Lazarini, faleceu em sua residência por conta de um enfarte fulminante. Porém, mesmo passando por muitas dificuldades, com a ajuda de alguns amigos fornecedores, Dirce, Vânia e Vanice continuaram o trabalho.

De um cotidiano permeado pela rapi-



Vista interna da Aladim Porcelanas, que dispõe de grande variedade de produtos em exposição

Arquivo/Família Lazarini



Antiga fachada da Aladim Porcelanas. Foto de 1975

Proprietárias e atuais administradoras da Aladim Porcelanas. Da esquerda para a direita, observam-se Vanice, Dirce e Vânia Lazarini

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Presença da Aladim Porcelanas na Primeira Feira Internacional de Material Evangélico Maracanazinho, no Rio de Janeiro. Nota-se, ao centro, de costas para a foto, o fundador da loja, Plínio Luiz Lazarini. Foto de agosto de 1982

dez de vendas e de atividades administrativas, surgem lembranças que são pautadas pela fragilidade das recordações sobre seu pai, um homem generoso, que se preocupava em ajudar pessoas, sempre ensinando suas filhas sobre bondade e honestidade, com frases como: “Você nunca vai perder por ser honesto!” e “É melhor ajudar do que ser ajudado!”

As filhas de Plínio Lazarini acabaram confirmando a sabedoria de seu pai, sentindo na pele que ser ajudado era “muito pior”, pois hoje sabem como é difícil precisar expor seus problemas pessoais. É assim que os quatro netos de Lazarini estão sendo criados, sob os mesmos princípios do avô, e, como tiveram de passar por

algumas privações, aprenderam a dividir. “Não são crianças consumistas. Todos estudaram em escolas municipais de São Caetano. Meu filho mais velho entrou agora para a USCS (Universidade Municipal de São Caetano do Sul), se formou em inglês na Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti e fala muito bem! Meu filho caçula e meus dois afilhados (filhos da minha irmã, Vânia) também estão estudando inglês na mesma escola. E eu, enquanto isso, vou fazendo a minha parte”, finaliza Vanice. **R**

NOTAS

¹ Gentílico de quem nasce no município de Pedreira, região metropolitana de Campinas, no Estado de São Paulo. Mais conhecida como a ‘Capital da Porcelana’ devido a sua tradição centenária.

² Segundo o dicionário Michaelis, *potiche sm* (fr *potiche*) é um vaso de porcelana decorada, particularmente da China e do Japão.

TALITA SCOTÁ SALVATORI

É HISTORIADORA FORMADA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Marília Tiveron

100 anos de Fami:



UMA INDÚSTRIA DE
TRANSFORMAÇÃO
DE PRODUTOS
E PESSOAS

Fundada em 1915, a Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Itá comemora, em 2015, 100 anos de atividade, que se mesclam à história da família de Romeu Masini, imigrante italiano que a fundou, ao crescimento e desenvolvimento de São Caetano do Sul e aos principais eventos do século 20, como as duas guerras mundiais.

Em um país onde de cada 100 empresas abertas, cerca de metade fecha as portas logo nos primeiros três anos de vida, segundo dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com informações de 2010¹, é natural que a trajetória da Fami seja lembrada nesta publicação, a fim não só de ser retratada, mas também para inspirar outras indústrias, que já existem e que venham a surgir.

Boas ideias, persistência e mudanças de plano, quando necessário, marcam a trajetória da

Fami, que começa muito antes, por volta de 1890, quando, quase como numa peça de Shakespeare, um jovem casal apaixonado foge da Itália para o Brasil a fim de se manter unido, lutando contra a oposição da família da noiva, rica e nobre. Até o nome do noivo, Romeu, colabora para imaginarmos a cena. Contudo, a tragédia se reserva apenas à literatura, sendo a realidade mais doce e romântica. Romeu Masini e Margarida Lerda, o jovem casal citado, conseguem se instalar no Brasil, mais precisamente no Bairro do Brás, em São Paulo, e aqui criar as três filhas, Josephina, Tosca e Odete, frutos desta união.

Para sustentar a família, Masini inicia sua trajetória profissional em terras tupiniquins amolando facas na rua. Com esse serviço, consegue juntar dinheiro e comprar passagem para a Itália, a fim de rever os parentes, e de onde segue para a Alemanha, país no qual adquire bons artigos de

Primeiro endereço da Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Itá Ltda., na Rua Amazonas, em São Caetano, local onde permaneceu por 60 anos

cutelaria, enfeites de casa e apetrechos de barbeiro para vender no Brasil. Ao retornar, aluga um pequeno armazém na Avenida Rangel Pestana, no Brás, onde instala seu comércio. Nos fundos do imóvel, monta uma oficina para continuar afiando facas.

As idas para o exterior se tornam mais constantes, e Masini também passa a trazer instrumentais médico-hospitalares, os quais oferecia para as casas cirúrgicas. O negócio prospera e, tempos depois, ele abre outra loja, localizada na Avenida São João, nº 3, onde hoje se encontra o Edifício Martinelli. E então estoura a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Impossibilitado de ir para o exterior, com risco de grande parte de sua renda acabar, Romeu Masini enxerga na adversidade uma oportunidade de negócio.

Em 1915, o patriarca se muda para São Caetano e adquire terreno próximo à estação ferroviária. Na área da frente, constrói a casa da família e, aos fundos, um galpão para a fábrica que seria inaugurada. Três motivos foram fundamentais para a escolha de São Caetano, que, na época, ainda pertencia ao município de São Bernardo: terreno com preço mais em conta do que em São Paulo, fácil acesso a outros centros graças à estrada de ferro São Paulo Railway e grande presença de colônia italiana na localidade.

Posam para foto Matheus Constantino (sentado) e Concetto Constantino, seu filho e grande empreendedor. Foto da década de 1950



Acervo William Peshano

No galpão, Romeu Masini monta uma pequena fundição, onde passa a fabricar enfeites de casa e continua a amolar facas e demais objetos. A produção de itens hospitalares, que são fabricados até hoje pela Fami, teve início frente à demanda da clientela, que o procurava para pedir peças específicas. Neste período, a história da fábrica se funde à da família Masini, isso porque Josephina, a filha mais velha do casal, se interessa por Matheus Constantino, filho de Concetto, proprietário de um armazém de secos e molhados, vizinho à residência de Romeu.

O italiano, consciente da situação, chama o rapaz, que cursava o Liceu de Artes e Ofícios, para trabalhar com ele. Convite aceito, Constantino passa a atuar na fábrica, porém demonstra que seu verdadeiro interesse e vocação são pelas artes. Matheus Constantino é figura ativa na história do teatro de São Caetano, para onde seguia assim que o expediente terminava. Ele também é conhecido por ter ajudado a fundar a Sociedade Príncipe di Napoli.

A condição da Fami sofre uma reviravolta com a morte de Masini, em 1928, vítima de doença respiratória. Constantino se vê impelido a assumir a direção da empresa. Além da falta de tino comercial, a situação familiar também agrava o quadro da indústria, uma vez que Odete e Tosca se casam. A renda advinda da venda dos produtos não daria para sustentar as três famílias, então são estabelecidos acordos. No caso da filha do meio, Tosca, com o dinheiro da fábrica, foi comprada uma casa, na Rua



Acervo/William Pesinato

Concetto (em pé, à esquerda) e Matheus (sentado, de chapéu) ao lado de funcionários da Fami, na década de 1940

Amazonas, onde ela se instala com o marido. A terceira filha, Odete, anos depois, decide adquirir uma casa na Praia Grande, também paga pela fábrica, referente à sua parte do negócio.

Esse período de instabilidade e transformação tem uma guinada positiva com a vinda de Concetto (que tinha o mesmo nome do avô), filho mais velho de Matheus Constantino, para a fábrica. Novamente fatores históricos interferem no curso dessa história. Até o ano de 1945, Concetto, ou Tino, como era conhecido, trabalhava como representante da Bayer, e tinha uma vida de relativa tranquilidade financeira, até que, com o início da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), é demitido assim como todos os funcionários da empresa no Brasil. “Aí é que eu costumo dizer que foi o primeiro grande passo da fábrica. Porque meu tio (*Tino*) já tinha outra visão, enxergava que não dava pra fazer uma caneta hoje e, daqui uma semana, fazer outra. A Revolução Industrial já mostrava que não era assim que os negócios funcionavam”, afirma William Pesinato, neto de Matheus Constantino, e que há 25 anos ocupa o cargo de diretor técnico da Fami².

Foi graças à ousadia e visão de negócio de Tino que cada máquina da fábrica passou a ter motor próprio, a produção começou a ser feita em série e foi criada uma niquelação dentro da empresa, que já se fazia extremamente necessária. Além disso, foram adquiridas duas grandes prensas: uma que produzia caixas estampadas, e não somente soldadas, como ocorria anteriormente, e outra, alguns anos mais tarde, que trabalhava com materiais de aço inoxidável, matéria-prima inovadora para a

época, e que também passou a ser utilizada na fábrica.

Outra alteração ocorrida por conta da guerra foi o nome da empresa, batizada por Masini de Fábrica de Artefactos de Metais Italiana. Contudo, durante a Segunda Guerra Mundial, o então presidente da República, Getúlio Vargas, decretou que empresas e clubes brasileiros não poderiam possuir nomes alusivos aos países do Eixo (Itália, Alemanha e Japão), sob penas severas, inclusive de perda do patrimônio³. Sendo assim, adotou-se o nome de Fábrica de Artefactos Metalúrgicos Itá Ltda., cujas iniciais formam a palavra Fami.

Mudança – Após 60 anos, a Fami muda de endereço. Da Rua Amazonas vai para a Alameda São Caetano, onde continua instalada atualmente. A mudança é possível graças à negociação que Tino trava com o dono da Refinadora de Óleos Brasil, um suíço que estava interessado no terreno vizinho para ampliar seus negócios. Mesmo relutante, Tino aceita a proposta, de valor muito acima do mercado, e consegue, por meio de um amigo, comprar o prédio atual. A verba remanescente é investida na compra de maquinário e matéria-prima e na

Uma das áreas de produção da Fami. Entre os produtos disponibilizados pela empresa estão caixas, contêineres, escovas e cânulas



Foto: Antonio Reginaldo Coelho (PPM/SC)

adequação do espaço, que antes abrigava uma fábrica de tintas.

Durante a faculdade de engenharia, Pesinato chegou a estagiar durante três meses na fábrica, mas, por conta de diferenças de ideias com o tio, resolve seguir seu caminho à parte, até 25 anos atrás, quando o pai o convocou a ajudá-lo. “Apesar da distância, eu sempre estive envolvido de uma forma ou de outra. Na época da mudança, perguntei ao meu pai como o tio a faria, porque não se muda uma indústria assim, embaixo do braço. Então, peguei a planta do local e montei um projeto. Eu tinha noção de como a fábrica funcionava, mas o dia a dia era dele. Ao terminar, marquei uma reunião para apresentar a proposta e ver o que ele achava. Como meu tio não me deu muita atenção, combinei de apresentar o trabalho para o Mingo, que é um funcionário que está conosco até hoje, para ele opinar. Já que íamos mudar, tínhamos que fazer a mudança bem feita”, recorda.

Há cerca de 25 anos, Tino faleceu. A fábrica, então, passou a ser gerenciada por Wellington, pai de William Pesinato, que já fazia a contabilidade da empresa desde o final da década de 1930, mesmo não trabalhando no local diretamente. Quando se aposentou, passou a dedicar-se 100% à Fami, e foi nesse momento que surgiu o convite para Pesinato trabalhar na área de produção. Para lidar com os setores administrativo, financeiro e comercial, Alexandre Nardi, tataraneto do fundador, foi convidado para ocupar o cargo. “Foi então que nós começamos a transformar a fábrica. Imagina mexer em uma indústria que na época tinha 70, 75 anos, sendo que ninguém era engenheiro, técnico, nada... Para mim, foram dez anos de um prato cheio. Tínhamos ‘diversão’ todo dia. Sempre havia algo a ser trocado, e era aquele tipo de mexida que não custava dinheiro, como dinamizar o processo e trocar máquinas de lugar. Melhoramos muito a nossa produção. E, de uns seis anos pra cá, começamos a trabalhar com alguns produtos importados”, afirma Pesinato. E completa: “Mesmo com toda evolução, o mais legal é que nós não nos desviamos daquilo que sempre fizemos: caixa para esterilização, bandeja para tra-

balhar na cirurgia ou ministrar medicamento no paciente, e coisas desse tipo”.

Planos e vitórias – Com distribuidores no Brasil inteiro, o foco da Fami se volta agora ao restante da América do Sul, onde já conta com diversos representantes, como no Chile, Equador, Bolívia, Paraguai, e na América Central e Caribe. “Temos escritório com representante em Miami, mas ainda não vendemos nos Estados Unidos, porque estamos aguardando o processo do FDA (*Food and Drug Administration, órgão governamental dos Estados Unidos responsável pelo controle de alimentos, suplementos alimentares, medicamentos, cosméticos, equipamentos médicos, materiais biológicos e produtos derivados do sangue humano*)⁴. Quando estivermos bem firmes nas Américas, veremos para que lado ‘atirar’.”

Outros projetos da Fami são modernizar a fábrica com dois robôs, a compra de mais quatro máquinas, mudança do local do estoque para ampliação da produção e colocar em prática ideias desenvolvidas em parceria com empresas americanas, mas que ainda estão na dependência financeira. Trabalhar com produtos de maior valor agregado também está no planejamento da equipe.



William Pesinato, diretor técnico da Fami, no meio do galpão da empresa que completa 100 anos em 2015

Sobre uma das maiores vitórias da Fami ao longo desses 100 anos, Pesinato considera que foi o fato da empresa passar a ser conhecida pela marca: “Nós tínhamos um produto que não era conhecido por marca. No começo, eu dizia que nosso artigo era como um esparadrapo, que você pede na farmácia e compra qualquer um que seja oferecido pelo atendente. Isso acontecia conosco nos hospitais. A enfermeira tinha nosso produto, usava-o, mas não sabia quem o produzia. Hoje somos conhecidos por ser Fami e isso nos enche de orgulho”.

Outra conquista, que caracteriza empresas que adquiriram experiência e confiança com o tempo, é se sobressair nas adversidades. “Além de familiar, esta é uma empresa que respeita o cliente. Então nós ficamos muito preocupados quando falam alguma coisa do nosso produto. É raríssimo termos problema. Em 25 anos, vivemos quatro situações do gênero e, em nenhuma delas, foi por erro nosso. Mesmo assim, essas situações nos fizeram averiguar o real motivo do ocorrido, normalmente o mau uso, e, desta forma, criar documentos técnicos, manuais sobre o produto, que só nos ajudaram. A Fami é uma empresa humilde e que respeita o próximo, ou seja, respeita o cliente. Não temos a pretensão de sermos donos da verdade. Então, se o cliente nos chama e aponta um problema ou faz uma crítica, nunca recebemos isso de má vontade.”

Trabalho social – Paralelamente à linha de produção, a Fami firma parcerias voltadas a estudantes de ensinos médio e superior, por exemplo, com o Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo). “Na semana da indústria, sempre recebemos alunos de segundo grau para conhecer o que é uma indústria de transformação e conversar sobre valor agregado e outros assuntos relacionados”, explica Pesinato.

Ele também lembra que todos os anos um grupo de universitários do Instituto Mauá de Tecnologia utiliza a fábrica como tema do trabalho de conclusão de curso. “Há sempre um clima de empolgação. Porque é diferente fazer um trabalho na prática, ‘sentir’ o negócio, ver o que funciona, o que não, e o motivo”, afirma.

Em sua última visita à Medica - Feira Internacional de Medicina -, realizada na Alemanha, William Pesinato aproveitou para conhecer duas fornecedoras de máquinas industriais. O intuito era verificar como funcionavam para que, após a sua descrição e com ajuda de alunos do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), os equipamentos pudessem ser produzidos no Brasil, barateando os custos. “Nós incentivamos e nos sentimos prestigiados com esse tipo de parceria”.

E, assim, sem fórmulas mágicas ou elixir da juventude, a Fami chega aos 100 anos, mais rejuvenescida do que nunca e pronta para encarar o próximo século. **R**

NOTAS

¹ <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/08/27/no-brasil-quase-metade-das-empresas-fecha-em-3-anos-diz-ibge.jhtm> - Acesso em: 15 abr. 2015.

² Entrevista concedida no dia 8 de abril de 2015.

³ http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_palmeiras.html - Acesso em: 16 abr. 2015.

⁴ <http://www.fda.gov/> - Acesso em: 16 abr. 2015.

MARÍLIA TIVERON

É JORNALISTA, PÓS-GRADUANDA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV-SP) E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Priscila Gorzoni

Os 60 anos do Lions Clube de São Caetano do Sul

Há 60 anos nascia o Lions Clube de São Caetano do Sul. Era então dia 27 de junho de 1955. Nessa data, foi realizada uma reunião festiva no Restaurante Umuarama, localizado na Rua Manoel Coelho, nº 97, sendo registrada a primeira ata de sua fundação, com a presença de 31 pessoas, e a definição do primeiro corpo diretivo.

Na época, também nasceu a denominação Companheiro-Leão para os participantes do Lions Clube, sendo eles pioneiros do movimento leonístico no Grande ABC.

O Lions Clube de São Caetano do Sul teve uma importância primordial na história do movimento leonístico tanto na cidade quanto na região do ABC. Ele é a origem dos Lions Clubes



Arquivo/Juventino Figueira Borges

Campanha Pró-
-Construção
do Lar Nossa
Senhora das
Mercedes.
Na imagem,
integrantes
do Lions na
entrega dos
prêmios. Foto
da década de
1960

de São Caetano do Sul (Barcelona, Santa Paula e Fundação), além de ter contribuído para a criação do Lions Clube de Santo André - Centro. “Os padrinhos do Lions Clube em nossa cidade foram os Companheiros-Leões Cid Navajas, Nestor de Oliveira e Luiz Dutra Pizão, do Lions Clube de São Paulo-Centro, que, acreditando nos propósitos do Leonismo, aqui trouxeram para plantar em terreno fértil as sementes do servir”, conta Juventino Figueira Borges, presidente do Lions Clube de São Caetano do Sul.

Em reconhecimento à data de sua fundação, o ex-prefeito Hermógenes Walter Braido instituiu a lei municipal nº 2.349, de 13 de agosto de 1976, que declara o dia 27 de junho como o Dia do Lions Clube na cidade.

As dificuldades – Muitas foram as dificuldades encontradas pelos Companheiros-Leões no início, entre elas, a de determinar o foco de todos os Lions Clubs e para onde destinariam as suas atividades de serviço. Uma de suas primeiras tarefas ocorreu nos dias 23 e 24 de julho de 1955, com a entrega de prêmios aos componentes do Grupo de Escoteiros São Francisco de Assis. Depois dessa atividade, o Lions da cidade não parou mais, e se seguiram inúmeras campanhas para angariar medicamentos aos necessitados e para doação de sangue, que começaram a movimentar a população de São Caetano.

Em dezembro de 1955, a primeira festa de Natal marcou a história do Lions e, logo em seguida, todos os Companheiros saíram pela cidade angariando fundos e materiais para ajudar as vítimas dos deslizamentos de morros ocorridos em 1956 nos municípios de Santos e São Vicente. “A arrecadação de fundos foi feita com a realização de bazares, sorteios e rifas, jantares e bailes, como as edições do *Baile Branco*, que apresentavam as debutantes de nossa região à sociedade. Esse evento foi realizado



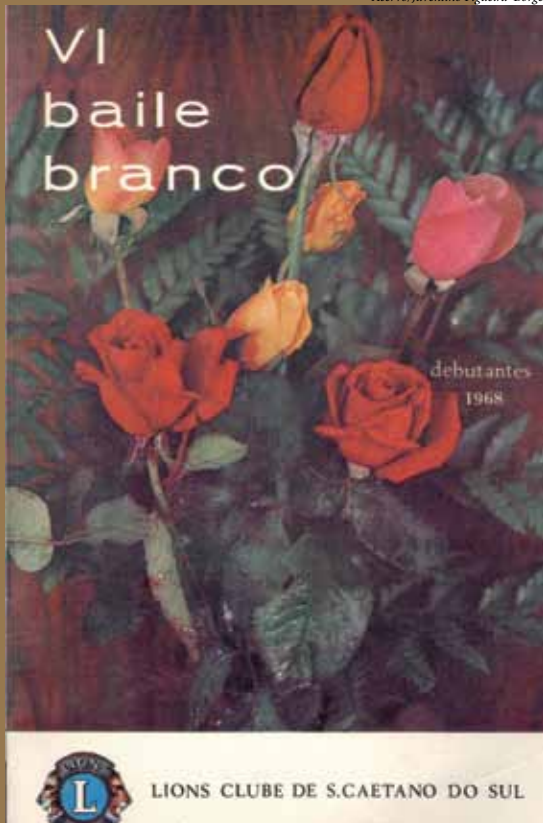
Acervo/Juventino Figueira Borges

com todas as formalidades, e contou com transmissão pela antiga TV Tupi, e depois pela TV Gazeta. Atualmente, todos os valores obtidos são lançados em uma conta denominada “conta-atividades”. Ela é estaque e só pode ter seus valores destinados à doação ou aquisição de bens, e ao fornecimento de serviços e assemelhados, destinados à benemerência. Os demais gastos de manutenção do clube são feitos com os valores da conta administrativa, que é suprida com pagamentos mensais dos associados”, relata Borges.

Histórias mais marcantes - Não foram poucas as histórias que marcaram a trajetória do Lions Clube de São Caetano do Sul. O atual presidente conta que, passada a primeira fase de definir o que e como fazer, publicou-se a lei municipal nº 1.008, de 22 de setembro de 1961, pelo então prefeito municipal, Anacleto Campanella. “A lei determinava a aquisição de um terreno na avenida marginal do Córrego do Moinho, hoje Avenida Presidente Kennedy, para fins de construção de um abrigo para a velhice desamparada, a ser executada por doação do terreno a uma entidade filantrópica, que o receberia mediante licitação pública. O Companheiro-Leão Francisco Almanza Sanches, presidente no ano leonístico de 1961/1962, assinou a proposta de concorrência para receber em doação o terreno e construir o abrigo, definindo o foco do clube, isto é, o de assistir os idosos desamparados”, lembra Borges.

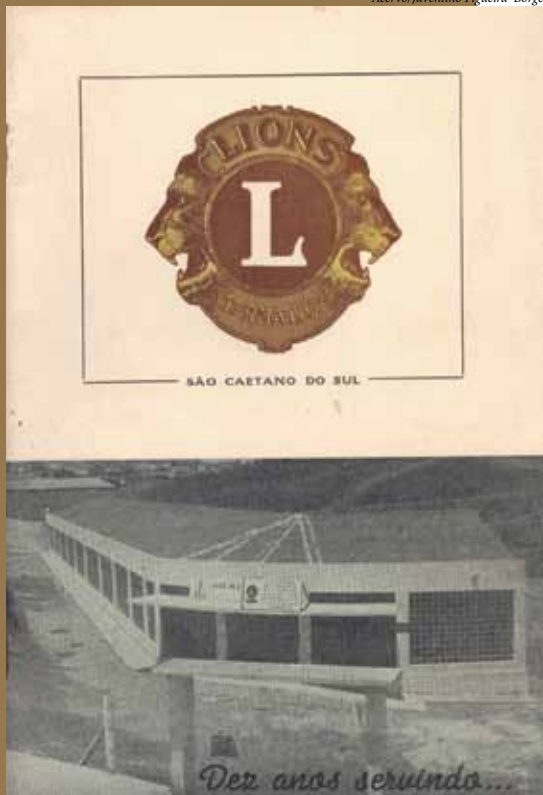
Uma das fases de construção do Lar dos Velhinhos, em foto da década de 1960

Acervo/Juventino Figueira Borges



Capa de uma das primeiras revistas do Lions Clube de São Caetano do Sul, de 1968

Acervo/Juventino Figueira Borges



Capa de uma das primeiras revistas do Lions Clube de São Caetano do Sul, de 1965

Os rumos do Lions Clube de São Caetano do Sul mudaram quando a instituição foi declarada vencedora da licitação. Desta forma, recebeu em doação o terreno citado, onde construiu o então Lar dos Velhinhos (atual Lar Nossa Senhora das Mercedes). Segundo Borges, a pedra fundamental do edifício foi lançada em 6 de dezembro de 1962. A construção foi possível graças a contínuas campanhas de arrecadação de fundos. “Ainda hoje, ele (*o asilo*) é uma das maiores obras físicas do Lions no mundo. Foi inaugurado pelo presidente internacional, Walter H. Palmer, que esteve em nossa cidade e descerrou, com o prefeito municipal, Hermógenes Walter Braido, a placa comemorativa, em 11 de outubro de 1965”, relata.

As reuniões - Em atividade contínua, os participantes do Lions Clube de São Caetano do Sul reúnem-se sempre em sede própria, na Rua Arlindo Marchetti, nº 627, no Bairro Santa Maria. Na primeira quinta-feira de cada mês, são promovidas reuniões para a realização de assembleias ordinárias, durante as quais são discutidas decisões da diretoria, comunicados da estrutura da Associação Internacional de Lions e orientações da governadoria do Distrito LC-5. Estes encontros normalmente têm temas especiais como *Noite Árabe*, *Comida de Boteco*, entre outros, e contam com pessoas convidadas para ouvir como o leonismo é realizado.

Nas segundas, quartas e quintas-feiras de cada mês, são feitas reuniões de diretoria para discussão e decisão de programas e de novas atividades de serviço e sociais do clube. “Na terceira quinta-feira do mês, são realizadas assembleias festivas, nas quais são recebidas as autoridades civis e do Lions, com a comemoração de datas relevantes. Nessa ocasião, fazemos nossas instruções leonísticas”, explica Borges. **R**

Os primeiros diretores

A primeira diretoria do Lions Clube de São Caetano do Sul exerceu suas atividades de junho de 1955 a junho de 1956, e contava com os seguintes nomes:

Presidente	Dirceu de Oliveira Lima
Vice-presidente	Antonio Souza Voto
2º Vice-presidente	Vilibaldo Coelho Maia
3º Vice-presidente	Octávio Tegão
Secretário	Armando Chagas
Tesoureiro	Angelo Antenor Zambon
Diretor social	Oswaldo Luiz
Diretor animador	Nicolino Puccetti
Diretores vogais	Abib João Kirche Antonio Bovolento Arie Richard Hanitzsch Walfredo Ramos Brandão

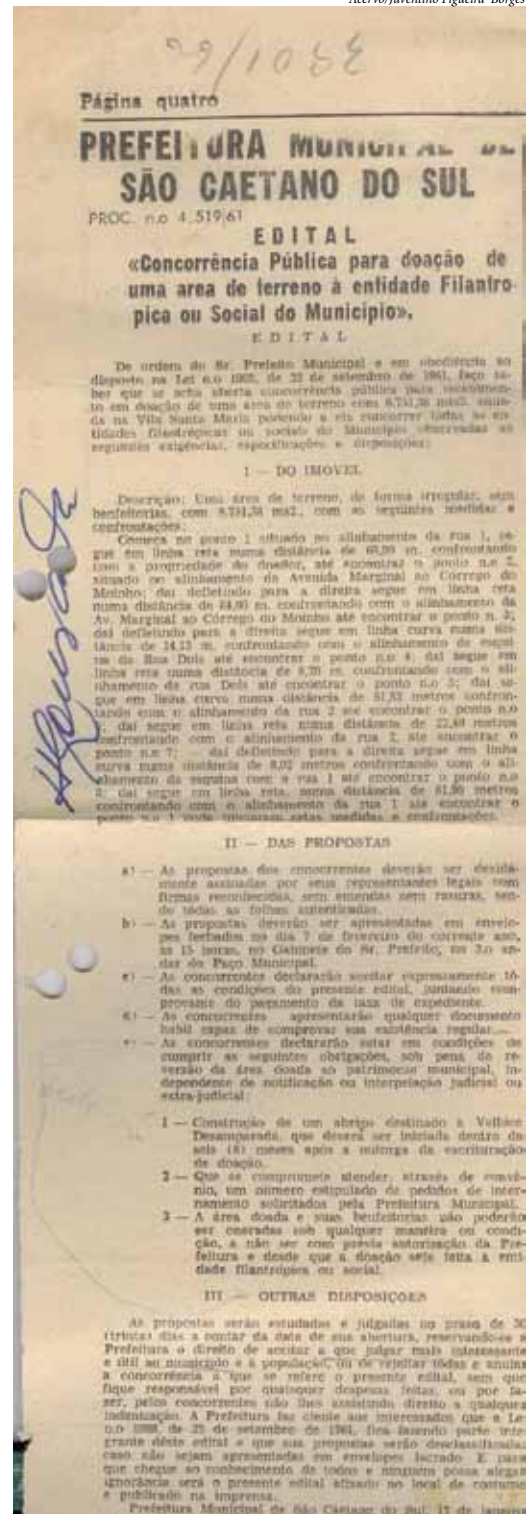
Recorte de jornal registrando o resultado da licitação que dava o Lions Clube de São Caetano do Sul como vencedor. O prêmio foi um terreno para a construção do Lar dos Velhinhos

Os objetivos da unidade do Lions de São Caetano são os mesmos estabelecidos pela Associação Internacional de Lions Clubes:

- **Criar** e fomentar um espírito de compreensão entre os povos da Terra;
- **Incentivar** os princípios do bom governo e da boa cidadania;
- **Interessar-se** ativamente pelo bem-estar cívico, cultural, social e moral da comunidade;
- **Unir** os clubes pelos laços de amizade, bom companheirismo e compreensão mútua;
- **Promover** um fórum para a livre discussão de todos os assuntos de interesse público, excetuando-se, entretanto, o partidatismo político e o sectarismo religioso, que não serão debatidos pelos associados no clube;
- **Incentivar** as pessoas bem intencionadas a servir a suas comunidades sem benefício financeiro, estimular a eficiência e promover elevados padrões éticos no comércio, na indústria, nas profissões, nos serviços públicos e nos empreendimentos particulares.

A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LIONS CLUBES FOI FUNDADA EM 1917, NOS ESTADOS UNIDOS, POR MELVIN JONES. ELE COSTUMAVA DIZER QUE “VOCÊ NÃO PODE IR MUITO LONGE SE NÃO FIZER ALGUMA COISA POR SEU SEMELHANTE”. O LIONS INTERNACIONAL TINHA COMO FOCO VÁRIOS TEMAS, ENTRE ELES: O COMBATE À CEGUEIRA (SIGHTFIRST) E A CAMPANHA DE ERRADICAÇÃO DO SARAMPO (MEASLES INITIATIVE).

Acervo/Juventino Figueira Borges



Quadro atual do Lions Clube de São Caetano do Sul

Atualmente o quadro do Lions Clube de São Caetano do Sul conta com 27 Companheiros-Leões e suas Domadoras. O Leão de mais longa juba é o Companheiro-Leão (CL) Gildo Vieira Vasconcelos e a Domadora (DM) Maria Auxiliadora Ramos, que entraram em março de 1962. Em seguida, temos os sempre presentes:

CL Alberto Foroni e DM Leila Dario Foroni
CL Alcício Castaldelli e DM Nereide Castaldelli
CL Aloisio Sebastião de Lima e DM Ana Lúcia de Lima
CL André Beer e DM Mari
CL Assed Moises Amar e DM Delvania
CL Celso Lima de Castro e DM Asia de Castro
CL Edson Eleutério e DM Márcia Ranalle Eleutério
CL Floriano Ribeiro Filho e DM Maria Ribeiro
CL Francisco Prats Simon e DM Vilma Prats
CL João Paulo Borges Chagas
CL João Geraldo Ferreira e DM Marilda Ferreira
CL José Aurélio Martins e DM Maria Regina Castanhato
CL José Felix Daud e DM Margareth
CL Juventino Francisco Alvares Borges e DM Camila
CL Juventino Figueira Borges e DM Elizabeth Ribeiro Borges
CL Manoel Martins Martins e DM Santa Martins
CL Marcos Sergio Bertazzo e DM Rosângela Ramos Bertazzo
CL Marcos Botura e DM Vera Botura
CL Murilo Elias F. De Noronha e Ivete Noronha
CL Paulo A. De Barros F. Neto e DM Roberta Faria
CL Paulo Elias Tacla Marchesan e DM Miriam Marchesan
CL Paulo Rodolpho e DM Elisete Rodolpho
CL Péricles de Faria Pinto e DM Ormindia de Faria Pinto
CL Roberto Cini Gerios e DM Adriana Gelencsir
CL Sergio Palandri e DM Ana Maria Palandri Chagas
CL Sidney José Gorzoni e DM Maria Paula Gorzoni
CL Yuri Felix e DM Caroline

Acervo/Juventino Figueira Borges



Participantes do Lions Clube de São Caetano do Sul divertem-se no Baile das Cafonas, realizado em 1985

Acervo/Juventino Figueira Borges



Primeira Convenção Distrital do Lions Clube de São Caetano do Sul, realizada em 1968, no Grande Hotel, em Campos do Jordão

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORTEGA, Cristina. A magia do primeiro baile branco. *Raízes*, São Caetano do Sul, n.36, p. 20-27, dez. 2007.
RODRIGUES, Áureo. *Leão sabido*. São Paulo: Editora Parma, 2000.
SPERATE, Jocimara. Castores, clubes de jovens que agitou a cidade nos anos 60/70. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 8, p. 53-55, dez. 1992.
VERONESI, Henry. O leonismo em São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 34-38, jul. 1994.

PRISCILA GORZONI

É FORMADA EM JORNALISMO, EM CIÊNCIAS SOCIAIS E EM DIREITO. TEM ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS E ARTES PELO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP E É MESTRE EM HISTÓRIA PELA PUC-SP. ATUALMENTE É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Everton Calício _____



A arte de fazer mortadela em São Caetano do Sul:

A HISTÓRIA DO FRIGORÍFICO CARDEAL

São Caetano do Sul sempre foi um polo gerador de grandes empresas, que, depois, ganharam projeção nacional. A cidade foi o embrião de indústrias alimentícias e também de fábricas ligadas ao ramo frigorífico, graças aos italianos e sua arte em fazer frios de forma artesanal. Muitos ainda se lembram dos produtos feitos por seus moradores, como linguiças e salames.

Lauro Matavelli nasceu em 1928, em São Sebastião do Gramma, no interior de São Paulo. Descendente de uma família italiana de oito filhos, começou a trabalhar muito cedo com a agricultura, assim como a sua esposa, Flora Mattia, com quem se casou em 1950 e se mudou para a cidade de Santo André, em busca de melhores condições de trabalho.

Já estabelecido, Matavelli conseguiu ser contratado no setor produtivo de um frigorífico da região, surgindo, a partir daí, sua paixão pela indústria da carne. Com afinco e dedicação, atingiu grande especialização na indústria de frios e embutidos, capacitando-se, assim, para conseguir um novo objetivo: abrir seu próprio frigorífico.

Era o ano de 1957 quando ele inaugurou a Matavelli e Cia Ltda., em São Caetano do Sul, mais precisamente na Rua Mariano Pamplona, no Bairro da Fundação, onde a família mantinha a fábrica de mortadelas e o açougue. Com o auxílio de um sócio e três

funcionários, a empresa começava uma história de sucesso. Foi inclusive nos negócios da família que surgiu a união de seu filho Roberto com Janete. “Ela vinha comprar carne para a mãe e eu comecei a paquerá-la”, comenta Roberto Matavelli, acionista da empresa.

Roberto começou a trabalhar com seu pai aos 11 anos de idade e não parou mais. O mesmo aconteceu com o desenvolvimento da empresa, cuja unidade fabril seria inaugurada em 1968, na Rua 28 de Julho, no mesmo bairro. Extremamente rígido e criterioso, Lauro Matavelli era daqueles donos que enxergavam o negócio da forma como diz o ditado: “o olho do dono engorda o gado”. Inspeccionava pessoalmente o asseio de cada funcionário que chegava para trabalhar. Parava na porta do vestiário e observava as unhas, o barbeado, o cabelo aparado e o uniforme limpo. Quem estivesse fora de ordem não entrava.

Com o avanço dos negócios, foi escolhido um novo nome para a empresa: Cardeal, uma

homenagem ao pássaro de estimação da família durante muitos anos. Devido ao estilo empresarial ousado e arrojado, Lauro Matavelli foi procurado por uma indústria de tripas artificiais europeia, que queria lançar, no Brasil, uma mortadela embutida com formato diferente da tradicional Bolonha da época. Em parceria, Matavelli aceitou o desafio e surgiu, então, a primeira mortadela tubular, que, mais tarde, ele mesmo batizaria de Amélia.

A história do produto é bem curiosa. Na época em que resolveu testar a tripa artificial para embutir mortadelas tubulares, Matavelli tinha entre suas maiores clientes uma senhora viúva que trabalhava como ambulante e sustentava uma família grande oferecendo mortadela “porta a porta”. Esta senhora aceitou o desafio e começou a comercializar a mortadela tubular. Ótima vendedora, logo os pedidos aumentaram, e, por ser um produto diferente, os clientes começaram a pedir “a mortadela da dona Amélia”. Foi daí que os sócios, em homenagem a esta parceira, resolveram imprimir em suas embalagens a marca Mortadela Tubular Amélia, que foi carro-chefe de vendas durante muitos anos e existe ainda hoje.

Outro grande sucesso da empresa era a produção de mortadelas gigantes para feiras e eventos em todo o país. “Chegamos a produzir mortadelas de mais de 100 quilos!”, orgulha-se Paulo Matavelli, outro filho de Lauro e presidente atual da empresa.

Com o sucesso das mortadelas e a ampliação da linha de produtos para linguiças e salsichas, o crescimento da fábrica foi natural. Em poucos anos, o prédio foi ampliado e as instalações, expandidas. Em 1998, foi inaugurado, anexo à fábrica, o prédio administrativo onde hoje funcionam, inclusive, os setores de desenvolvimento de produtos, controle de qualidade e segurança do trabalho, entre outros.

Seguindo as tendências de mercado, atualmente parte dos produtos da empresa é fabricada para grandes marcas e hipermercados em um sistema de terceirização de marcas próprias. “A procura por



Arquivo/Família Matavelli

Lauro Matavelli no escritório do Frigorífico Cardeal em foto de 1968



Arquivo/Família Matavelli

Flagrante da inauguração do frigorífico na Rua 28 de Julho, em 1968. Flora Mattia, esposa de Matavelli, aparece cortando a faixa inaugural. O proprietário aparece ao fundo (atrás do menino) e, à direita, o então prefeito, Hermógenes Walter Braido

marcas próprias vem crescendo muito nos últimos dez anos, e, neste nicho de mercado para frios fatiados, temos orgulho de ser pioneiros”, explica Paulo.

Foi também apostando nas necessidades do mercado que a Cardeal lançou, em 1997, a marca de *snacks* para cães e gatos: a Bilisko. Os produtos da linha pet hoje somam mais de 30 variedades entre formatos e sabores.

A empresa, administrada pelos filhos de Lauro, falecido em 1991, é uma das maiores do ramo no Grande ABC, ao lado da Barontini, também de São Caetano, e a Marba, de São Bernardo, e tem seus produtos distribuídos entre os principais supermercados da Grande São Paulo. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
FRIGORÍFICO Cardeal completa 50 anos. *Revista Nacional da Carne*. São Paulo: Grupo Dipe-mar, p. 20-27.
HISTÓRICO Frigorífico Cardeal. São Caetano do Sul: Cardeal Alimentos, abr. 2014

EVERTON CALÍCIO

É ESTUDANTE DE JORNALISMO, PESQUISADOR E MEMORIALISTA. É DIRETOR DO MUSEU HISTÓRICO DR. EDUARDO DE CAMPOS ROSMANINHO, DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DESPORTOS, E DIRETOR DE COMUNICAÇÃO DO CLUBE. É MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Mariana Zenaro

Memórias de Archimedes Lazzeri:



Foto: Archimedes Lazzeri

50 ANOS DE
EXISTÊNCIA
DA SOCIEDADE
AMIGOS
DO BAIRRO
OLÍMPICO

Chamado por seus moradores de ‘Vila Olímpica’, é um bairro central e um dos maiores em extensão territorial de São Caetano do Sul (1,39 km²). Eis sua descrição geográfica: composto de uma parte alta e de um fundo de vale, é cortado pelo Córrego do Moinho, ao longo da região onde hoje se encontra a Avenida Presidente Kennedy. Caracteriza-se por suas ruas em formato de semicírculo. Com mais de 22 quilômetros de ruas curvas, em razão das irregularidades do terreno, seus limites fronteiros são, entre os bairros Barcelona e Santa Maria, as alamedas São Caetano e Conde de Porto Alegre. Do Bairro Santa Paula é separado pela Rua São Paulo, e do Bairro Boa Vista pela Rua Sílvia. Do Bairro Oswaldo Cruz, os limites são a Avenida Vital Brasil Filho, a Rua Ingá e a Avenida Paraíso, completando-se o perímetro através da Rua Visconde de Inhaúma.

O vasto terreno começou a ser timidamente ocupado e urbanizado na década de 1950. Em janeiro de 1955, era inaugurado o atual Estádio Municipal Anacleto Campanella, então pertencente à Associação Atlético São Bento, clube surgido da fusão entre o São Caetano Esporte Clube e o Comercial Futebol Clube, da cidade de São Paulo.

A História deixa de ser história se for apenas história de alguns e não história de todos, mesmo dos anônimos e silenciosos, aqueles cuja voz se perdeu, mas ficou nos atos que materializaram sua condição humana. Ruas, ruínas, cenários, traçados – são o testemunho dos que passaram e ficaram.

(José de Souza Martins)

Primeira morada de Archimedes Lazzeri em São Caetano do Sul, em 1956. A residência estava situada na Rua Cavaleiro Ernesto Giuliano. Ao fundo, vemos a Rua Sílvia e, no alto, o Bairro Santa Maria

No início da década de 1960, iniciaram-se as obras de remodelação. Nascia assim, o Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida que justifica o nome da 'Vila Olímpica'. Já em 1968, o bairro recebeu a denominação que tem até hoje. A população da área, no ano de 2004, atingia 19.490 habitantes, conferindo a ele a maior densidade demográfica de habitantes por metro quadrado da cidade. Hoje é considerado um bairro residencial, sendo a maior parte de sua população formada por idosos, personagens que, em suas memórias, conectam histórias de um passado repleto de dificuldades para a existência, e um presente de progressos, prosperidade, modesto conforto e sensação de dever cumprido. Este perfil do tempo presente do Bairro Olímpico é o resultado da perseverança de seus primeiros moradores e do poder público ao longo de muitos anos.

Seus atributos geográficos e físicos, a princípio, desfavoreciam a estabilidade dos homens que se estabeleciam naquela região ainda rústica, que, para ser habitada, carecia de árduo empenho para a construção de condições de sobrevivência. A história deste bairro se fez com muito esforço e trabalho daqueles que lá chegaram para edificar suas moradas e seus modos de viver.



Arquivo/Archimedes Lazzeri

Aniversário dos 80 anos de Archimedes Lazzeri, em 2008, na sede do SAB Olímpico. Vemos na foto, da esquerda para a direita: Marília Kishi Lazzeri, Cecília Kishi Lazzeri, Archimedes Lazzeri, Elaine Lazzeri e Danielle Lazzeri, netas do aniversariante

A história do Bairro Olímpico é a história de seus moradores, é história de trabalho coletivo e de resistência às adversidades impostas pelas precariedades. A história deste lugar, que pode ser descrita por seus atributos geográficos, é também a história das subjetividades, história de vida de seus personagens, como Archimedes Lazzeri, de 87 anos, um dos indivíduos mais antigos do bairro que chegou para construir a vida no Monte Alegre Novo, toponímia original do Bairro Olímpico. Lazzeri foi importante articulador da fundação da Associação Cultural, Recreativa, Assistencial de Moradores da Vila Olímpica e Adjacências (ACRAMVOA), entidade criada pela mobilização popular que visava a melhorias na infraestrutura do bairro em formação por volta da década de 1960.

Archimedes Lazzeri – Nascido em 3 de junho de 1928, na Rua São Caetano, município de São Paulo, tinha apenas um ano quando mudou-se com a família para a Rua Pedro Vicente, nº 296, no Bom Retiro, próximo à Ponte Pequena da Cantareira, na Estação Armênia. Posteriormente, mudaram-se para o Jaçanã.

Seu pai era Casemiro Lazzeri, filho de italianos, nascido em 1901, e que trabalhava como guarda municipal na Prefeitura de São Paulo. Sua mãe era Helena D'Olivo Lazzeri, também filha de imigrantes italianos, nascida em 1903 na capital paulista. Os pais de Lazzeri viveram em São Paulo, no Bairro do Jaçanã, até a morte. Mas o filho não foi pródigo, mudou de paragens, fez de São Caetano do Sul sua morada em 1953, onde seus tios e padrinhos já viviam. A cidade do ABC, pequenina, havia se emancipado politicamente em 1948, e vinha se desenvolvendo economicamente a largos passos, propulsionada pela industrialização. Desta maneira, vinha se expandindo sentido centro-sul, em direção às divisas com Santo André e São Bernardo do Cam-

po, do entorno da estação ferroviária no Bairro da Fundação, avançando para o que poderíamos considerar como o interior da cidade, contudo carecendo de infraestrutura urbanística. Nem toda a sua extensão territorial havia sido ocupada populacionalmente. “Conheço esta cidade desde que me conheço por gente. Vinha sempre para São Caetano porque meu tio e meu padrinho moravam na Rua Rio de Janeiro. Naquela época, a cidade se findava na Rua Vital Brasil Filho com a Rua Rio de Janeiro, nem existia o pronto-socorro”, recorda Lazzeri.

Neste contexto surgia mais um bairro de São Caetano, primeiramente batizado de Vila do Monte Alegre Novo, em referência à própria toponímia da cidade, sendo o primeiro monte transposto, que deu origem ao Bairro Monte Alegre, também reduto de muitos imigrantes espanhóis, atualmente conhecido como Bairro Santo Antônio.

Os tempos eram difíceis e viver exigia fôlego e resistência para ganhar o pão de todo o dia. Archimedes Lazzeri começou sua vida profissional aos 14 anos como mensageiro do Banco de Crédito Nacional, situado na Rua Boa Vista, nº 58. Posteriormente foi feirante e cocheiro. Em seguida, foi operário em diversas outras fábricas na capital. No mesmo ano em que foi admitido para trabalhar na divisão de geladeiras da General Motors do Brasil, em São Caetano, Lazzeri resolveu se mudar para a cidade para poder estar mais próximo do trabalho.

Vida nova e o mundo novo a ser construído no Monte Alegre Novo - Em 1951, Archimedes Lazzeri casou-se com Aparecida Gennova, ainda em São Paulo. Em 1956, saiu da efervescente metrópole, com esposa e os filhos, Archimedes Felício Lazzeri e Achiles Lazzeri, para uma cidade periférica, também industrial e em crescimento urbano, mas que carecia de muita infraestrutu-

ra básica. “Vim morar de aluguel na Rua Cavaleiro Ernesto Giuliano, nº 1.156, esquina com a Rua Sílvia, no fundo do Bairro Olímpico, que se chamava Monte Alegre Novo, em São Caetano do Sul. Neste endereço, vivi por dois anos. Lá ainda não havia urbanização alguma. As ruas eram de terra. Havia pouquíssimos moradores. Não havia luz para todo mundo, nem água encanada. A água potável era de poço”, conta Lazzeri, lembrando os tempos difíceis em que tudo estava por se fazer.

Então, as glebas de terras do Monte Alegre Novo começaram a ser loteadas. Comprar um pedaço de terra e construir naquela região tão carente de recursos era a saída para evitar o aluguel. Contudo, viver no Monte Alegre Novo não era fácil, tampouco “alegre” naqueles primeiros anos. O escritório Gisela, onde se tratava dos loteamentos, era na Rua Vital Brasil Filho. Os lotes eram financiados em 15 anos. Havia 14 lotes disponíveis, cada um com 14 metros de frente. Para facilitar a venda, os terrenos foram desmembrados em duas partes, com 7 metros cada um. Lazzeri adquiriu a metade de um lote na Rua Planejamento C 144. Naqueles primeiros tempos do Olímpico, as ruas não eram nomeadas. Hoje essa via é a Rua Ribeirão Preto, nº 182, o endereço de Archimedes Lazzeri há 59 anos. Outro vizinho comprou a outra metade do lote. “Fui o terceiro morador do Bairro Olímpico. Primeiro, construí uma laje e, após muitos anos, consegui ter energia elétrica em minha residência, instalando um ponto de energia, com relógio de medição da antiga Light, na casa de um vizinho, na margem direita do córrego, onde hoje é a Avenida Tijucussu. A conta era dividida entre oito famílias”, comenta. O único serviço que chegava até as residências era o de venda de gás, exceto nos dias de forte chuva, pois mesmo com os pneus envoltos em correntes, os caminhões da Ultragaz não conseguiam caminhar pelas descalçadas ruas de argila vermelha.



Arquivo/Archimedes Lazzeri

Retrato dos moradores e da construção da vida e do lugar - O perfil dos moradores do Bairro Olímpico era predominantemente operário/fabril. A maioria dos habitantes trabalhava em montadoras e metalúrgicas, como a General Motors, Mercedes Benz, Volkswagen, Ford Willys e outras indústrias e fábricas, a exemplo da Termomecânica, Coferraz, Cofab, Cerâmica São Caetano, Matarazzo, Villares e ZF. Cerca de 80% das mulheres desempenhavam exclusivamente atividades domésticas. Outras, quando jovens, trabalhavam em tecelagens como Tecelagem Nice (onde hoje está localizada a GM) e nas fábricas de botões, até casarem-se e terem filhos.

Ter roupas de alfaiataria era um luxo naquela época para aquele perfil populacional. As mulheres costuravam dentro da própria residência para vestir a família. “Minha esposa, Cida, costurava em casa para vestir a família, fazia sabão artesanal com óleo reutilizado e a massa de macarrão de todos os domingos. Tudo caseiro, como aprendera desde criança na fazenda de café, em Atibaia, interior de São Paulo, onde seus pais foram colonos, logo após o desembarque da Itália. A vida era deveras austera”, recorda Lazzeri.

Havia pouquíssimos e pequenos comércios no Bairro Olímpico, que não supriam as necessidades de consumo de todos os moradores. Assim, costumava-se fazer compras na coopera-

tiva das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, que ficava ao lado da Igreja São Caetano, no Bairro da Fundação. O percurso até a cooperativa era complicado, as distâncias eram grandes e o transporte, precário. O trajeto era feito pelo ônibus Santa Maria, que se dirigia até a estação de trem, e depois era necessário caminhar à pé até o mercado. No retorno, atravessava-se a linha do trem, onde havia uma cancela, e pegava-se novamente o ônibus Santa Maria. “Meu filho Archimedinho ia encontrar a mãe, já no Bairro Olímpico, para ajudá-la a carregar as compras”, rememora Lazzeri.

A saúde pública também era muito precária, havia apenas pronto-atendimento. O acesso às escolas públicas, ou mesmo particulares, era difícil para os moradores do Bairro Olímpico, que precisavam caminhar bastante até chegar às mais próximas, que se situavam na Vila Paula, como era o caso do colégio Sylvio Romero. Os moradores também costumavam frequentar as escolas da Vila Gerty até o quarto ano. Só havia escolas da quinta série em diante na Vila Gerty, no Centro ou na Vila Barcelona.

“Meu filho Archimedes Felício precisava andar pelo menos dois quilômetros para chegar à escola. Estudou no colégio Sylvio Romero da 1ª à 4ª série, depois foi para a escola Arthur Rudge Ramos, na Alameda São Caetano - escola demolida recentemente, porque o edifício era muito antigo, e em cujo terreno construiu-se uma pra-

Baile da Sociedade Amigos do Bairro Olímpico. Foram identificados, da esquerda para a direita: Yolanda Rossato, Armando Rossato, Helena Gonçalves, Ciro Gonçalves, Maria Aparecida Gennova Lazzeri, Archimedes Lazzeri, Neno e Nega

ça. Fez o ginásial (segunda parte do ensino fundamental) no (Alfredo) Buckart, na Vila Gerty em 1960. E, com muito empenho, graduou-se em ciências sociais no Centro Universitário Fundação Santo André.”

Entretanto, um dos maiores problemas de infraestrutura enfrentados pelos moradores do antigo Monte Alegre Novo era o de ordem sanitária. Água encanada não existia no Bairro Olímpico. Archimedes Lazzeri fez dois poços de 14 metros nos fundos de seu lote, assim como fossas negra e acética. Metade das casas do bairro tem caída para os fundos, pois foram construídas num terreno íngreme, em que a água da chuva tende a escorrer para as outras residências. Então, os moradores das sete residências da quadra da Rua Ribeirão Preto construíram uma rede de tubulação, passando por várias outras casas, que levava a água de chuva até a lateral da quadra, para escoá-la junto ao esgoto na rede pública. “Foram os moradores que resolveram o problema da água de chuva”, explica Lazzeri. Segundo ele, todas as casas construídas em terreno com caída para o fundo não têm captação de água fluvial. A solução conseguida para a rede de água e esgoto do Olímpico, naqueles tempos de precariedade, é, nos dias atuais um problema de sustentabilidade, pois 50% da água não pode ser reaproveitada. Pouco a pouco, a prefeitura realizou as obras de canalização do Córrego Tiju-cussu (1968-1969) e a pavimentação das vias. A energia elétrica foi conseguida, primeiramente, com um “quebra-galho”, em seguida, por meio da intervenção da prefeitura, que instalou a rede pública elétrica em todo o bairro.

A formação da Associação de Amigos – Viver no Monte Alegre Novo exigia muitos sacrifícios diários, como a locomoção. Na época, os serviços urbanos chegavam depois da construção das casas, o que fez com que os moradores logo

percebessem a necessidade de unir esforços, tanto para a ajuda mútua, quanto para reivindicar melhorias das autoridades municipais. Assim, concluída a etapa de construção das casas, os primeiros moradores resolveram criar uma associação para fazer valer sua voz e para oferecer aos moradores e seus filhos serviços de lazer e cultura, dos quais a cidade não dispunha. Os moradores trabalhavam em seus empregos durante a semana e, nos finais de semana, dedicavam-se arduamente a realizar melhorias no bairro. Este foi o espírito comunitário que norteou a criação da Associação dos Amigos do Bairro Olímpico.

A Associação Cultural, Recreativa, Assistencial de Moradores da Vila Olímpica e Adjacências (ACRAMVOA) foi fundada em 21 de abril de 1965. A assembleia geral ordinária que criou o primeiro estatuto foi realizada em 15 de maio de 1965 e o primeiro estatuto foi registrado e aprovado no dia 18 de junho de 1965. O primeiro presidente foi Benedito Pinto de Oliveira. Victório Topazzo era o vice-presidente; o segundo vice-presidente era Carlos Brunetti; o secretário era Atílio Bertochi, que era professor da Escola de Formação da Volkswagen do Brasil e do Senai, e que, em 1974, foi candidato à vereança e eleito pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1978, importante expoente da vida política da cidade.

Archimedes Lazzeri é o único membro da primeira diretoria ainda vivo. Estava em sua incumbência o conselho fiscal da primeira diretoria. Mais tarde, teve participação na política do município, em decorrência de sua atuação na associação dos amigos de bairro. Foi candidato a vereador em 1982 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), tendo atingido 850 votos, colocando-se como quarto suplente. Ainda hoje tem notório reconhecimento na comunidade do Olímpico, sendo sempre

consultado nas deliberações da atual diretoria, liderada por Adilson Domingos Ferrari.

A associação era uma importante experiência de democracia, de trabalho coletivo e mutualidade em plenos anos de ditadura militar. Os moradores eram seus proprietários. Elegiam uma diretoria e conselho fiscal com 11 membros, que respondiam legalmente pela entidade. A associação era mantida por meio de uma mensalidade e de ações que visavam arrecadar fundos. O dinheiro era gerido pelo conselho fiscal, que deveria ter plena transparência em relação aos recursos da entidade para com a comunidade.

O papel da ACRAMVOA era atender às reivindicações dos moradores para conseguir melhorias para a vila, como pavimentar ruas, construir sarjetas, instalar luz elétrica, água encanada, trazer linhas de ônibus e outras medidas básicas de urbanização. A primeira reivindicação da associação junto à prefeitura foi a que a linha de ônibus da Vila Paula fosse estendida até a Rua Vital Brasil Filho, e chegasse mais próximo da Vila Olímpica. Naquele tempo, era difícil indivíduos pertencentes à classe operária e a setores médios conseguirem comprar automóveis. O deslocamento exigia um longo percurso, com cansativa caminhada, de cerca de um quilômetro até chegar à Rua Nossa Senhora de Fátima, onde passava o ônibus da linha Vila Paula. Conseguiu-se que o ônibus chegasse à Rua Nossa Senhora de Fátima e, em seguida, o progresso era que chegasse até o fim da Rua Vital Brasil Filho com a Rua Ingá, onde hoje se encontra a Escola Estadual Yolanda Ascencio.

Para além das necessidades de caráter urbanizador, a associação também cumpria papel assistencial, cultural e recreativo para os moradores. Naquela época, as políticas públicas para a cultura e esportes ficaram, majoritariamente, circunscritas aos grandes centros

urbanos, como a cidade de São Paulo. Em São Caetano, a biblioteca municipal estava situada na Avenida Goiás, nº 1.111, os cinemas eram concentrados na região central e as opções culturais e sociais para os moradores do Bairro Olímpico eram bem escassas. A associação oferecia atividades como bailes para os casais, bailes de carnaval, matinês para os jovens e festas juninas. Torneios de cartas, de dominó, corridas de atletismo e de bicicleta também eram algumas maneiras de diversão e entretenimento que constituíam os espaços de sociabilidade daquela vila predominantemente operária.

O grupo de jovens organizava as dominieiras na década de 1970. Na sede da associação, instalavam todos os equipamentos, montavam as caixas de som, amplificadores e os toca-discos, para arrasar na pista ao som das músicas da Jovem Guarda. As matinês eram uma grande curtição, e gratuitas! No campo do lazer, Victório Topazzo era o membro encarregado de promover os passeios que costumavam lotar mais de 15 ônibus com passageiros da Vila Olímpica. A ACRAMVOA organizava excursões para Aparecida do Norte, Valinhos, Bom Jesus de Pirapora e Praia Grande.

Lazzeri era o promotor das ‘ruas de lazer’, que puderam acontecer após a pavimentação do Córrego Tijucussú. O trânsito da Avenida Tijucussu era interrompido das 8h às 17h, para o deleite dos ciclistas, das crianças e dos jovens. Além de corridas de bicicleta, também havia partidas de futebol amador e provas de atletismo, com premiações. A própria associação comprava medalhas, algumas vezes com o dinheiro adquirido por meio de patrocínio de pequenos comércios da região. Em sua sede, aconteciam torneios de dominó, truco e de outras modalidades. “Foram domingos de muito trabalho, mas muito gratificantes”, lembra-se, com nostalgia.

Eleição para diretoria da Associação dos Amigos do Bairro Olímpico. A entidade se caracterizou, desde sua criação, por valorizar o debate político e democrático. A chapa vencedora, apoiada por Atilio Bertochi, posa para foto, na década de 1970

Diretoria da Sociedade Amigos do Bairro Olímpico, em frente à sede da entidade, em foto do início da década de 1980. Foram identificados, na primeira fileira, em pé, o segundo da esquerda para a direita, Atilio Bertochi, ao lado, o então prefeito, Raimundo da Cunha Leite. Na segunda fileira, em pé, o terceiro da esquerda para a direita é Archimedes Lazzeri

Construção da sede da Associação de Amigos do Bairro Olímpico - A associação comprou o terreno de sua sede com recursos próprios. Em 1966, houve a construção do edifício, possibilitada por mutirão entre os moradores associados. Primeiro, fez-se a terraplanagem com enxadão, depois foi construído um barracão com madeira, doado pela Mercedes Benz. O material era refugio de embalagens de peças de importação e foi conseguido por um dos membros da associação, funcionário da mesma empresa. Somente dez anos depois da construção da simplória sede em madeira, em 1976, foi possível erigir o edifício de alvenaria, também com muito esforço e trabalho comunitário.

Decadência da associação e mudança de direcionamento da missão da entidade - Na década de 1990, houve uma decadência da função política da entidade, tendo ficado inativa por anos, como resultado da deterioração do edifício da sede, que se tornou incômodo para a vizinhança. A associação perdeu seu caráter reivindicatório e assistencial, pois, naquele momento, o poder público já cumpria amplamente o seu papel de desenvolver políticas públicas para diversos setores.

A ACRAMVOA cedeu seu espaço para a Associação dos Alcoólicos Anônimos, que, posteriormente, saiu da Avenida Tijucussu e fixou-se na Avenida Goiás. Nesta fase triste da existência da associação, renasceu o antigo espírito de mobilização coletiva e solidariedade na comunidade. Para a reabertura da entidade, em 1994, mais uma vez Archimedes Lazzeri foi um importante agente de articulação dos moradores, que teve forças somadas às de Roberto Canavezzi e José Ianetta, o novo presidente da Associação dos Amigos do Bairro Olímpico. Em 2006, com recursos próprios, a sede foi reformada, ampliada e reinaugurada para melhor atender os moradores. O edifício foi emprestado à prefeitura em



Acervo/Archimedes Lazzeri



Acervo/Vilma Bertochi



Acervo/Sociedade Amigos do Bairro Olímpico

Prefeito Luiz Olinto Tortorello, seu filho Marcos Tortorello, e os membros da diretoria da Associação dos Amigos do Bairro Olímpico, Adilson Domingos Ferrari e Archimedes Lazzeri, no canto direito, na sede da entidade na ocasião da concessão da primeira subvenção da prefeitura municipal em 1998

2010 para abrigar a Unidade Básica de Saúde Caterina Dall'Anese, quando o prédio do órgão passava por uma requalificação estrutural. Atualmente a entidade resguarda algumas de suas características originais, oferecendo atividades nos âmbitos cultural, recreativo e desportivo para a população do Bairro Olímpico, unindo as suas gerações.

Hoje o bairro é um lugar bonito, bem urbanizado, com largas avenidas. Na vizinhança fica o Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. Há ainda um importante equipa-

mento cultural da prefeitura, o Teatro Paulo Machado de Carvalho, a Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (ACASCS), várias escolas de educação infantil, escolas de primeiro e segundo grau e a Fundação Municipal Anne Sullivan (para deficientes auditivos), além disso lá foi erigida a Igreja São Bento, fundada pela Associação Assistencial Católica. Neste cenário de cidade civilizada e próspera, Archimedes Lazzeri recorda os tempos de trabalho, dedicação e amor ao lugar que traz a dignidade dos homens que o construíram. **R**

Palavra do atual presidente da SAB Olímpico

Durante nove anos, a Sociedade Amigos do Bairro Olímpico ficou ociosa, pois muitas de suas atividades iniciais, que se voltavam para melhorias estruturais para a comunidade do bairro, passaram a ser incorporadas como políticas públicas pela municipalidade.

Assim, a missão original da SAB Olímpico não era mais a mesma. Cerca de 20 moradores do bairro, aliados a antigos diretores, como Archimedes Lazzeri, e pessoas que não fizeram parte da fundação da entidade, como José Ianetta, mobilizaram-se para dar uma nova fase à associação.

Esta nova missão da entidade conta com estreita ligação com o poder público, que ajuda na reforma da sede da SAB. Hoje, as atividades têm um caráter recreativo, cultural e de formação profissionalizante. Chegou-se a oferecer cursos profissionalizantes na associação, como pintura, desenho e de corte e costura.

Adilson Domingos Ferrari



Foto: Alexandre Vieri (PMSCS)

Agradecimentos Especiais: A Archimedes Lazzeri, ao amigo de muitos anos, Archimedes Felício Lazzeri, a Adilson Domingos Ferrari e a Sonia Bertochi, que gentilmente cederam depoimentos, documentos e fotografias pessoais para a realização deste trabalho.

Padre Claudio Tafarello, da Paróquia São Bento, celebra missa de Ação de Graças do jubileu de ouro da SAB Olímpico, em 24 de abril de 2015

MARIANA ZENARO

É JORNALISTA E HISTORIADORA, PÓS-GRADUADA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV-SP) E PÓS-GRADUANDA EM ARTE: CRÍTICA E CURADORIA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP). É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

No baião dos corais

A TRAJETÓRIA DO CORALISTA ODAIR VITURI

Lembrança da apresentação no programa de Inezita Barroso, em 2007



Baião de ninar

Este baião eu inventei para ninar

O meu amor, num berço feito de raio de luar

Baião oi de ninar, baião oi de ninar

(Edino Krieger)

A primeira vez que Odair Vituri, 72 anos, administrador aposentado da General Motors, participou de um coral entoou a música *Baião de Ninar*, que, apesar das poucas estrofes, nunca mais saiu de sua mente: “A primeira vez, a gente nunca esquece”. Vituri nunca havia feito aulas de música e aprendeu a cantar ouvindo várias vezes as músicas e tentando repeti-las depois.

Sua audição funcionou tão bem que até hoje participa dos corais da cidade, não só cantando, mas dando apoio à equipe. “A partir do momento que você tem de cantar, a mente começa a funcionar em uma frequência diferente. O canto coral exige ouvir cinco vozes diferentes, você tem de ter cinco ouvidos. É uma habilidade que uma pessoa ‘normal’ não tem. Mas, com o tempo, você vai adquirindo essa capacidade.



Odair Vituri (o quinto, a partir da esquerda) cantando na Oficina de Voz, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, em 2008

Ser coralista é uma dupla responsabilidade, não é só cantar bem, mas estar sincronizado com o grupo. Não estou sozinho, tenho de estar afinado com os outros.”

Vituri já participou de diversos corais da cidade: Coral ADC General Motors de São Caetano do Sul (1999 a 2015), Grupo Vocal Imes – Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul - (1999 a 2008), Oficina de Voz, da USCS – Universidade Municipal de São Caetano do Sul -

(2007 a 2010), Coro de Repertório da Fundação das Artes (2011 a 2015) e Coral da USCS (2013 a 2015).

Sua entrada na vida de coralista aconteceu em 1999. De lá para cá, Vituri nunca mais deixou os grupos corais da cidade e, atualmente, atua em três: o da General Motors, da Fundação das Artes e da USCS. Para complementar a semana, aos domingos, canta nas igrejas da cidade.

O começo - Tudo começou em 1999, quando Odair Vituri encontrou no Coral ADC General Motors a sua porta de entrada para o mundo dos coralistas. Vituri estava prestes a se aposentar, por isso, buscava uma atividade que pudesse relaxar e, na ocasião, a GM criava o seu primeiro grupo de coral. “Foi nesse coral que eu dei os meus primeiros passos, orientado pelas mãos do maestro Alexander Pereira. Entrei por motivos de saúde, precisava ter um antídoto contra o estresse e a vida agitada. Queria fazer algo totalmente diferente do que já fazia, e encontrei tudo isso no coral”, afirma.

Era o início de uma longa trajetória no mundo dos corais. Foi com a experiência nesse primeiro grupo que Odair Vituri reuniu todo o aprendizado para os cinco corais que passariam por sua vida.

Para o Coral da GM, o maestro Pereira buscou participantes que não tivessem prática nem conhecimento musical, pois o objetivo era ensinar todos os passos para se tornar um coralista. “Ele nos ensinou todos os rudimentos para se cantar em coral. Porque quem não sabe cantar tem de fazer um aquecimento inicial, que é dividido em três partes: aquecimento físico (5 minutos), exercícios de alongamento (braços e pescoço), aquecimento respiratório, com flexão de diafragma, e, depois, aquecimento vocal com vários tipos de vocalizações. Vencendo esses primeiros passos, o desafio de cantar se torna mais fácil”, relata.

As apresentações que Vituri mais gosta são as assistenciais: “São as que fazemos em hospitais, asilos, creches, casas de repouso, entre outros locais. Elas dão um prazer duplo, para o intelecto e para o coração”.

Mais de 300 músicas - Durante a sua trajetória, Vituri perdeu a conta de quantas músicas, apresentações e participações em corais já fez. “As apresentações passam de 100, só no Coral da GM, já cantei mais de 200 músicas, mas parei de contar. Acredito que já tenha cantado mais de 300. Na região do ABC, só não nos apresentamos em Rio Grande da Serra e Ribeirão Pires. Também já cantamos em várias cidades do interior, como Campinas, Piracicaba, Mogi das Cruzes e São José dos Campos”, conta.

O número de participantes dos grupos também varia. O Coral da GM começou com 25 participantes, no seu auge alcançou 65 e, atualmente, possui, aproximadamente, 40 coralistas. Dos participantes, a maioria são mulheres. “Para a mulher é normal cantar, ela tem aquela sensibilidade natural, já nasce cantando, tem muita facilidade. Já a presença de homens é menor, isso facilita a entrada deles nos corais, pois faltam vozes masculinas”, lembra.

Algumas apresentações marcaram sua história, entre elas, a que fez com o Grupo Vocal Imes, nos anos de 2007 e 2008, nos programas de Inezita Barroso e Tinoco. Aliás, emoção é o que não falta na trajetória do coralista. Em 2011, o coração quase ‘saltou pela boca’ quando cantou, pela primeira vez, com uma orquestra sinfônica, no Mosteiro de São Bento. “Eu achava que ia desmaiar, o que me segurou foi um minuto de aplauso do público”, relembra.

Além das emoções, não faltam histórias inusitadas. Uma delas aconteceu em uma das edições da Festa Italiana de São Caetano do Sul, na década de 1990. “No meio da apresentação, o

Apresentação do Coro de Repertório da Fundação das Artes, realizada em 2011, com participação de Vituri



Foto: Odair Vituri

Odair Vituri (o segundo, a partir da esquerda, na última fila) e o Coral ADC General Motors de São Caetano do Sul, em foto de 2008



Foto: Odair Vituri

palco ruiu, exatamente no meio da música. Nós não paramos, tivemos o jogo de cintura de continuar cantando e o público nem percebeu”, narra.

Outras histórias inusitadas são as apresentações que o grupo fazia na cidade de Itanhaém, no litoral de São Paulo. “Cada vez que tinha festa, o prefeito nos convidava para cantar. Ele, então, nos levava para um palco todo enfeitado com flores, montado no alto da cidade, onde ficava o convento das freiras. Nós cantávamos e a população ficava na praça, nos vendo pelos telões”, relembra.

De todas as narrativas, a mais estranha foi quando se apresentou no Ipê Clube, em São Paulo. “Convidaram 13 corais para se apresentar. Quando chegamos, nos deram uma música desconhecida, que havia sido composta um dia antes. Cada grupo ensaiou nos intervalos. De repente, nos chamaram para cantar a música com os outros 12 corais. O teto do clube era de estrutura metálica, assim que começamos a cantar, ele começou a vibrar com muita força. Ficamos assustados, mas, no fim, deu tudo certo”, relata.

Em 2011, o coralista migrou para o Coro de Repertório da Fundação das Artes, do qual ainda participa. “Nesse coral, faço apresentações anuais e, inclusive, aprendi a cantar em nove línguas, sem nunca ter tido aula de idiomas. Eu canto em zulu, português, latim, italiano, francês, alemão, árabe, espanhol e japonês. O mais emocionante para mim foi cantar a música *Noite Feliz* em japonês. Agora estou preparando essa canção em alemão. Canto sem nunca ter visto a

música, acompanho o cantor da frente, não tenho receio”, afirma.

No coral, a posição de Vituri não é muito definida, alguns maestros o colocam como baixo, mas sua voz consegue flutuar para o agudo, e ficar entre os baixos e os barítonos.

Nos cinco corais dos quais participou, Odair Vituri tornou-se um ‘faz tudo’: canta, escreve aos companheiros as pronúncias das músicas, organiza listas das apresentações e registra, em jornais, as histórias dos corais de São Caetano do Sul. “Sou um assessor voluntário nos vários corais que participo. Se vejo que um grupo tem dificuldades e o maestro não tem tempo, me ofereço para auxiliá-lo. Monto várias listas para cada grupo, com os dados completos dos participantes, ex-participantes e apresentações e suas respectivas datas”, conta.

Com todo esse arsenal, Vituri tornou-se referência na cidade quando o assunto é coral, e não pretende deixar tão cedo esse posto. Ele é memória viva das histórias de São Caetano do Sul. **(Priscila Gorzoni) R**

Tempos de saudade

Foi durante uma festa junina do Clube Comercial, em São Caetano do Sul, por volta de 1957, que os acordes do piano de Lourenço de Camargo entraram em sintonia, pela primeira vez, com a linda e afinada voz de Janet Penachi. Durante três anos, se apresentaram juntos em bailes pela cidade. Em 20 de fevereiro de 1960, casaram-se na Igreja Matriz Sagrada Família. Iniciou-se então uma parceria de vida, que dura até hoje, 55 anos depois, apesar de a união musical ter se encerrado há muito tempo.

Antes desse encontro de acordes e timbres, e de corações, acima de tudo, a trajetória do casal andava dispersa, por caminhos cujo único ponto em comum era a música. Camargo tinha vindo de Sorocaba, interior de São Paulo, onde havia terminado o Exército, com o sonho de tocar na capital. “São Paulo era uma maravilha para arrumar emprego”, lembra. “A maioria das casas tinha piano, rádio vitrola, aparelhos da época... Às vezes, antes de tocar em um clube, a gente se apresentava em uma mansão, onde ocorriam as festas dos bem-aventurados.”

Aos 5 anos de idade, ainda em Sorocaba, começou a criar afinidade com o instrumento,



Lourenço de Camargo se apresenta ao piano no Conservatório Musical Villa-Lobos, em São Paulo, na década de 1970



Janet Penachi encanta público em apresentação no Clube Comercial, em São Caetano do Sul, no início da década de 1950



Orquestra Tirolesa de Nikolaus Behringer antes de apresentação na Acascs. Camargo é o primeiro em pé, a partir da esquerda. Foto da década de 1960

que ficava nos salões do Colégio Santa Escolástica, onde, encantado, tocou as primeiras notas com a permissão das mães. “Enquanto as outras crianças jogavam bola, corriam, eu ficava dedilhando no piano”, conta. Após algum tempo, por incentivo de uma delas, seu pai colocou-o em aulas particulares. Lembra-se, com muito carinho, da professora Romilda Peragallo, italiana que lecionava para muitos alunos, e do padre Zanolla, tecladista da igreja, a quem atribui grande parte de seus ensinamentos. Depois da mudança para a capital paulista, continuou os estudos. Matriculou-se no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, na Avenida São João, onde formou-se professor.

Instalado em uma pensão no Bairro Jardins, Camargo logo conseguiu trabalho em um renomado hotel, onde tocava ao lado de grandes artistas, como Gregório Barrios e Carlos Lombardi, que desembarcavam no Aeroporto de Congonhas, o único de São Paulo até então, e seguiam direto para lá. Durante seis anos, se apresentou nos palcos do hotel, até que a clientela começou a dispersar e o local passou a ser destinado a desfiles de moda, exposições, encontros do clube do livro, entre outros eventos.

Persistindo na carreira de músico, passou a se apresentar em bailes e boates, desta vez, em conjunto. “No início, era obrigatório o músico

trajar terno preto e gravata borboleta. Depois, mudou um pouco. Aceitavam-se paletós vermelhos, amarelos, mas a gravata permanecia”, diz. A recordação dos importantes maestros com os quais trabalhou vem desse tempo. Enzo Barile, Waldemar Famula, Batista e Afonso Trossian são alguns dos nomes lembrados.

Mas, mesmo nessa época, o piano não era o seu único sustento. “A música é inconsistente. Hoje tem um grande restaurante, amanhã troca-se de dono. Um gosta de música, o outro não. Então, em razão dessa inconstância de serviço, tive outros trabalhos além da música durante a vida inteira”, afirma. E completa: “Tive de trabalhar em outras áreas onde pudesse ter carteira assinada para que, depois, houvesse aposentadoria. Era uma jornada dupla. Durante o dia, trabalhava como guarda-livros¹ e, à noite, como pianista. Tocar à noite também era necessidade. Aproveitávamos para jantar comida de primeira qualidade, de graça, e, em seguida, subíamos no palco”.

A cantora – De Bariri, também no interior do Estado, onde nasceu, Janet seguiu direto para São Caetano, acompanhada pelos pais e mais oito irmãos. A nona já nasceria por aqui. Era o ano de 1938. Instalaram-se na casa de parentes. As irmãs mais velhas e seu pai arranjam emprego nas Indústrias Reunidas Fábricas Ma-

tarazzo. Janet tinha 7 anos de idade e foi matriculada no Grupo Escolar Armando de Arruda Pereira. Depois de terminar os estudos, conseguiu uma vaga na Chocolates Pan.

Nessa época, também começou a jornada dupla de Janet, que, durante o dia, trabalhava em São Caetano, e, à noite, seguia para o Bairro do Belenzinho, onde seu irmão a havia matriculado em um curso de canto, após ouvir a garota cantarolar em casa. Seus professores eram Irma Gâmbaro e Vasco Bianucci. Estudou durante cinco anos, até que, incentivada pelas colegas, procurou a antiga e pioneira Rádio Tupi de São Paulo. “Fui conversar direto com Georges Henri e William Fourneau, que consentiram que eu

tações. “Foi muito sacrificado.” Camargo explica que “o maior contratempo da época era o transporte. Não havia ônibus e os bondes demoravam a realizar o percurso. Havia um meio de locomoção muito utilizado que se chamava lotação, que não tinha limite de passageiros. À pé, não dava para ir, então corríamos o risco de ser demitidos, porque chegávamos atrasados no serviço”.

Os estudos de Janet haviam se focado na música clássica, porém, na rádio, ela cantava todo tipo de canção, de bolero à sertaneja. O Trio Tupi, do qual fazia parte, tinha números próprios, mas também fazia coral para os artistas que lá se apresentavam. Entre os nomes



Arquivo/Família Penuchi

Membros da Orquestra Tupi. Abaixados estão William Fourneau (à esquerda) e Georges Henri. Janet está na ponta direita da fila das mulheres

participasse do coral. Após algum tempo, uma das moças do Trio Tupi saiu e eles me chamaram para substituí-la. Apresentei-me de 1950 a 1954”, conta.

Nesse período, Janet começou a trabalhar como escriturária em uma firma de transportes rodoviários, em São Paulo, que permitia que ela saísse mais cedo em dias de ensaios e apresen-

com os quais trabalhou estão os de Tito Madi, Hebe Camargo, Heleninha Silveira e Norma Ardanuy. “Sinto saudades, porque foi uma época maravilhosa, e eu me sentia realizada. Agora, só restam boas lembranças.”

Em 1954, o canto de Janet, tão alegre e festivo, de repente cessou. A morte da mãe a abalou e fez com que se afastasse da música.

Demorou três anos para que a garota retomasse o sonho. Janet voltou a cantar em bailes, entre eles os dos clubes Comercial e São Caetano, e nas festividades do aniversário da cidade, além de colaborar nos eventos para angariar fundos para o Hospital São Caetano. “Diziam que eu era ‘arroz de festa’. Eu gostava muito de ir aos bailes”, conta. Nessa mesma época, Camargo havia se mudado para o município a fim de morar com sua mãe, que tinha vindo de Sorocaba.

O encontro do casal se deu nos palcos. Por meio do maestro Afonso Torossian, da Orquestra Copacabana, foram apresentados. Ensaiaram e se apresentaram juntos algumas vezes. Até que, em 1960, casaram-se. Um ano depois, nasceu o único filho do casal, Ricardo Penachi de Camargo.

Conciliando os serviços domésticos com os cuidados ao recém-nascido, Janet abriu mão da carreira definitivamente. Camargo passou a atuar como desenhista detalhista na General Motors e, durante mais de dez anos, como pianista em bailes, até que, em 1975, sofreu um

acidente automobilístico em Santo André que quase lhe tirou a vida. Perdeu a visão de um olho e sua audição ficou prejudicada. “Isso (o acidente) nos deixou muito desgostosos. A música perdeu toda a graça”, afirma ela. A partir de então, com cada vez menos frequência, o piano de casa passou a ser utilizado, até ficar como está hoje, encostado na parede, embaixo da escada, apenas como recordação de uma época cheia de notas felizes.

Mesmo com o som desligado na maior parte do tempo, a música continua presente na pequena sala de Camargo e Janet, não só pela presença do piano, como também pelo armário lotado de pastas e papéis soltos. “Esse é o arquivo musical de Lourenço”, brinca Janet. Inspirado pelo tema da conversa, Camargo senta-se ao piano e começa a tocar *Eu sei que vou te amar*, de Vinícius de Moraes e Tom Jobim. E foi desta forma que a entrevista terminou. **(Marília Tiveron)R**

NOTAS

¹ Termo usado para o cargo de contador até a metade da década de 1970. Camargo cursou a escola de comércio para poder seguir carreira na área. Além da formação, eram necessários conhecimentos de línguas portuguesa e francesa e esmerada caligrafia. Mais tarde, com a máquina de escrever, era obrigatório conhecimento do aparelho.

Camargo, ao piano, cercado pela esposa, Janet, e pelo filho, Ricardo, na sala de sua casa, em São Caetano. Foto de 10 de março de 2015



Foto: Antonio Reginaldo Camargo (FAPS/CS)

O ativismo artístico de Silvana Garcia, seus louros e frutos

Além de competente dramaturga e dramaturgista, e profícua pesquisadora, Silvana Garcia é estudiosa do teatro de militância, possui vasta obra teórica e vem se destacando com seu primoroso trabalho como diretora. Venceu este ano o Prêmio Shell de Teatro de São Paulo, na categoria de melhor direção, com a peça *Não Vejo Moscou da Janela do Meu Quarto*, profundo estudo sobre *As Três Irmãs*, de Anton Tchekhov, e da *Casa Tomada*, de Julio Cortázar. Na peça, cujo recorte temporal compreende os anos 1950, três irmãos vão sendo expulsos da casa onde vivem, ficando cada vez mais acucados enquanto sonham ir para Moscou. O espetáculo ganhou também o troféu de iluminação com o trabalho de Beto Bruel.

Nascida no dia 19 de dezembro de 1951, Silvana viveu sua juventude na Rua Perrella, em São Caetano do Sul. Coursou o primário no tradicional Grupo Escolar Senador Flaquer e o ginásio, no Ginásio Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho (atual Escola Estadual), onde iniciou seu estudo no teatro em paralelo, com um grupo amador. Silvana é filha de Lauriston Garcia e Carmem Barbieri Garcia. Seu pai, falecido em 2 de fevereiro de 2003, teve importante participação política na cidade. Foi vereador por três legislaturas consecutivas, sendo a primeira em 1949, com 125 votos; a segunda em 1953, com 166 votos e a terceira em 1957, com 286 votos. Já sua mãe, Carmem Barbieri, é ex-funcionária

da prefeitura municipal da cidade. Começou trabalhando como escriturária e, posteriormente, formou-se pedagoga, atuando como diretora substituta nas escolas 28 de Julho e Senador Flaquer. Importante fazer referência a outro grande talento desta família, a irmã mais nova de Silvana, Carmem Silvia Garcia, nascida em 1958, que foi primeira flauta solista da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo e também da Orquestra Sinfônica Municipal de Santo André, tendo sua formação musical iniciada na Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Carmem aposentou-se em 2014.

Em uma breve e agradável conversa ao telefone, Silvana rememora alguns momentos marcantes, vividos quando ainda jovem, em sua cidade natal, nos quais pude notar instigante nostalgia ao resgatar suas raízes. Em uma dessas passagens, lembra até mesmo de sua primeira grande frustração quando, aos 17 anos de idade, tornou-se sócia de seu grande amigo Edélcio Mostaço e de uma terceira pessoa para abrir uma livraria. Um dos primeiros estabelecimentos do gênero em São Caetano do Sul, era chamada 'A Barroquinha', e ficava localizada na esquina das ruas Baraldi e Manoel Coelho. No entanto, nem mesmo sua imensa paixão por livros fez com que o negócio durasse por muito tempo, fechan-



Acervo/Silvana Garcia
Foto/Fernanda Pivato

Foto da diretora, dramaturga e dramaturgista Silvana Garcia, sul-são-caetanesse premiada, em março deste ano, no 27º Prêmio Shell de Teatro de São Paulo, na categoria de melhor direção, com a peça *Não Vejo Moscou da Janela do Meu Quarto*

Aniversário de 2 anos de Silvana Garcia (ao centro). Nota-se, ao lado direito, sua mãe, Carmem Barbieri, e, do lado esquerdo, Assumpta Lorenzini. Ao fundo, está seu pai, Lauriston Garcia, e, ao lado direito de seu pai, a avó paterna, Angelina Tomazella Garcia, acompanhada por vários membros da família



Acervo/Silvana Garcia

Silvana Garcia com o pai, Lauriston Garcia, importante figura política da cidade, na qual foi vereador por três legislaturas consecutivas (1949-1961), e sua mãe, Carmem Barbieri



Acervo/Silvana Garcia

do compulsoriamente no ano seguinte, em 1969. Em 1973, concluiu sua graduação em teatro pela Universidade de São Paulo (USP) e, entre a graduação e o mestrado em artes cênicas, concluído em 1986, pela mesma universidade, Silvana morou na Europa. Após seu retorno, dedicou-se à pesquisa e à docência, como primeiras ocupações, no entanto, ao longo desses últimos anos, tem se voltado para a criação como diretora e dramaturga, área na qual, notavelmente, vem crescendo e se destacando. Em 1992, obteve o título de doutora em artes cênicas na Escola de Comunicações e Artes da USP e, desde 1989, atua como professora de teoria do teatro e de interpretação pela Escola de Arte Dramática da universidade.

Entre os principais títulos publicados por ela estão os livros: *As Trombetas de Jericó* (1997), *Teatro da Militância* (1990, reeditado em 2004), *Lição de Palco* (2009) e *Odisseia do Teatro Brasileiro* (2002). Seus principais trabalhos como diretora, dramaturga e dramaturgista são: *Não Vejo Moscou da Janela do Meu Quarto*, de 2014 (dramaturgia e direção); *Meio tom dá, meio tom cá*, de 2013 (dramaturgismo e codireção); *Voracidade*, de 2012 (dramaturgismo e codireção); *Há um crocodilo dentro de mim*, de 2009 (dramaturgia e direção) e *Lesão Cerebral*, de 2007 (adaptação, dramaturgia e direção), entre outros.

Silvana já atuou como coordenadora de plane-

jamento e produção (1983-1986) e foi diretora do Departamento de

Atividades Regionais da Cultura (1986-1987) para a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Ela também trabalhou como diretora da Escola de Arte Dramática (1994-1997), na Escola de Comunicações e Artes da USP, e diretora da Divisão de Pesquisas – Idart (2001-2004), do Centro Cultural de São Paulo, pela Prefeitura Municipal de São Paulo.

Desde 1981, publica ensaios e estudos sobre teatro em revistas especializadas em diversos lugares do Brasil e do mundo. Em São Paulo, tem artigos publicados nos seguintes veículos: *Camarim*, *Caixa Preta*, *Bravo*, *Jornal da Tarde*, *Revista USP*, *Revista Ar'te*, *Revista Ângulo*, *Revista Teatro*, entre outros. No Rio de Janeiro, já publicou na *Revista Folhetim*, em Blumenau, na *Revista O Teatro Transcedente*, e, em Florianópolis, na *Revista Urdimento*. Em outros países, seu trabalho aparece em *Gestos* (Irvine, Estados Unidos), *Teatro al Sur* (Buenos Aires, Argentina), *Conjunto* (Havana, Cuba) *Latin American Theatre Review* (Kansas, Estados Unidos) e *Revista Teatro CELCIT* (Buenos Aires, Argentina).

Como coordenadora editorial, concebeu e coordenou a coleção *Dramaturgia da geração dos*



Arquivo/Silvana Garcia



Arquivo/Silvana Garcia



Arquivo/Silvana Garcia

Caderneta escolar de Silvana Garcia, quando ainda cursava o primeiro ano do colegial, do ano de 1967

anos 90. Em 2004, geriu a Divisão de Pesquisas – Idart, do Centro Cultural São Paulo, e também coordenou a coleção *Os Grandes Dramaturgos*, da Editora Peixoto Neto, de São Paulo (2003 - 2006). Atualmente coordena a edição da *Revista A[L]BERTO*, da

SP Escola de Teatro.

Nesses últimos dez anos, como integrante de corpos gestores e assessora parecerista, colaborou com diversas entidades, entre elas: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp); Fundação Ford – Fundação Carlos Chagas (Programa de Bolsas Internacionais); Associação Amigos da Oficina Cultural Oswald de Andrade (ASSAOC); Cátedra Itinerante de la Escena Latino-Americana e Archivo Virtual de Artes Escénicas (Facultad de Bellas Artes/Universidad Castilla La Mancha, Espanha).

Desde 1992, participa como jurada e debatedora de espetáculo, e também como palestrante, em festivais de

teatro, marcando presença, inclusive, em importantes eventos em Portugal, Espanha, Bélgica e Argentina.

Nesse breve levantamento, fica evidente o peso das significativas realizações acumuladas pela sul-são-caetanense Silvana Garcia durante toda a sua trajetória, além de sua importante contribuição para o teatro. Louros e frutos que apenas trabalho árduo e grande dedicação podem construir. **(Talita Scotá Salvatori) R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCENCIO, Yolanda. História dos líderes do movimento resgata passado. *Raízes*, São Caetano do Sul, edição especial, p. 49-58, out. 1998. *Meio Século de Legislativo em São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.

Sites

ECA – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br>. Acesso em: 5 mai. 2015.
Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br>. Acesso em: 23 abr. 2015.
Jornal Ô Catarina, Ed. 83. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/ocatarina>. Acesso em: 23 abr. 2015.

Silvana Garcia em sua formatura do ginásio, no colégio Coronel Bonifácio de Carvalho, em 1966

Formandos do curso ginasial, de 1966, do Ginásio Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. Silvana Garcia é a primeira, à direita, na terceira fila, de baixo para cima. Nota-se na foto o professor João Leonardo da Silva Rocha (à direita, em baixo) e, na outra ponta, o diretor Carmelo Crispino. Foto de 1967



Arquivo/Silvana Garcia



Arquivo/Silvana Garcia

Capa dos principais livros de Silvana Garcia: *Teatro da Militância* (1990 e reeditado em 2004) e *As Trombetas de Jericó – Teatro das Vanguardas Históricas* (1997)

Maria Eugênia Ortiz:

SERVIÇO E SUPERAÇÃO NO ESPORTE SUL-SÃO-CAETANENSE

Acervo/Maria Eugênia Ortiz



Maria Eugênia Ortiz no curso de fisioterapia da Universidade Metodista de Piracicaba, em 1980

Maria Eugênia Ortiz é exemplo de quem subiu no primeiro lugar do pódio da vida, não como atleta laureada, mas dando suporte para os esportistas poderem desempenhar o melhor de suas habilidades físicas e se superarem. Seu trabalho de bastidor é essencial para manter os atletas em plena competitividade. Como fisioterapeuta esportiva, já cuidou de diversos esportistas da seleção brasileira e atletas olímpicos, assim como sempre esteve em posição privilegiada no empenho para colocar os de São Caetano entre os melhores. Ela também desenvolve importante trabalho no campo da fisioterapia na Clínica Fisiotrat, em São Caetano do Sul, desde 1986, ao lado da sócia e melhor amiga desde os tempos de faculdade, Lúcia Malerba.

Conhecida como Gegê, nasceu em 4 de outubro de 1959, em Piracicaba, no interior do Estado de São Paulo. Desde criança, era alucinada por esportes, praticante de várias modalidades, como vôlei, handebol, atletismo, tênis, entre outros. Mas foi no tênis de campo em que se saiu melhor. Praticou o esporte, foi federada, participou de diversos torneios defendendo sua cidade natal. Graduou-se em fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), em 1980.

Como tenista, acredita que não tenha tido um desempenho brilhante, encontrou então seu lugar na fisioterapia esportiva, área incipiente no Brasil. Eugênia, porém, está entre os profissionais

Prometo dedicar-me à profissão de Fisioterapeuta utilizando todo conhecimento científico e recursos técnicos por mim adquiridos durante o medir de esforços, assegurando aos pacientes sob meus cuidados o bem-estar físico, psíquico e social. Juro honrar o nome da fisioterapia com amor, respeito e dignidade, empregando todos os meios para fazê-la conhecida e valorizada. (Juramento do fisioterapeuta)

de destaque que vivenciaram as melhorias nesse campo ao longo dos últimos 25 anos, testemunhando a profissionalização do esporte no país. O amor pelos esportes se transferiu para o cuidado e preparo físico dos atletas. “Naquela época de tenista, eu era muito amadora, não conseguiria sobreviver do esporte, mas realizo-me até hoje quando entro num ginásio, numa quadra, é como se eu estivesse lá”, confessa.

Maria Eugênia transferiu-se para São Caetano, em 1986, por convite de Cássia Lorenzini, tenista que competia por São Caetano na época. Elas se conheceram nos torneios e jogos abertos

de tênis dos quais participavam.

Inicialmente, Gegê veio para São Caetano para atuar como tenista. Na ocasião, o presidente do Departamento de Esportes da cidade era João Bonaparte, já falecido, que a convidou para trabalhar como fisioterapeuta e acompanhar os atletas do município. Posteriormente, assumiu o cargo de coordenadora, tendo exercido a função por 18 anos. “Foi tudo muito rápido. Eu treinava no período da manhã e da tarde, e, depois das 17h, ia para a prefeitura para acompanhar e atender os atletas. Com o tempo, a situação foi sendo invertida, passei a jogar menos e atender mais os atletas do município”, relembra.

Posteriormente, foi trabalhar na Fisiotrat com a amiga Lúcia Malerba. “Na época em que nos formamos, Lúcia voltou para São Caetano, e, em seguida, eu vim para a cidade, trazida pela Cássia Lorenzini”, recorda. As famílias das amigas Cássia e Lúcia se tornaram a sua, tendo dado apoio a Maria Eugênia, que tinha 24 anos quando mudou de município.

Quando Maria Eugênia Ortiz iniciou sua atuação como esportista, a área de fisioterapia esportiva não estava consolidada. Ao terminar a graduação, especializou-se em ortopedia e traumatologia também na Unimep. “Naquela época, não havia a figura do fisioterapeuta dentro de uma equipe de esportes. Isso foi conquistado aos poucos, e o quadro atual é totalmente diferente. Hoje, o fisioterapeuta faz parte da equipe, é tão importante quanto o técnico, quanto o preparador físico”, afirma Gegê, orgulhosa por fazer parte da história do desenvolvimento de sua área de atuação.

Atualmente, os esportes estão passando por um momento muito especial, em virtude das Olimpíadas, e o Brasil tem promissores nomes. Gegê faz parte do quadro de fisioterapeutas do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), tratando de alguns atletas medalhistas olímpicos, a exemplo de Arthur Zanetti, da ginástica artística de São

Caetano. Ele foi medalhista nas Olimpíadas de Londres em 2012, com grandes chances de conquistar medalha no próximo ciclo olímpico. Por determinação do COB, está sob os cuidados de Maria Eugênia Ortiz, e tem o privilégio de dispor de uma equipe multidisciplinar, com nutricionista, médico e psicóloga.

Nos primórdios da fisioterapia esportiva, o profissional deveria atender inúmeros atletas, em diversas modalidades. “Nós íamos para jogos regionais e abertos e cuidávamos de uns 200 atletas, de diferentes modalidades. Ficávamos num alojamento à disposição dos que eram encaminhados para o tratamento de fisioterapia”, comenta Eugênia. Hoje, esse profissional é essencial para garantir o bom desempenho de um atleta, faz parte da equipe, sendo sua atuação mais preventiva do que curativa. “O trabalho que eu faço hoje é um cuidado permanente, para que o atleta não chegue a se lesionar”, afirma. Pouco a pouco a fisioterapia esportiva foi sendo especializada, conforme as especificidades de cada modalidade. Gegê começou acompanhando grandes equipes de vôlei, como a Colgate São Caetano, cujo público lotava ginásios esportivos. Nesta época de ouro da história do esporte de São Caetano do Sul, o prefeito era o Luiz Olinto Tortorello, grande incentivador dos esportes.

Eugênia teve atuação exemplar na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, construindo histórico de destaque na valorização dos esportes. A cidade conquistou muitas medalhas e troféus nos Jogos Regionais e Abertos. Maria Eugênia Ortiz cultivou excelente relacionamento na municipalidade e conquistou muita respeitabilidade, sendo referência profissional e expandindo espaço para a atuação de outros fisioterapeutas. “Sempre tivemos vários patrocinadores para o vôlei. Esta história começou com a Colgate, depois vieram as empresas L'Acqua di Fiori e Uniban. Na equipe de São Caetano, tive a oportunidade de tratar de jogadoras de nível de seleção, como Ana Moser,



Maria Eugênia Ortiz ao lado do ginasta Francisco Barreto Júnior (ao centro) e do técnico Cristiano Albino Júnior, da Seleção de Ginástica Artística Masculina, que conquistou a medalha de prata na barra fixa, na última etapa da Copa do Mundo, antes dos Jogos Panamericanos do Canadá, em julho de 2015. Foto de 24 de maio de 2015

Fofão, Virna e Vera Mossa. Tínhamos uma equipe de ponta, fomos campeões entre 2000 e 2005. Havia deixado de trabalhar com equipes amadoras e passei a trabalhar com esporte profissional mesmo! O destaque do vôlei foi em campeonatos paulistas”, conta Maria Eugênia.

O trabalho de Gegê com maior relevância e destaque é o desenvolvido atualmente dentro do COB. “Estou dentro da Confederação Brasileira de Ginástica Artística. Estou indo viajar para a Alemanha para representar o Brasil”, comenta a fisioterapeuta. O COB tem um importante projeto intitulado *Time Brasil*, formado no ciclo anterior às Olimpíadas de 2012, que consiste na formação de uma equipe multidisciplinar para assistir os atletas, incluindo fisioterapeutas, que irá contemplar todas as modalidades que defenderão o Brasil. “Passei a fazer parte desse *Time Brasil*”, orgulha-se. Atualmente, Maria Eugênia prepara-se para a missão do Panamericano, no Canadá.

Gegê trabalhou com muitas modalidades esportivas ao longo de sua carreira, gostava de cuidar dos atletas do handebol, e pôde empenhar-se no trabalho de convencimento da importância da presença de um fisioterapeuta na equipe. Posteriormente, identificou-se com a ginástica e, depois, com o vôlei. “Por oportunidade, comecei a fazer um trabalho com a ginástica, com todas as equipes, não somente com a de adultos”, recorda.

Eugênia atua no Centro de Treinamento de Ginástica Artística de São Caetano do Sul, que funciona em parceria com a Associação de Ginás-

tica Di Thiene de Pais e Mestres (Agith). Este centro é mantido pela prefeitura, que paga os funcionários e oferece a estrutura de funcionamento, e a associação oferece apoio administrativo. Trata-se de um trabalho comunitário muito importante, que disponibiliza escolinhas e ginástica para crianças a partir de 6 anos e para jovens. Esse núcleo formou muitos ginastas em nível de seleção brasileira, como Arthur Zanetti, Henrique Flores, Lucas Bittencourt (Bisteca) e Gabriel Farias.

Maria Eugênia acredita que há muito ainda por se fazer no esporte brasileiro, sobretudo em termos de melhorias na profissionalização da área e incrementos estruturais, como adequação de ginásios e aprimoramento de materiais. “A área esportiva se desenvolveu bastante nas últimas duas décadas, mas a estrutura ainda é muito precária. Falta mais empenho de políticas públicas voltadas para o setor”, lamenta a fisioterapeuta.

Outra falha apontada por Gegê é que os atletas profissionais não têm uma formação escolar, sobretudo em nível superior, adequada para poderem ter uma profissão após o encerramento da breve carreira esportiva. A trajetória profissional de um atleta chega até cerca de 30 anos, se houver cuidado especial com o físico do indivíduo, sem muitas contusões e lesões. Alguns esportistas se machucam e param muito antes dessa idade estimada, devido ao maior desgaste da estrutura corporal, encurtando sua longevidade, uma vez que o esporte exige muito do corpo. Maria Eugênia afirma que o sistema esportivo brasileiro deveria incentivar mais o estudo na vida dos atletas, oferecendo-lhes bolsas e colocando o empenho escolar como condição para permanência na carreira, como já é prática recorrente nos Estados Unidos.

Muitas melhorias já foram alcançadas no esporte brasileiro. Maria Eugênia Ortiz é exemplo de empenho e profissionalismo para inspirar fisioterapeutas esportivos que lapidarão novos medalhistas brasileiros. **(Mariana Zenaro) R**

Tons de apreço e reconhecimento a Benedita Rosa Meloni, 101 anos



Azerw/Família Meloni

Benedita Rosa Meloni, aos 101 anos

PARA QUE SERVEM OS IRMÃOS SENÃO PARA AMARMOS, ADMIRARMOS E APOIARMOS UNS AOS OUTROS INCONDICIONALMENTE? TALVEZ O POEMA *I CARRY YOUR HEART WITH ME*, DE E. E. CUMMINGS, SEJA O QUE MELHOR DEFINA ESSA RELAÇÃO:

“[...] aqui está o mais profundo segredo que ninguém sabe (aqui é a raiz da raiz e o botão do botão e o céu do céu de uma árvore chamada vida, que cresce mais alto do que a alma possa esperar ou a mente possa esconder) e esse é o milagre que distancia as estrelas. Eu carrego o seu coração comigo (carrego no meu coração).”

Não foi preciso mais do que uma tarde de conversa com os irmãos Rosa para compreendermos a imensidão do apreço que perdura entre Antonio (87 anos), Sebastião (90) e Benedita (101), sendo esta última a inspiração para este artigo.

Natural de Andradas (Minas Gerais), Benedita Rosa Meloni nasceu em 30 de novembro de 1913. Veio para São Caetano do Sul em 1935 e, hoje, aos 101 anos de idade, pode comemorar a vida ao lado de seus irmãos, Sebastião e Antonio Rosa Alves, de seus filhos, Alexandre e Aulália, e de seus cinco netos e cinco bisnetos. Com alguns ínfimos e breves momentos de lucidez, por conta da idade, Benedita vive hoje, em tempo integral, sob os cuidados de uma enfermeira, acompanhada por seu filho Alexandre Delso Meloni e sua nora, Bruna Gikys Meloni, que moram no mesmo prédio. É Antonio Rosa quem nos conta suas recordações, com enorme carinho e orgulho da trajetória de vida de sua admirável irmã Benedita.

“Eu vim para São Caetano em novembro de 1937. Minha irmã Benedita veio uns dois anos antes. Morávamos com nossos pais, Gabriel Rosa Alves e Mariana Norberto de Souza, em Andradas. Quando ela se casou com Alexandre Meloni (já falecido), foram morar em Espírito Santo do Pinhal. Depois, para a nossa felicidade, vieram para São Caetano do Sul.”

Rosa Alves enfatiza que seu pai era um homem que preservava muito a união da família e queria manter a filha sempre próxima. Então, quando percebeu que sua primogênita não mais retornaria, decidiu se mudar com a família para São Caetano. “Tivemos a sorte de vir morar com os De Nardi, uma família muito boa, no terreno onde hoje é o Museu

Benedita Rosa Meloni, ainda criança, ao lado de seus pais, Gabriel Rosa Alves e Mariana Norberto de Souza, em uma de suas constantes viagens com a família para Aparecida do Norte (São Paulo)



Acervo/Família Meloni

Histórico Municipal. Já Benedita, morava com o marido na Rua Ceará, esquina com a Rua Rio Branco. Eles trabalhavam na Matarazzo, até meu cunhado abrir um bar na Rua Manoel Coelho, esquina com a Rua Alagoas. Esse bar existe até hoje! Então, ela saía cedo de casa e abria o estabelecimento, enquanto seu marido ia para a fábrica (*Matarazzo*). Ela ficava com um de nossos irmãos. Éramos em nove, seis homens e três mulheres. Às 17h, meu cunhado saía da fábrica e dirigia-se ao bar, enquanto ela ia para casa aprontar a janta e o almoço do dia seguinte. Nesse momento, ainda não tinham filhos, então seguiam essa rotina. Depois, se mudaram para o mesmo terreno onde era o bar e lá eles tiveram uma filha”, afirma.

Antonio Rosa Alves conta que sua irmã sempre foi uma mulher muito prestativa e uma mãe zelosa. Estava sempre disposta a ajudar o marido, conseguindo conciliar, de forma muito harmoniosa, maternidade e trabalho. “Lembro que minha irmã colocava a filha em um cesto, embaixo do balcão, e ali ficava trabalhando e cuidando da Aulália, que hoje mora no Guarujá. Passado um tempo, meu cunhado vendeu o bar e abriu uma fábrica de fogão, na Rua Oswaldo Cruz, que logo mudou para a Rua Baraldi, e ali moraram por muitos anos. O desgosto de minha irmã foi, após 40 anos, ter saído daquele terreno. Moramos um tempo juntos, na Rua Heloísa Pamplona, e, hoje, ela mora na Rua Niterói.”

Os irmãos Sebastião (à esquerda) e Antonio Rosa Alves em entrevista concedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em 19 de março de 2015



Acervo/Antônio Rosa Alves

Seguindo os ensinamentos de seus pais, Benedita, muito religiosa, adorava frequentar a Igreja Matriz Sagrada Família e, até bem pouco tempo atrás, era ela quem se dispunha, criteriosamente, pelo menos duas vezes por semana, a lavar e passar as toalhas que ficavam no altar da igreja.

Recentemente, Benedita acidentou-se, tendo que se submeter a uma cirurgia, ainda estando em recuperação. “Até novembro do ano passado, quando falei com ela, estava lúcida. Infelizmente, um dia antes do Natal, caiu e quebrou o fêmur. Fez a cirurgia necessária, mas ainda não se recuperou. A gente sente, porque ela sempre foi uma mulher muito independente e, agora, precisa de cuidados noite e dia”, conta Rosa Alves.

Porém, mesmo enternecidos com a atual situação de Benedita, é possível notar o carinho e reconhecimento dos irmãos Rosa Alves e dos demais membros por esta mulher que, ainda hoje, mesmo com todas as suas limitações, é a grande responsável por manter os laços familiares. **(Talita Scotá Salvatori) R**



Foto/Antônio Reginaldo Carboni (FPMSCS)

Benedita Rosa Meloni ao lado dos filhos, Alexandre Delso Meloni e Aulália Meloni Angelelli, em festa organizada pela família, em comemoração aos seus 100 anos de idade. Foto de 2013

Mário Porfírio Rodrigues

São Caetano perdeu Yolanda Ascencio, sua professora ilustre



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Vivíamos no ano de 1942, em São Caetano do Sul. Já havia amanhecido quando a menina Yolanda Ascencio, com 7 anos de idade, acordou e chamou a mamãe, Idalina Zaia, para informar que não estava enxergando nada. Ela e o esposo, Salvador Ascencio, procuraram médicos, mas não tiveram sucesso. A alta pressão intraocular, o endurecimento do globo do olho e a atrofia da retina não tinham mais volta naquele tempo. Acometida por um glaucoma congênito, Yolanda estava cega. Nunca mais voltaria a enxergar.

Há 70 anos, o habitual seria que mais uma criança cresceria excluída da sociedade, em virtude de sua cegueira. Neste caso, aconteceu o oposto. A garotinha foi à luta. Inscreveu-se no Instituto de Cegos Padre Chico, onde concluiu os cursos primário e ginásial. Na mesma escola, estudou música, aprendeu trabalhos manuais, datilografia, ocupou cargos em associações religiosas e estudantis, dirigiu jornais da escola, participou da equipe de teatro, apresentou festas e comemorações cívicas, além de fazer curso de formação para massagistas.

Prossigui sua trajetória e frequentou o Colégio Presidente Roosevelt, no Ipiranga, em São Paulo, com colegas do Instituto Padre Chico. Concluiu o curso clássico e ficou em condições

de batalhar por um curso superior. Aos 25 anos, formou-se em letras germânicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, da Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Contatando a mídia - Na época em que estes fatos corriam, encontrei-me com Yolanda. Entrevistei-a para o *Jornal de São Caetano*, que fundei em 1946. Em uma palestra que proferi no Rotary Club de São Caetano do Sul, durante minha gestão na presidência (1954), perguntei como vivia e a resposta foi que tinha uma vida simples, em sua residência, como qualquer pessoa. Ela estudava, ouvia rádio e televisão, escrevia muito, gostava de viajar, fazer tricô e rezar. Era muito religiosa, católica fervorosa, tinha muita fé. Vestia-se bem e, pelo tipo do tecido e modelo do vestido, sabia sua cor e se era adequado para a ocasião.

Consegui levá-la para participar do importante programa de televisão que a TV Tupi realizava aos sábados, denominado *Almoço com as Estrelas*, comandado pelos artistas Airton e Lolita Rodrigues. Yolanda foi um sucesso. Falava com muita naturalidade sobre as suas atividades, seus estudos e os diplomas conseguidos. A plateia nem mesmo percebia a sua falta da visão.

Alguns anos depois, um dos seus alunos,

Yolanda Ascencio quando estudante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, da Pontifícia Universidade Católica (PUC). Sua formatura ocorreu em 1960

Registro da primeira comunhão de Yolanda Ascencio, em 19 de julho de 1946



Yolanda Ascencio discursa durante inauguração da Escola Municipal de Línguas Paulo Sérgio Fiorotti, na década de 1990. Na foto, foram ainda identificados: o prefeito, Luiz Olinto Tortorello, Heleninha Petronilho, o vereador João Rodrigues, Maria Teresinha Dario Fiorotti e Mafalda Morcelli Dario

atual proprietário da empresa MicroPower, Francisco Antonio Soeltl, desenvolveu um programa especial para o computador de Yolanda Ascencio, que permitia que ela o usasse como se não tivesse limitação visual. Dessa forma, nas últimas décadas, boa parte de seu dia era destinado ao computador.

Lembro-me da sua felicidade quando me contou que acabava de realizar uma proeza: havia ido sozinha, com sua bengala branca, até a fundação para cegos que Dorina de Gouvêa Nowill¹ mantinha na Vila Mariana, em São Paulo.

No dia 1º de setembro de 1961, por meio do decreto municipal número 1297, foi criado em São Caetano do Sul o Curso Municipal de Línguas. Yolanda Ascencio foi convidada a dar aulas de inglês e dirigir o curso. Seria a primeira professora portadora de necessidades especiais visuais a dar aulas para alunos de visão normal. Ela teve, assim, sua primeira oportunidade profissional, criada pelo então prefeito, Anacleto Campanella.

A partir de 1975, a professora Yolanda deixou a sala de aula e passou somente a dirigir a escola. Em 14 de agosto de 1979, o Curso Municipal de Línguas instalou-se na Rua Alegre, nº 497, no Bairro Barcelona, no andar térreo do Departamento de Educação, Cultura, Esportes e Turismo, e contou com um significativo aumento no número de

cursos e de professores. No dia 13 de julho de 1990, o curso foi transformado na Escola Municipal de Línguas Paulo Sérgio Fiorotti, e passou a funcionar na Rua Tomaso Thomé, nº 270, no Bairro Olímpico. A professora Yolanda Ascencio permaneceu na escola durante 30 anos, aposentando-se em 1990. Lecionou para pessoas conhecidas, como o empresário Wagner Natale, o médico e vereador Flávio Rstom, o médico e ex-vereador José Jayme Tavares Soares Júnior, outros vereadores e milhares de sul-são-caetanenses. Costumava dizer para os seus alunos: “Vocês são os meus olhos”.

Política – Durante o primeiro mandato do prefeito Hermógenes Walter Braidó, o então Ginásio Estadual de Vila Paula passou a denominar-se Ginásio Estadual Professora Yolanda Ascencio (atual Escola Estadual), por força do decreto municipal nº 3.078, de 5 de março de 1968.

Yolanda foi vereadora durante oito anos, em duas legislaturas. De 1989 a 1996, pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Na legislatura seguinte, 1997 a 2000, ocupou a posição de primeiro suplente do Partido Progressista Brasileiro.

Estudos e profissão - É necessário ressaltar que Yolanda nunca parou de estudar. Em 1980, diplomou-se na Faculdade de Filosofia e Letras de Ribeirão Pires e, pela UniABC (atual Universidade Anhanguera), em pedagogia com habili-

tação em orientação educacional, administração escolar e supervisão. Na turma de advogados formados pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo de 1988, estava a dra. Yolanda Ascencio. Entre 1958 e 1987, fez vários cursos de literatura, línguas, relações humanas e relaxamento psicossomático e autoconhecimento.

Além de lecionar línguas em estabelecimentos de ensino municipais, exerceu o magistério em cinco escolas estaduais e no Instituto Nossa Senhora da Glória. Editou 20 livros de crônicas e poesias, todos vendidos com renda revertida para entidades beneficentes. Teve uma coluna no *Jornal Vida* e escreveu vários artigos para a revista *Raízes*, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Foi autora do livro *Meio Século de Legislativo em São Caetano*, lançado em 1998, em duas edições, também pela Fundação Pró-Memória, instituição pela qual também participou dos livros *Um Olhar Poético sobre São Caetano* (2002), *Vozes da Vizinhaça* (2003) e *Cantos e Recantos* (2006).

Foi membro do conselho diretor dessa mesma autarquia, dos conselhos de curadores do Centro Interescolar Municipal Professora Alcina Dantas Feijão e da Fundação do ABC. Participou ainda da Academia de Letras da Grande São Paulo, como acadêmica, e da Academia Popular de Letras, de São Caetano do Sul.

Yolanda trabalhou 52 anos na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, onde se aposentou. Como professora do Estado, lecionou em vários estabelecimentos de ensino até se aposentar.

Homenagens - Entre as inúmeras homenagens que recebeu, destacamos o título de Cidadã Emérita de

São Caetano do Sul, o Prêmio Mérito Profissional, do Rotary Club, Prêmio Mulher de Expressão, Prêmio Desempenho Profissional de Empreendedor Cultural, pela revista *Livre Mercado*, Prêmio *E-learning* Brasil, organizado pela MicroPower, Medalha de Honra Di Thiene, pela prefeitura de São Caetano, e o primeiro prêmio, em âmbito nacional, da maratona catequética.

Acontecimento inesperado - Em 23 de dezembro de 2014, Yolanda completaria 79 anos. No início desse mesmo mês, teve um acidente cardiovascular e foi internada no Hospital

Santa Helena, em Santo André.

Permaneceu 10 dias hospitalizada e, na manhã do dia 12, foi comunicado o seu óbito.

São Caetano perdeu a sua professora exemplar.

A cegueira não impediu que Yolanda se tornasse uma pessoa especial. Foi à

luta, batalhou e tornou-se muito querida por todos. Di-

zia que seu principal objetivo na vida era servir a Deus e ao próximo.

“Procuro estar sempre em atividade para abrir caminhos menos árduos para outras pessoas portadoras de deficiências”, dizia. Tinha por lema: “Fazer o máximo bem possível, enquanto for possível”.

Poucas pessoas fizeram tanto pela cidade onde nasceu como a inesquecível Yolanda Ascencio. A ela, as inúmeras homenagens das quais é merecedora. **R**

NOTA

¹ Dorina de Gouvêa Nowill faleceu em 29 de agosto de 2010, aos 91 anos. Cega aos 17, foi criadora da fundação que leva seu nome, que iniciou suas atividades em 1946.

MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

FOI FUNDADOR DO *JORNAL DE SÃO CAETANO* E DO HOSPITAL SÃO CAETANO. É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E DO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.



Aerov/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Vereadora Yolanda Ascencio discursa na Câmara Municipal, em solenidade realizada em 1994 para celebrar o Dia do Trabalho

José Odair da Silva:

INSPIRAÇÃO NO EXERCÍCIO DE EDUCAR



Arquivo/Família Sorrentino da Silva

Silva vestindo a camisa do time da cidade, a Associação Desportiva São Caetano. Foto da década de 2000

Em 1959, na Welton Academy, tradicional escola preparatória, um ex-aluno torna-se o novo professor de literatura, John Keating. Interpretado por Robin Williams, no filme *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), o docente tem uma meta obstinada: fazer seus alunos aprenderem a pensar. Ele subverte o ensino voltado para o capital, e deseja encorajar seus pupilos a deixarem a luz própria brilhar, mostrando que sempre há outro espectro de mundo e que não se deve aceitar cegamente normas, ideias e valores que estão sendo impostos.

a ideia corriqueira, contemporânea, de que é um mero transmissor de conteúdos, crença que incorre em equívoco, de ser o professor aquele que tem como simples função treinar os jovens para inseri-los competitivos no mundo da academia e do trabalho. Educação é edificação dos valores humanísticos mais basilares. E sorte de quem pôde ter um mestre como Keating da ficção.

Tenho a feliz lembrança de um mestre e venho neste artigo para a revista *Raízes* compartilhar algumas memórias e narrar fragmentos da história de vida de um homem inspirador. Ele

“A educação não cria o gênio, mas oferece-lhe, por vezes, oportunidade para se revelar.”

(Leoni Kaseff)

Keating instiga o questionamento, o senso crítico, a criatividade, o fluir e o fruir da vida. Assim, abrem-se as janelas perspectivas da juventude. Ele lhes mostra que não existe apenas um caminho, mas vários a serem percorridos, explorados, e que esta juventude deve ser empoderada a escolher os rumos de sua jornada. O filme, dirigido por Peter Weir, aborda o sentido da verdadeira educação, parafraseando Platão, filósofo grego do século 4, é ‘o parir de almas’ - a educação concebida como um processo humano, dialético, transformador.

Esta história já é bem conhecida. No filme, temos um exemplo de educador que transcende

me ensinou a amar história. Ele foi consideravelmente responsável pela escolha que fiz profissionalmente, de trilhar o caminho da cultura como historiadora e jornalista. Lembro-me das aulas como se fosse hoje, e já se passaram mais de 20 anos. Ele adentrava a sala de aula com gestos espalhafatosos, balançando os braços compridos. Era enorme, ao olhar de uma criança, suas extremidades pareciam tocar o chão e as alturas. Aquela figura se assemelhava a um ‘mamulengo’, roubava risos sem o menor esforço. Fazia caretas, piruetas, caras e bocas. Em seguida, já dentro da sala de aula, sua primeira providência, e jamais falhava, era escrever no canto esquerdo



Arquivo/Marilene Zimaro

Foto dos professores da Escola de Primeiro Grau Novo Mundo, localizada, à época, na Rua Rio Grande do Sul, nº 1.145, em São Caetano do Sul, na qual o professor lecionou de 1993 a 1996. Foi possível identificar na foto, da esquerda para a direita, na primeira fila: Oscar Bottas (informática), Simone Takayanagi (coordenadora), Ana Sílvia Pereira (inglês) e Isabel Cristina (ciências). Na segunda fileira: Dante De Rose (diretor), Ana Regina (música), Christianne Rutkauskas (matemática), Sandra Andriolli (geografia) e Wilson (diretor). Na terceira fileira, sentados: José Odair da Silva (história), Mário Francisco Tomasi, o 'Marinho' (artes visuais e cênicas) e Neiderames Cavalcante (professora do primário). Foto de 1993



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

José Odair da Silva (o quarto, a partir da esquerda), ao lado de Antonio Andrade, José Roberto Gianello, Nelson Perdigão e José Bonifácio Neto, durante abertura da exposição *Mário Romano – massagista: mãos que fizeram história*, em 22 de julho de 2003, no Museu Histórico Municipal



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Em agosto de 2003, José Odair da Silva ministrou a palestra *História e Memória no ABC*, como parte do ciclo de palestras *30 anos de Cultura*, promovido pela Fundação Pró-Memória dentro do evento *Panorama ABC*, que teve o objetivo de abordar todas as manifestações artísticas por meio de palestras e exposições, e promover uma reflexão em torno do que foi desenvolvido na região durante as últimas décadas. Na foto, ele aparece ao lado da presidente da instituição, Sonia Maria Franco Xavier

da lousa a tabela do Campeonato Paulista ou Brasileiro, pois o futebol era uma de suas grandes paixões. Ele era torcedor fervoroso do São Paulo Futebol Clube. E eu também me tornei torcedora desse mesmo time. O futebol era apenas um subterfúgio para criar um clima de entrosamento com a meninada. No outro canto da lousa, o espaço era reservado para “o dia do santo”, que ele sabia todos. Cada dia do ano tem o seu a ser comemorado, vestígios de uma cultura pagã enraizada há milênios. Ele trazia a história para dentro de nossas despreocupadas vidinhas.

As aulas daquele professor eram sempre divertidas, aprender tinha sabor de descoberta, de brincadeira. O entusiasmo brotava dele. Eu era só uma pré-adolescente que desejava poder saber o que ele sabia. Os olhos de jabuticaba, sempre atentos, o fitavam. Como eu o amava! Amor que o pupilo nutre pelo mestre, espelho de virtude. Mesmo que aquela figura fosse falha, mesmo que houvesse sombras não acessadas, erros não percebidos, a admiração superava qualquer imperfeição mundana, porque só conseguimos enxergar a luz que irradiava dele. Ele semeou em minha mente imagens, ideias, sonhos. Esta figura, possível de encarnar um personagem de filme hollywoodiano, era José Odair da Silva.

José Odair da Silva: uma história de perseverança - Filho de José Adaildo da Silva e Marili Sorrentino da Silva (74 anos), nasceu em 20 de abril de 1962, no Hospital São Caetano, em São Caetano do Sul, cidade onde trabalhou obstinadamente para a difusão da memória histórica. Ele trilhou um caminho árido para a maioria: ser professor, profissão tão ímpar e tão negligenciada nos dias de hoje. Durante toda a sua trajetória, Silva tentou trabalhar pela melhoria da educação e pela formação de cidadãos reflexivos, extrapolando a ideia de se formar indivíduos para o mercado ou para competir nos vestibulares. Sempre com uma conduta muito crítica no exercício do educar, do formar, do forjar indivíduos humanizados.

Marili Sorrentino, costureira de ofício, criou os dois filhos, José Odair e Marcos Rene, solitária, mas com muita bravura e árduo labor para poder lhes dar uma formação

alicerçada na integridade, ética e perseverança. Foi a grande mantenedora da família. José Odair da Silva, o filho mais velho, sempre era carinhoso e respeitoso com a mãe, a quem tantos sacrifícios empreendeu. O filho, em imensa gratidão pelos cuidados e esforços de dona Marili em criá-lo, quando adulto, entrou com processo na Justiça para poder incluir ao seu nome de registro o sobrenome da mãe, Sorrentino.

Silva saiu de casa muito cedo para se casar, aos 18 anos. Teve uma filha desse primeiro matrimônio, que pouco durou. Começou a cursar a graduação em história, enquanto estava casado. A filha ainda era muito pequena e as dificuldades, enormes para estudar e manter uma família.

Separou-se e encontrou em Sonia Cherubini, 12 anos mais velha, uma amiga, amante e companheira, seu estímulo, seu porto seguro. Mulher forte, inteligente, atuante na vida pública da cidade, no campo do ensino, foi diretora das escolas Oswaldo Samuel Massei e Arthur Rudge Ramos, tendo atuado como assessora do delegado de ensino Paulo Belochi entre os anos 1991 e 1994. Companheira presente, incansável, deu-lhe muito suporte para construir a carreira acadêmica, principalmente nos anos dedicados ao mestrado em ciências da religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Este relacionamento foi duradouro, estendeu-se por 12 anos. Sonia teve um estreito relacionamento com a família do ex-marido e é ainda bem quista, mesmo após o término do casamento. Ela afirma que “o objetivo maior da vida de Silva foi formar jovens com ideais de liderança, de protagonismo, de consciência social e cidadania”.

Silva teve intensa articulação política, tendo sido um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores no município, em tempos de redemocratização, quando a bandeira do partido era norteadada pelos ideais de esquerda, justiça social, direitos humanos e da consolidação da democracia recém-instalada no país, na década de 1980. Atuou no

Sindicato dos Professores de São Caetano do Sul. Também militou quanto às questões de meio ambiente. Foi associado ao Greenpeace (1999), à organização World Wide Fund for Nature (1998) e ao SOS Mata Atlântica (1999). Foi gestor ambiental do Conselho Nacional de Defesa Ambiental (2004).

Formação acadêmica - Sua trajetória acadêmica começou quando se graduou em estudos sociais pelas Faculdades Integradas Senador Flaquer, em 1993. Em 1996, obteve licenciatura plena em história pela Faculdade de Filosofia, Ciências Sociais e Letras de Bebedouro. José Odair da Silva concluiu, em 1998, o curso de especialização *latu sensu* em globalização e cultura: sociologia da mudança, pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e pós-graduou-se em história, sociedade e cultura pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), também no mesmo ano. Em 2005, obteve licenciatura em pedagogia pela Universidade do Grande ABC (UniABC) e titulouse mestre em ciências da religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003), defendendo a dissertação *Bahá'i no Brasil: Pretensão Universal e Limitações Socioculturais*, sob a orientação do professor Dr. Frank Usarski.

Trajectoria profissional: história, memória e docência - Durante sua trajetória profissional, atuou na Secretaria de Estado da Educação, tendo lecionado em São Caetano, na Escola Estadual Professora Joana Motta, de 1990 a 2014. Também passou pelas escolas estaduais Dona Idalina Macedo da Costa Sodré, Professora Maria Conceição Moura Branco, Padre Alexandre Grigolli e pela Escola Municipal de Ensino Professora Alcina Dantas Feijão. Dentre as escolas particulares, foi professor das extintas CRESCS e da Escola de Primeiro Grau Novo Mundo, ambas em São Caetano. De 1993 a 1998, José Odair da Silva foi coordenador da área de humanas do Colégio Singular, em Santo André.

No nível superior, foi docente no curso de graduação em história na Universidade do Grande ABC, de 2001 a 2007, além de ser atuante como membro do Conselho Universitário e no de pesquisa dessa instituição. Foi professor no curso de vendas e empreendedorismo na pós-graduação da Faculdade Anchieta, em São Bernardo do Campo.

No campo da pesquisa em história, memória e patrimônio cultural, participou ativamente de diversas atividades voltadas para a preservação e difusão da memória do Grande ABC, a exemplo do GIPEM (Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do ABC), do qual foi coordenador. Na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, foi assíduo colaborador como articulista da revista *Raízes*, e fez parte do conselho diretor da instituição (2001-2004).

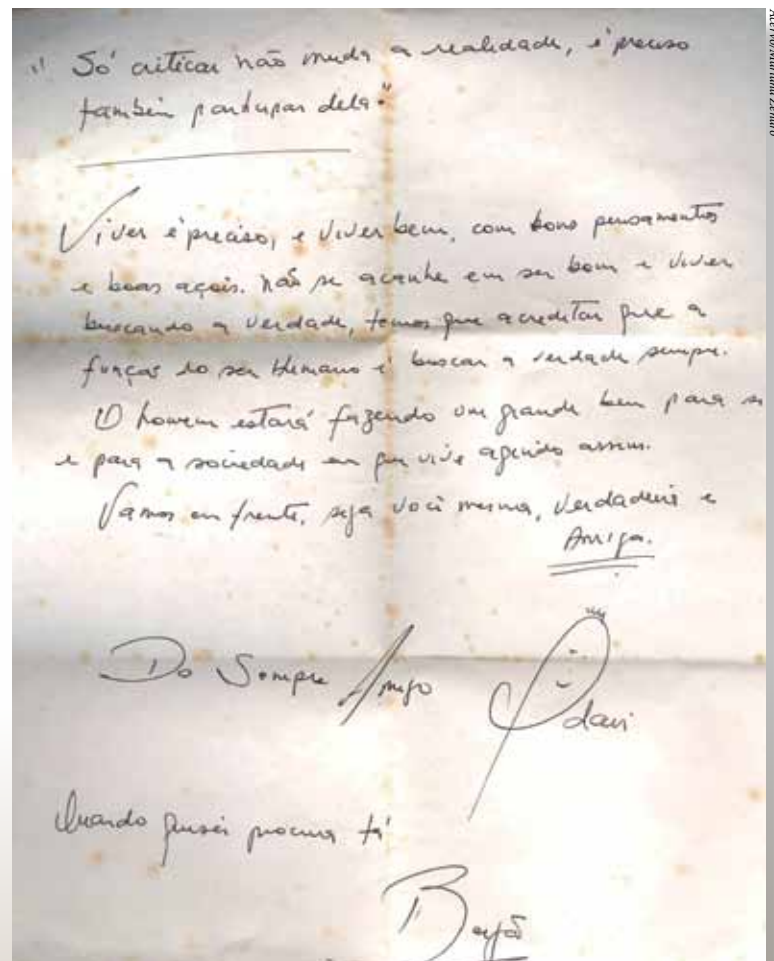
José Odair da Silva teve uma produção prolífica de artigos em publicações do Grande ABC. Foi colunista do *Jornal Política*, de São Bernardo, e articulista do *Jornal Imprensa ABC*. Teve efetiva participação nos *Anais dos Congressos de História do Grande ABC*. Destaca-se, dentre os grandes momentos de sua atuação como difusor da história e memória histórica, social e cultural no ABC, uma entrevista concedida à TV Mais, em que desenvolve uma belíssima e colorida fala sobre a Revolução de 1932. Em 2007, sofreu um acidente vascular cerebral, o que o inviabilizou de continuar lecionando.

Publicações - Silva foi autor dos livros *Mito Memória e História Oral* (São Bernardo do Campo: Editora Chamas, 2003) e *Cinema, Literatura e História* (Santo André: UniABC, 2007). Foi coordenador de pesquisa iconográfica do livro *Águas Revoltas - A História das Enchentes em Santo André*, publicado pela Prefeitura Municipal de Santo André, em 2002, e ainda participou dos *Anais do I Seminário sobre Patrimônio Cultural do ABC*, com o texto *Trilhando o Grande ABC* (São Caetano do Sul, 1999); *Anais do VI Congresso de História do Grande ABC*,

edição realizada em Ribeirão Pires, com o texto *A Cultura Jovem no Subúrbio*; *Anais do VII Congresso de História do Grande ABC*, edição em Rio Grande da Serra, com o texto *Matas, Águas, Trilhas: Caminhos do ABC*, de 2002; e, finalmente, com o texto *Memória Social e Regional: É importante sabermos a nossa história?*, que marca a sua contribuição para os *Anais do VIII Congresso de História do Grande ABC*, realizado em Paranapiacaba, em 2004.

Docência: o dom de inspirar - Ele inspirava a todos, disso não há a menor dúvida. Marcos Rene, graduado em ciências sociais pela Fundação Santo André, comprovou a fama do irmão mais velho. Ao complementar sua formação acadêmica em história, na UniABC, pôde ter a gratificante experiência de assistir às aulas de Silva. Embora estivesse dispensado das disciplinas que o irmão ministrava - em virtude de eliminação de matérias proporcionada pelo curso anterior -, Rene tinha curiosidade em saber a

Bilhete escrito pelo professor José Odair da Silva, no dia 27 de fevereiro de 1996, de próprio punho, à aluna Mariana Zenaro, na época, com 13 anos de idade



Homenagem

razão de seus colegas tanto comentarem as aulas de seu irmão. E assim o fez. A sala de outros professores estava, na maioria das vezes, vazia, mas a de Silva, sempre lotada de alunos. Todos ficavam atentos às suas explicações. “Ele lecionava com bom humor, com brincadeiras, seduzia a todos com seu entusiasmo e alegria e, depois, introduzia os conteúdos. Ele fazia o aprendizado ser muito dinâmico. Suas aulas eram um espetáculo”, lembra.

Como educador, José Odair da Silva costumava dizer que “nós fazemos nosso próprio destino. Cada um trilha seu próprio caminho, pois estamos no mundo apenas numa breve passagem”. Costumava repetir as palavras de São Mateus, do texto bíblico, capítulo 7, versículos 1 e 2: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida que usardes para medir a outros, igualmente medirão a vós”. Silva tinha pleno domínio do que fazia, educava e ensinava com maestria. Suas aulas eram verdadeiros espetáculos de irreverência e perspicácia. Todos paravam para escutá-lo. Não fazia distinção social, religiosa ou racial. Seus alunos recebiam igualmente respeito, amor, atenção e ensinamentos.

Concebia a diversidade no modo de ser de seus alunos, como a própria diversidade refletida na cultura, como as muitas possibilidades de modo de vida humana compreendida no campo dos estudos históricos. Respeitava a diversidade com o mesmo amor com que se dedicava à investigação histórica. Em um de seus textos guardados, intitulado *A cultura é a voz da alma*, Odair explicita seus entendimentos acerca da preservação da memória social enquanto produto da cultura humana, das qualidades peculiares de cada um e de seus grupos, como elemento de diferenciação e, simultaneamente, como elemento identificador, aglutinador, congregador: “A maior luta que um ser humano pode ter é defender sua cultura. Ela é espelho da alma, é a própria alma de uma sociedade. Recebemos a cultura de nossos avós, dos antepassados, da própria história, da religião, da fé. É uma forma de se confraternizar

com o próprio povo. É a coisa mais forte que um ser humano pode criar. Se não houver cultura, não há ser humano. É o que o identifica, que o diferencia e une ao mesmo tempo os povos”.

Mas, como roteiro de filme, o mestre amado não perdurou para sempre. E na vida, na história humana, nem todos os dias a narrativa tem um desfecho feliz. Infelizmente, no dia 14 de setembro de 2014, ele deixou este mundo de imperfeição, vitimado por um enfarte. Foi para o alto do céu, junto às constelações, inspirar quem vislumbra a abóboda celeste daqui da Terra.

Na derradeira despedida do professor, estavam, em maioria, jovens, ex-alunos, colegas de profissão, que foram ao Cemitério da Cerâmica prestar-lhe homenagem. Sobre a caixa mortuária, estava estendida a bandeira do clube que o fazia vibrar, o time que, por influência do tio Odair, Rafael Montagnoli da Silva, filho de Marcos Rene, também era apaixonado. Incontáveis pessoas, que tiveram a oportunidade de conhecer o professor, procuraram a família para expressar seus sentimentos e confessar ter na figura de Silva uma grande inspiração. E muitos de seus pupilos se espelharam no mestre, trilhando carreira no campo das humanidades.

Em outro de seus textos guardados, intitulado *Vidas sem rumo*, o professor deixa uma reflexão sábia para aqueles que o admiravam: “Vivemos por viver, sem saber ao certo o que fazer dessa oportunidade abençoada. Não planejamos nossas condutas e repetimos mil vezes os mesmos erros, insistindo em antigos vícios. Não sabemos o que queremos alcançar, quem queremos ser, e assim desperdiçamos horas, dias, anos... Desperdiçamos vida. Pense nisso! Quem não sabe aonde pretende ir não chega a lugar algum. Corre o risco de andar em círculos ou, ainda, de acabar sofrendo riscos e dores desnecessárias. Planeje, no presente, o seu futuro. Trace rumos seguros para sua vida”.

Que outros mestres possam traçar os rumos de suas vidas como lindas estrelas guias. **(Mariana Zenaro) R**

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

Rafael Murió

O REVERBERAR DE UM GRANDE ARTISTA



AOS 61 ANOS, TALENTO SUL-SÃO-CAETANENSE EXPÔS SUAS OBRAS PELA QUINTA VEZ NO CARROUSEL DU LOUVRE, EM PARIS

Rafael Murió nos apresenta seu ateliê, na Mooca, em São Paulo

“Suas composições possuem um traço analítico que dá corpo e forma ao dado temático, sem, entretanto, se eximir num processo de pura objetivação, porque a ele se une aquela espiritualidade que move a mão do pintor.”

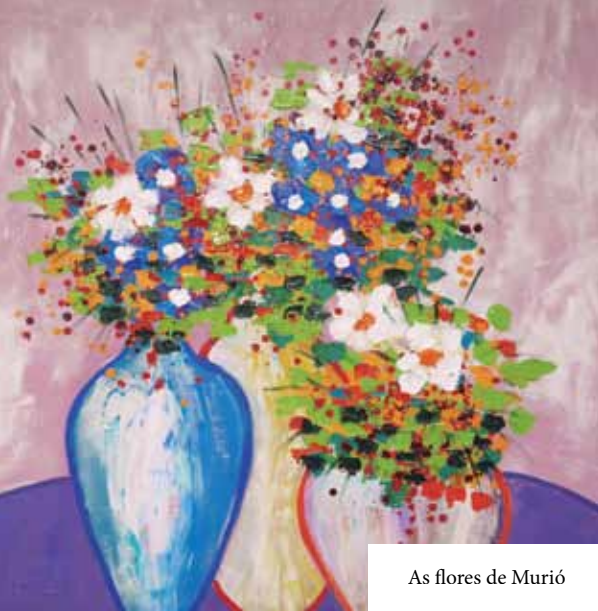
(Emanuel von Lauenstein Massarani¹ sobre Rafael Murió)

Cruzando as fronteiras de seu país, a grande produção artística do brasileiro Rafael Murió o coloca hoje em evidência no mundo. Iniciou seus estudos aos 9 anos de idade, tendo Enrico Bastiglia, tradicional pintor de afrescos de igrejas do Estado de São Paulo, como um dos seus grandes mestres. De descendência italiana, Nelson Rafael Muro (seu verdadeiro nome) nasceu em 1954, na cidade de São Caetano do Sul, mudando, posteriormente, para a Mooca, bairro de São Paulo onde vive há mais de 50 anos.

No entanto, mesmo depois de tanto tempo, a ligação com sua cidade natal ainda é muito forte. “Meu pai foi morar em São Caetano quando se casou, mas a base dele era a Mooca.

Nasci na Rua Capeberibe. Estou fazendo um livro para deixar para os meus netos e, há mais ou menos seis meses, fui até São Caetano para ver e fotografar o lugar onde nasci. É a única casa daquele conjunto que permanece a mesma. A única que está velhinha e igualzinha, porque as outras todas foram reformadas. Foi muito legal! Depois, fui morar em frente ao portão principal da GM (General Motors), na Avenida Goiás. Só que aquela casa já não existe mais, virou um prédio.”

E não é só nas artes plásticas que Murió tem destaque. Formado em comunicação social pela Universidade Metodista de São Paulo, fez parte da primeira turma de publicidade e propaganda, que teve início em 1972. Nesse mesmo ano, criou a D.A Multicom, agência de importante participação nos cenários da comunicação, design, marketing e publicidade, sendo uma das mais expressivas do mercado brasileiro. Com mais de 500 clientes, durante esses 43 anos de experiência, ajudou a construir grandes marcas, como Editora Abril, Adidas, Grupo Allianz, Hospital Israelita Albert Einstein, poupança Bamerindus, Casa Cor, Tintas Coral, Delphi Automotive, Johnson & Johnson, Gelol, Mitsubishi Electric, Phebo, Rotary Internacional, Banco Safra, Scania, SBT, T-Fal, Vigor, Votorantim, entre



Acervo/Rafael Murió

As flores de Murió



Acervo/Rafael Murió

Oposição, técnica sumi-ê, 2008



Acervo/Rafael Murió

Uma das gravuras de Murió. Seus nomes geralmente são escolhidos por meio de concursos promovidos em sua rede social

outras, que variam entre nacionais e multinacionais, de diversos portes e dos mais variados segmentos de mercado.

Murió brinca sobre o curioso fato de que, quem o conhece como o publicitário Nelson, dificilmente o distingue como o artista plástico Rafael Murió, e vice-versa. Ele afirma que as pessoas não fazem ligação entre essas duas situações e que, por conta disso, de certa forma, ele acaba vivendo em dois mundos diferentes.

Na época em que entrou na faculdade, era mais comum que os jovens estudassem para se tornarem médicos ou engenheiros e, por conta da vontade de seu pai, chegou a fazer um ano de cursinho para medicina. Porém, como estava nascendo o curso de comunicação social no Instituto Metodista de Ensino Superior, localizado em São Bernardo do Campo, um de seus amigos sugeriu que se inscrevessem, e Murió acabou passando em primeiro lugar no vestibular. Após seis meses de faculdade, começou a namorar Selma, hoje sua esposa e mãe de seus dois filhos. Foi ela a responsável pelo primeiro emprego de Murió em uma multinacional na área de comunicação, onde fez estágio. “Lá conheci um jornalista, ficamos sócios e abrimos uma empresa de audiovisual na Mooca. Então, eu iniciei minha

carreira numa época áurea da propaganda de verdade, quando grandes publicitários estavam começando a nascer.”

É certo que, num determinado momento, ele teve que se especializar e dedicar-se muito mais à área publicitária do que à das artes plásticas, o que para este portentoso artista não foi um problema. No entanto, nunca abandonou a pintura, mostrando ser, de fato, um homem com multitalentos. Aos 11 anos, fez parte do primeiro conjunto musical infantil do Brasil, chamado The Little Boys. Em outra passagem, ele nos conta como nasceu o artista Rafael Murió e como foi inserido no mercado da arte, conquistando, além de sucesso no Brasil, seu espaço e reconhecimento no exterior.

Quando começou a pintar, Murió conheceu Mauro Zukerman que, na época, era o maior leiloeiro de artes do país. Zukerman virou um grande amigo e Murió passou a comprar e vender obras de arte em leilões. Em 1990, no início do governo Collor, vendia quadros esporadicamente, nunca com a pretensão de ser um artista profissional, até começar a pintar quadros grandes. De repente, em dois anos, já havia vendido entre 2 e 3 mil obras, entre quadros e gravuras. Foi por meio de Zukerman que Murió conheceu

os grandes leiloeiros de arte na madrugada. “Havia, em São Paulo, um hotel onde, por volta das 2h da madrugada, todos os leiloeiros de São Paulo se reuniam para jantar e saíam de lá por volta das 6h da manhã. Assim, fui conhecendo os leiloeiros que acabaram levando o meu trabalho para todo o Brasil. O segundo maior profissional do mercado, sem eu saber, foi amigo de infância de meu pai. Então, quando meu pai ouviu o nome dele, quis logo revê-lo. E ele foi a segunda pessoa que me deu grande impulso no mercado. Daí para fora do país foi um pulo. Começaram a me convidar para expor no exterior. Nesse momento, eu era convidado, mas pagava pelas exposições, porque havia uma despesa com transporte, montagem, etc, e comecei a formar uma equipe para trabalhar comigo. Percebi que isso estava virando uma outra empresa.”

E completa: “Hoje, tenho 13 pessoas que trabalham comigo. Meu nome é Nelson Rafael Muro e quando comecei a pintar profissionalmente ia assinar Rafael Muro, mas esse era o nome do meu tio. Para não ter nenhum tipo de problema, ou seja lá o que pudesse acontecer, e como eu gostava muito do Miró², peguei o Muro e juntei com Miró. Com esse mal de ser publicitário, nasceu o Rafael Murió.”

O artista conta ainda que a escolha desse nome o ajudou bastante, e que foi a partir de então que começou a entrar nos catálogos nacionais e internacionais de arte. Seu filho primogênito começou a trabalhar com o pai, permanecendo então por cinco anos. Após um intervalo de três anos em uma multinacional, retornou à agência e está assumindo aos poucos a direção, o que já tem feito praticamente sozinho nos últimos quatro anos. Já o caçula, começou organizando eventos, também com o pai, mas mudou-se para a Austrália, onde vive há 11 anos com esposa e dois filhos.

Consagrado no mercado da arte, Murió vem expondo seus trabalhos há cinco anos no Carrousel du Louvre, em Paris (França). Mantém também presença constante em eventos internacionais

e suas obras estão espalhadas junto aos principais leiloeiros do mercado, além de galerias e museus por todo o mundo, como Estados Unidos, China, Rússia, Austrália e outros países da Europa.

Voltando ao ano de 2008, Murió lembra que foi o artista escolhido pelo Banco Central do Brasil para expor, em sua unidade de São Paulo, obras no estilo *sumi-ê*³, em comemoração ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil (1908-2008). “Sempre quis aprender *sumi-ê* na vida, mas existem apenas três professores em São Paulo e que não ensinam brasileiros. E aí fui convidado para fazer exposição sobre a técnica. Virei para a minha mulher e disse: ‘Estou roubado!’. Porque eu tinha oito, dez meses para preparar a exposição. Durante esse período, fiquei estudando *sumi-ê*, comprando livros, vendo gente desenhar... Depois de fazer mais de 400 desenhos e pinturas entre moderno e tradicional, escolhi 30 para a exposição. No dia da abertura, os três professores estavam presentes e me perguntaram onde eu havia aprendido a técnica. Quando respondi que havia sido sozinho, eles disseram que eu era o brasileiro que mais entendia de *sumi-ê* naquele momento. Aí eu olhei para eles e pensei: ‘Acho que enganei direitinho!’. Vendi tudo que estava lá e achei bárbaro eles falarem aquilo. Mas também nunca mais pinte com a técnica. Fiquei na minha!”, brinca o artista.

Este ano, Murió foi homenageado por três vezes no programa *Domingão do Faustão*, da Rede Globo. Como bom publicitário, acredita que hoje o marketing é básico para um artista plástico e lamenta que outros tantos talentos brasileiros não invistam nessa área ou não saibam como fazê-lo, criticando a falta de cultura e valorização para esse tipo de arte. “É coisa de berço! O Brasil não tem cultura para o artista plástico. E o próprio artista não tem conhecimento da ferramenta. Quando consegue colocar um quadro na galeria e vendê-lo por R\$ 10 mil, ao invés de manter o valor, se alguém for à casa dele, vende por R\$ 1,2 mil, porque

precisa comer, pagar contas... Então nunca vai ser um Aldemir Martins⁴!”

Murió nos revela que, quando começou a conviver com artistas plásticos, conheceu e se tornou amigo de Aldemir Martins. Por conta dessa grande amizade, realizou em sua agência, durante mais de dez anos, o almoço de final de ano dos ‘Amigos do Aldemir’, quando conheceu personalidades do mundo da arte.

Seguindo a linha do impressionismo, Murió tem como inspiração o grande van Gogh⁵. Sobre sua arte e técnica, é um artista que passa por constante evolução, dificilmente misturando cores, tende a relacionar a sensibilidade de artista com o conhecimento publicitário, criando assim uma marca registrada: as flores, sempre presentes em seus quadros. “Normalmente, eu vou para a tela em branco. Até dois anos atrás, eu não sabia exatamente o que ia acontecer. Hoje, depois de velho, com a facilidade do computador, eu consigo dar uma diagramação diferente do que fazia antes. Eu nunca parti de alguma coisa, sempre parti do nada. E, antes disso, eu pintava com a mão, pois sempre achei que o artista também devia pôr a mão no quadro para passar sua energia às pessoas. Então, como uma parte minha é espírita, uma boa parte do quadro eu pintava com a mão e, depois, com o pincel. Se você pegar todos os meus quadros, de alguma forma, minha impressão digital aparece.”

Parte de sua essência é evidenciada até mesmo no planejamento da arquitetura de seu ateliê, local onde nos concedeu entrevista. Mais uma vez fomos surpreendidos com tamanha sensibilidade de quem vive conforme aquilo que se admira e acredita. “Um dia eu estava em Brodowski⁶ e conheci o ateliê de Portinari⁷. O teto da área onde ficava o cavalete era de vidro. Achei aquele negócio bárbaro! E foi assim que acabei fazendo meu ateliê, iluminado pela luz do dia!”

Rafael Murió é um artista que não se limita a descrever seus sentimentos sempre da mesma

maneira. Prova disso é o trecho de uma música, composta por ele, no qual é possível perceber, além de suas emoções e aspirações de vida, quase que um desabafo: “Há tantas batalhas, poucas medalhas no meu peito/ É, foi tudo ou nada, mas sempre com fé foi do meu jeito/ Deus, fui perdedor e vencedor, mas nunca só/ Sempre tive você perto de mim ao meu redor/ O tempo correu, não volta pra trás/ Agora estou livre, é a minha verdade, a minha vontade/ Quero viver minha vida, eu mereço”.

“O que eu falo na música é exatamente isso: quero ter uma vida mais tranquila. Quando você chega aos 60 anos, o que mais você quer? Eu não preciso de muito para viver. Se eu comer pizza no final de semana, se eu for a uma livraria, se eu tomar meu café onde gosto, se estou com as pessoas que gosto, está ótimo! Eu não preciso ter uma Mercedes, não preciso ter um apartamento de R\$ 3 milhões. Nada disso! Eu preciso é viver a vida.”

Atualmente, Murió participa, todas as sextas-feiras, a partir das 13h, do programa *Microfone Aberto*, com Marcos Calazans, na Rádio Trianon SP AM 740. Mas o fato é que existe muita espontaneidade e emoção em tudo que ele se propõe a fazer, não importando de que forma a sua arte se revele (seja nas artes plásticas, na música ou na comunicação), mas sim que continue incutindo em nossos ânimos estes grandes e alegres estados de encantamento. **(Talita Scotá Salvatori) R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Sites
 Banco Central do Brasil. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/>. Acesso em: 17 mar. 2015.
 Damulticom. Disponível em: <http://www.damulticom.com.br/>. Acesso em: 13 abr. 2015.
 Museu Casa de Portinari. Disponível em: <http://museucasadeportinari.org.br/>. Acesso em: 17 abr. 2015.
 Projeto Portinari. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/>. Acesso em: 17 mar. 2015.
 Rafael Murió. Disponível em: <http://www.rafaelmurio.com.br/>. Acesso em: 2 mar. 2015.

NOTAS

¹ **Emanuel von Lauenstein Massarani** - Crítico de arte, escritor, diretor-geral do Museu de Arte do Parlamento de São Paulo, presidente do Instituto de Recuperação do Patrimônio Histórico no Estado de São Paulo e superintendente do Patrimônio Cultural da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

² **Joan Miró i Ferrà** foi escultor, pintor, gravurista e ceramista surrealista catalão.

³ O *sumi-ê* surgiu na China e é datado do século II d.C. A palavra que designa esta técnica tem 'aiz japonesa e significa, literalmente, "pintura com tinta". Por meio dela, o artista comunica sua ideia de forma resumida e inequívoca, com poucos traços. Mais do que uma mera representação mimética, o *sumi-ê* é a arte do essencial.

⁴ **Aldemir Martins** morreu de infarto em São Paulo, no ano de 2006. Foi um artista plástico brasileiro, ilustrador, pintor e escultor autodidata, de grande renome e fama no país e no exterior.

⁵ **Vincent van Gogh** foi um pintor pós-impressionista holandês, frequentemente considerado um dos maiores de todos os tempos.

⁶ Localizada na região nordeste do Estado de São Paulo, a cidade de **Brodowski** foi o berço do grande pintor Candido Portinari.

⁷ **Candido Portinari** foi o artista plástico brasileiro que mais alcançou projeção internacional. O tema essencial de sua obra é o homem. O aspecto mais conhecido do grande público é a força de sua temática social.

Domingo Glenir Santarneckchi

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

A injustiça do esquecimento

Após o plebiscito de 24 de outubro de 1948, que marcou o movimento autonomista, o recém-criado município de São Caetano do Sul, com tantas providências a tomar, como a organização da infraestrutura da cidade, acabou esquecendo-se das justas homenagens aos líderes autonomistas que tanto lutaram pela separação de Santo André.

Somente 17 anos depois as lembranças aos líderes autonomistas afloraram no poder público local. No dia 13 de outubro de 1965, por iniciativa do vereador Nicolau Delic, o então presidente da Câmara Municipal, Floriano Leandrini, assinou uma portaria instituindo uma comissão, presidida por Ângelo Raphael Pellegrino (primeiro prefeito de São Caetano) e composta pelos autonomistas Júlio Marcucci, Luiz Rodrigues Neves, Mário Porfírio Rodrigues e Paulo de Oliveira Pimenta, com o objetivo de elaborar uma lista daqueles que lutaram em prol da emancipação política e administrativa do município.

Os membros da comissão reuniram-se diversas vezes e elencaram 95 nomes ilustres. Mas restaram algumas dúvidas, pois, enquanto alguns acreditavam que faltavam nomes, outros pensavam que haviam sido incluídas pes-

soas que não mereciam ser citadas. No entanto, apesar de todas as discussões, e para todos os efeitos, essa lista ficou valendo e foi aprovada pela Câmara Municipal.

Hoje, os nomes dos autonomistas estão perpetuados no Plenário dos Autonomistas (Câmara Municipal), na Praça Cardeal Arcoverde (em monumento em formato de livro) e no Monumento aos Autonomistas (localizado na esquina da Avenida Goiás com a Rua Espírito Santo), locais de preito de saudade e agradecimento aos líderes desse inesquecível movimento que criou o nosso município.

Lembranças - No dia 10 de janeiro de 2008, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, como repositório de nossa história, recebeu a visita do autonomista Luiz Rodrigues Neves, que fez a doação de documentos datados de 1948 para o acervo dessa instituição. Dentre eles, telegramas recebidos pelo *Jornal de São Caetano*,



Grupo de autonomistas durante a comemoração dos 56 anos da autonomia no Museu Histórico Municipal. Foram identificados: Desiree Malateaux, Nelson Infanti, Olga Montanari de Melo, Mário Dal'Mas, Luiz Rodrigues Neves, Mário Porfírio Rodrigues, Ettore Dal'Mas (e sua esposa Judith), Ivo Pellegrino (filho de Ângelo Raphael Pellegrino) e Osvaldo Bisquolo. Entre eles, os jornalistas Humberto Pastore e Domingo Glenir Santarneckchi

que parabenizavam o periódico pela vitória do plebiscito, e uma cawrta do então juiz eleitoral da capital, informando que a votação seria realizada diante da aprovação na Assembleia Legislativa.

Nessa visita, aliás, a última antes de falecer, Luiz Rodrigues Neves contou alguns acontecimentos ocorridos em 1948, mas um deles, narrado aqui, tem grande relevância, pois ainda não havia sido relatado por ninguém, embora o autonomista Mário Porfírio Rodrigues tenha feito menção ao episódio em seu livro *Um Jornal, Uma Vida – A saga do Jornal de São Caetano e outras mais*, editado pela Fundação Pró-Memória em 2005.

Para que as pessoas pudessem subscrever o pedido de realização do plebiscito, era necessário ter documento de identidade e comprovante de residência com firma reconhecida. Como o cartório de São Caetano pertencia à família Flaquer, eles se negaram a reconhecer as referidas firmas e, portanto, era impossível levar adiante essa subscrição. Se a mesma ocorresse, haveria retaliação por parte do prefeito de Santo André, que boicotaria a reivindicação.

A solução foi encontrada no terreno do próprio opositor, em Santo André. João Evangelista de Paiva Azevedo, proprietário de um cartório na cidade, atendeu ao pedido dos autonomistas, fora do expediente normal, nada cobrando pelos serviços prestados.

Outra peça indispensável do processo separatista era a prova de renda mínima. A prefeitura de Santo André não iria colaborar na emissão de documentos, o que impediria o andamento do processo. Novamente, a saída foi encontrada em Santo André.

Havia um funcionário da prefeitura, chamado Clodomiro Gusmão Rocco, que atuava em

uma pequena agência da municipalidade em São Caetano, cuja missão era coletar impostos e taxas para a sede do município. Após ouvir as explicações e o apelo insistente de Luiz Rodrigues Neves, Rocco forneceu o precioso comprovante de renda do subdistrito, sob a condição de devolução poucas horas depois. O fotógrafo Jacinto Raio Rodrigues tirou fotocópias dos documentos e devolveu os originais.

Assim feito, dentro do prazo que a lei estipulava, São Caetano entregou a subscrição e documentação necessária na Assembleia Legislativa. Após muitos embates, o plebiscito foi aprovado e realizado, com ampla vitória dos autonomistas.

Quando o então prefeito de Santo André, Antônio Flaquer, soube do ocorrido, puniu o servidor, deslocando-o para o afastado distrito de Paranapiacaba. Mas os autonomistas souberam louvar esse herói, que colaborou em

um momento crucial, incluindo seu nome na lista dos 95 líderes autonomistas. Contudo, infelizmente, o nome de João Evangelista de Paiva Azevedo, do cartório de Santo André, foi esquecido. A este propósito, citamos novamente o livro *Um Jornal, Uma Vida*, que aborda o assunto. Em uma de suas páginas, o autonomista Mário Porfírio Rodrigues escreveu: “Hoje, (na época) aos 80 anos de idade, após refletir durante décadas, concluí que a Câmara Municipal de São Caetano do Sul, ajudada por estudiosos da nossa história, poderia tomar uma posição para rever essa lista, tornando mais digna e honrosa a designação de Líder Autonomista”. **R**



Acervo/Domingo Glenir Santarnechi

Domingo
Glenir
Santarnechi
entre os
autonomistas
Desiree
Malateaux
(esquerda)
e Luiz
Rodrigues
Neves

DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI
É JORNALISTA, ADVOGADO, ESCRITOR E MEMBRO DA ACADEMIA
DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO.

Renato Dias da Cunha

Espaços de sociabilidade da comunidade alemã em São Caetano

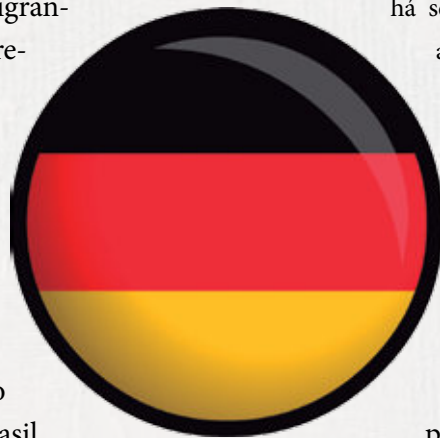
Este artigo foi escrito com base em pesquisas realizadas nos acervos do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e no núcleo de pesquisas Memórias do ABC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O objetivo era entender como os imigrantes de origem germânica preservam suas manifestações culturais, isto é, como fazem para manter vivo, dentro da comunidade, um pouco da terra natal.

Estudos do Memórias do ABC mostram que o principal fluxo migratório de povos alemães para o Brasil ocorreu entre as décadas de 1920 e 1930, sendo que muitos vieram para trabalhar nas lavouras do interior de São Paulo. Parte das famílias seguiu para o ABC paulista em busca de melhores condições de vida, e a cidade de São Caetano do Sul, mistura de urbano e rural, atraiu boa parte desses imigrantes.

Contudo, é preciso citar que, além dos alemães, também imigraram povos de culturas próximas, já que, no século 18, a organização das

nações era diferente, e existiam países muito extensos, que englobavam diversas etnias. Assim, conviviam no mesmo lugar, tinham as mesmas oportunidades, pois,

embora provenientes de países diferentes, portando passaportes e cidadanias distintas, tinham em comum um dialeto da língua alemã que falavam há séculos, além de costumes e tradições afins e uma homogeneidade étnica (JOVANOVIC, 1993, p. 11).



Esse artigo busca entender como os imigrantes de origem germânica preservaram sua cultura e identidade com o passar do tempo. Tal compreensão é fundamental para identificar a relação que a cultura de origem traçou com a brasileira, e entender como afetou (e se afeta) nossa maneira de pensar, nosso imaginário coletivo e, até que ponto, essas culturas podem se adaptar às nossas. É preciso levar em consideração que o conceito de cultura varia no tempo e nos grupos, podendo ser entendido como “significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados” (BURKE, 1989).

A metodologia desse trabalho consiste em uma análise documental a partir de fotografias coletadas na Fundação Pró-Memória. Foram consultados 168 arquivos, divididos entre fotografias, documentos e fichas para identificação de doador, nas quais constam datas de doação, de produção da imagem, dentre outras informações. As imagens foram analisadas de acordo com a sociabilidade dos imigrantes, ou seja, segundo suas diversas maneiras de preservar suas tradições.

Para tanto, os resultados foram distribuídos em três tópicos: Escola (dividido em Documentos e Turmas), Família (dividido em Pessoais e Retratos) e Festejos (dividido em Carnaval, Esportivo, Famílias, Juninos, Natalinos, Religiosos e Típicos).

Associações, grupos e instituições religiosas em São Caetano - Os resultados obtidos com as pesquisas reforçam a ideia de que, além da língua, o que mantém a cultura germânica viva são as manifestações culturais típicas, ou seja, os festejos e tradições dos países de origem. Recorrendo ao acervo fotográfico da Fundação Pró-Memória e a pesquisas realizadas no Memórias do ABC, percebe-se que a comunidade preserva as tradições por meio de danças, músicas, comidas típicas, entre outras manifestações.

Para melhor ilustrar esse quadro, podemos citar organizações que contribuíram para a preservação da cultura germânica.

Sociedade União Esportiva Teuto-Brasileira de São Caetano do Sul - Uma das características marcantes da cultura alemã é o culto ao corpo. Por isso, o esporte foi uma das formas encontradas pelos imigrantes para preservar sua identidade. A Sociedade União Esportiva Teuto-Brasileira de São Caetano do Sul foi fundada em 26 de agosto de 1929 e perdura até os dias atuais com o nome de União Cultural de São Caetano do Sul (conhecido como Clube Teuto). Essa sociedade

era responsável por organizar festas para celebrar manifestações culturais alemãs.

Modalidades como atletismo, basquete e futebol eram praticadas no Clube Teuto por alemães e alguns brasileiros. Nas fotografias, é possível observar várias manifestações esportivas, times e delegações que participavam de eventos em todo o Estado de São Paulo.

O depoimento de Antonio Laefort Filho, já falecido, nos dá uma ideia da importância atribuída aos esportes: “Eu também joguei futebol no São Caetano (*Esporte Clube*). Quando era solteiro, morava na Rua Senador Vergueiro, que era lá, a rua de cima era a Major Carlo Del Prete, que também não chamava Carlo Del Prete, era Rua Pitagueres. Depois, eles mudaram tudo, toda ela. Depois que São Caetano se emancipou, em 1948, mudaram as ruas, os nomes de ruas e eu jogava no São Caetano Esporte Clube. Ainda hoje, tenho a carteirinha de atleta [risos]”. (Antonio Laefort Filho, HiperMemo/USCS, 28/05/2009)

Johannes Keller Schule – Escola Alemã de São Caetano do Sul - Outra forma de preservar a cultura e as tradições dos países germânicos era por meio da escola alemã, na qual as crianças, filhas de imigrantes, poderiam ter uma educação parecida com a que teriam se estivessem no país de origem. Durante a coleta de dados, foram encontrados diversos documentos e imagens oriundos da *Johannes Keller Schule*, escola alemã fundada em 1930, que se localizava na área onde hoje é o Bairro Santa Paula. Essa escola, que funcionou até 1938, também foi objeto de estudos de pesquisadores do Memórias do ABC.

Religião como forma de preservação da cultura - A religião foi outra maneira encontrada pelos imigrantes para preservar a cultura de seus países de origem, sejam eles protestan-

tes, judeus ou católicos ortodoxos ucranianos. Durante a pesquisa deste artigo, foram obtidas diversas fotografias de eventos religiosos, principalmente na Sinagoga de São Caetano e nas igrejas ortodoxas autocéfalas ucranianas. Para esses povos, a religião é de fundamental importância para a construção da sociedade, já que, além de preservar a cultura, os locais de culto são espaços de sociabilidade.

Este trabalho contribui para entendermos como diferentes povos se integram e passam a conviver em um local distante, e como os imigrantes conseguem manter as tradições de origem. Para isso, a fotografia foi um instrumento essencial, pois permite congelar um momento no tempo, fazendo com que se torne eterno. Os resultados mostraram o quão importante é a questão corporal, da língua e dos festejos para os alemães, uma das várias culturas que formam a sociedade brasileira híbrida e plural. **R**

Orquestra Tirolesa de Nikolaus Behringer em apresentação no Clube Teuto. Foram identificados: Nikolaus Behringer, Emílio, Palmira, Jacob Negro, João Carvalho, Oswaldo Kasil, Manoel de Oliveira, Tabarama Locrim e Nêlio

Festa Junina na União Cultural de São Caetano do Sul. A primeira da fila de moças, com trajes caipiras, é Neide Silano. Foto de 1954

Alunos da Escola Alemã de São Caetano, em foto de 1935

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.
 HOBBSAWM, Eric. J. *A era do capital*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.
 JOVANOVIC, Aleksander. Os Donauschwaben, uma comunidade de língua alemã em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul: São Caetano do Sul, n. 9, pp. 11 – 18, jul.1993.

RENATO DIAS DA CUNHA

É ESTUDANTE DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS). ESTE ARTIGO É RESULTADO DA PESQUISA MEMÓRIAS, CULTURAS E IDENTIDADES NAS IMAGENS DA COMUNIDADE CULTURAL GERMÂNICA NO ABC PAULISTA, DESENVOLVIDA NO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA USCS, SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA PRISCILA F. PERAZZO.

Festa da Torá da comunidade judaica de São Caetano do Sul, realizada no Clube Comercial, em 1947



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Renato Donisete Pinto

AD São Caetano, 25 anos e grandes vitórias!

Em dezembro de 2014, mais precisamente no dia 4, a Associação Desportiva São Caetano completou 25 anos. Essa história gloriosa começou efetivamente no dia 18 de março de 1990, na cidade de Registro, interior de São Paulo, quando ocorreu o primeiro jogo oficial da AD São Caetano, contra o Comercial F.C., que terminou com empate de 1 a 1. O gol da equipe de São Caetano foi anotado pelo atleta Taloni.

Essa partida fez parte do Campeonato Paulista da Terceira Divisão, da qual o Azulão (como é chamado carinhosamente pelos torcedores) sagrou-se campeão. A equipe comandada pelo técnico Zelão atuou, nesse jogo histórico, com Uílton, Félix (Marcão), Luiz Pereira, Cacá e Alemão; Rogério, Taloni e João Carlos (Luís Carlos); Barbella, Londrina e Tião.

No ano seguinte, em 1991, um novo título paulista, agora da segunda divisão. Desta forma, a AD São Caetano começou a mostrar a que veio. A década de 1990 foi muito importante para plantar os frutos que viriam nos anos seguintes. Jogadores consagrados, como o goleiro Martorelli (ex-Palmeiras), o zagueiro Luis Pereira (ex-Palmeiras e seleção brasileira), os laterais Wladimir (ex-Corinthians) e Ailton (ex-São Paulo), o meia Paulinho Kobayashi (que, depois, defendeu o Santos), os centroavantes Serginho Chulapa (ex-São Paulo, Santos, Corinthians e seleção brasileira) e Marcão (ex-São Paulo) contribuíram para consolidar o nome de São Caetano do Sul no cenário futebolístico.

Com certeza, o ponto alto do time foi no período de 2000 a 2007, quando a equipe disputou títulos importantes, a exemplo dos campeonatos Paulista, Brasileiro e Libertadores da América. A AD São Caetano colocou seu nome, definitivamente, na história ao conquistar, em 2004, um dos campeonatos estaduais mais tradicionais do futebol brasileiro.

Campeão da Série A2 e acesso à elite paulista -

Num domingo chuvoso, no dia 23 de julho de 2000, o Azulão entrou no gramado do Estádio Municipal Anacleto Campanella podendo perder, por até um gol, para a equipe do Etti Jundiaí. Saiu com um empate sem gols, num jogo difícil e disputado, e sagrou-se campeão. A AD São Caetano foi a melhor equipe durante todo o campeonato, liderando de ponta a ponta, tendo o ataque mais positivo e a defesa menos vazada.

Desse time, figuraram nomes importantes, tais como o do goleiro Silvio Luiz (atleta que mais atuou pela equipe: 451 jogos), o zagueiro Daniel, os laterais Cesar (que, depois, defenderia a Società Sportiva Lazio, da Itália) e Dininho, os meias Claudécir e Magrão, e os atacantes Leto, o folclórico artilheiro Tulio Maravilha e Adhemar. Adhemar é o nosso eterno ídolo da camisa 18 e o maior goleador da AD São Caetano, com a marca de 68 gols. A base desta equipe, liderada pelo treinador Jair Picerni, encantaria o público no segundo semestre, durante a Copa João Havelange. Picerni foi o treinador que mais dirigiu a AD São Caetano: 165 partidas, no total.

Copa João Havelange, o Brasil conhece o Azulão - Com a mesma base do Campeonato Paulista, da Série A2 de 2000, mais a importante presença do meia Adãozinho, a AD São Caetano disputou o módulo amarelo da Copa João Havelange. Classificou-se para a fase decisiva e desbancou grandes equipes do futebol brasileiro, como o Fluminense, o Palmeiras e o Grêmio. A final foi disputada com o Vasco da Gama. No primeiro jogo, no dia 27 de dezembro, empatou por 1 a 1, no Estádio Palestra Itália, para um público de mais de 29 mil torcedores. Depois, uma grande polêmica no segundo jogo. No dia 30 de dezembro de 2000, a partida foi interrompida, ainda no primeiro tempo, com o desabamento da grade de separação do Estádio Vasco da Gama, mais conhecido como São Januário, quando a equipe azul jogava muito melhor. A partida foi remarcada para 18 de janeiro de 2001, no Maracanã.

A AD São Caetano jogou com uma equipe que teve apenas seis dias para se preparar e foi derrotada por 3 a 1. Os gols do Vasco da Gama foram anotados por Juninho Pernambucano, Jorginho Paulista e Romário. Adãozinho marcou pelo São Caetano. Esse time jamais será esquecido pela torcida: Silvio Luiz, Japinha, Daniel, Serginho, Cesar, Adãozinho, Claudedir, Ailton, Esquerdinha, Adhemar e Wagner. Quem acompanhou a partida sabe que, se não tivesse acontecido a tragédia do desabamento em São Januário, certamente a história deste título seria outra.

Campeonato Brasileiro de 2001, novamente vice - Em 2001 o campeonato nacional voltou a se chamar Campeonato Brasileiro e, novamente, o Azulão foi vice. Depois de eliminar na fase decisiva o Esporte Clube Bahia e o Clube Atlético Mineiro, acabou perdendo os dois jogos finais para o Clube Atlético Para-

naense. O primeiro terminou em 4 a 2, para a equipe rival, na Arena da Baixada, em Curitiba, no dia 16 de dezembro. O segundo acabou em 1 a 0, no dia 23 de dezembro, no Estádio Anacleto Campanella, que estava lotado, com público de 20 mil espectadores. No jogo final, o Azulão atuou com Silvio Luiz, Mancini, Daniel, Dininho, Marcos Paulo (Müller, ex-atacante do São Paulo, Palmeiras e seleção brasileira), Simão, Serginho (Bechara), Adãozinho, Magrão, Esquerdinha (Marlon) e Anáilson. Nesse ano, o Azulão foi considerado o 10º melhor clube do mundo, segundo ranking oficial da rede de televisão americana CNN.

Taça Libertadores de 2002, o título esteve muito

próximo - Em 2002, novamente o título esteve muito próximo. Desta vez, no torneio mais cobiçado pelos sul-americanos, a Taça Libertadores da América. Depois de se classificar em primeiro lugar no grupo, o Azulão eliminou o Club Deportivo Universidad Católica (Chile), o Club Atlético Peñarol (Uruguai) e o Club de Fútbol América (México). No primeiro jogo da final, realizado no dia 24 de julho,

venceu o Club Olímpia, no Paraguai, por 1 a 0, com gol de Aílton, aos 16 minutos do segundo tempo. Na segunda partida, realizada no dia 31 de julho, acabou com o placar negativo de 2 a 1, e perdeu o título na disputa de pênaltis (4 a 2), no Estádio do Pacaembu. Por incrível que pareça, o Azulão começou vencendo, novamente com gol do Aílton, aos 32 minutos do primeiro tempo. Na segunda etapa, o time ficou nervoso e tomou dois gols: de Córdoba, logo aos 4 minutos, e de Baez, aos 13. Liderada por Jair Picerni, a AD São Caetano entrou em campo com Silvio Luiz, Russo, Daniel, Dininho, Rubens Cardoso, Marcos Senna, Adãozinho, Robert (Serginho), Aílton (Wagner), Somália e Anáilson (Marlon). Até hoje, a torcida não acredita como este título escapou das mãos!



Arquivo/Luiz Romano

Brasão da AD São Caetano em comemoração aos 25 anos do clube. A arte foi elaborada por Luiz Romano



AD São Caetano como vice-campeã da Copa João Havelange, no Estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, em 30 de dezembro de 2000



Equipe da AD São Caetano, vice-campeã brasileira de 2001, em foto no Estádio Anacleto Campanella, em 23 de dezembro de 2001



Foto oficial do time campeão paulista de 2004



Em 2007, a equipe foi vice-campeã paulista. Foto de 6 de maio, no Estádio do Morumbi

2004, enfim o sonhado título! - Finalmente a AD São Caetano foi campeã paulista no dia 18 de abril de 2004, numa tarde agradável, no charmoso Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (mais conhecido como Pacaembu), com um público de quase 27 mil espectadores.

A campanha deste título começou com uma primeira fase irregular, o que resultou na demissão do técnico Tite (campeão mundial interclubes pelo Corinthians, em 2012) após derrota, em casa, para o Marília Atlético Clube. Muricy Ramalho assumiu a equipe e conseguiu classificá-la entre as oito melhores para a fase decisiva. O treinador já havia ganhado títulos estaduais (Campeonato Gaúcho, em 2003, pelo Internacional, e o Campeonato Pernambucano, em 2001/2002, pelo Náutico). A consagração veio em São Caetano do Sul.

Na fase seguinte, a equipe sul-são-caetanense conseguiu desbancar os “grandes” São Paulo (mostrando toda superioridade numa vitória de 2 a 0) e Santos (aplicando uma goleada histórica de 4 a 0 no segundo jogo, depois de empatar em três gols na Vila Belmiro, na primeira partida).

Na disputa do título, enfrentou o forte e experiente Paulista Futebol Clube, de Jundiaí, em dois jogos realizados no Estádio do Pacaembu. O primeiro, em 11 de abril, terminou com resultado de 3 a 1 para a equipe de São Caetano, e o segundo, realizado no dia 18, acabou com o placar de 2 a 0, com gols dos meias Marcinho, aos 20 minutos do primeiro tempo, e Mineiro, aos 43 minutos do segundo tempo. Vale registrar que o jogador Mineiro seria campeão mundial interclubes no ano seguinte, em Tóquio, pelo São Paulo, sendo, novamente, o autor do gol do título.

O time campeão jogou a final com Silvio Luiz, Anderson Lima, Dininho, Serginho, Triguinho, Marcelo Mattos, Mineiro, Marcinho (Lúcio Flávio), Gilberto, Euller (Warley) e Fabrício Carvalho (Fábio Santos). A equipe do Paulista F.C., de Jundiaí, comandada pelo técnico Zetti (ex-goleiro do Palmeiras, São Paulo e Santos),

atuou com Márcio, Lucas, Danilo, Asprilla, Galego, Alemão, Umberto (Márcio Mossoró), Ailton (Fábio Mello), Canindé, Izaías e João Paulo (Davi). A noite foi de muita festa na Avenida Goiás!!!

2007, mais uma vez um vice paulista – Em 2007, o Azulão voltaria a disputar o título do Paulistão. Depois de se classificar entre as quatro melhores equipes, desbancou o São Paulo com empate (1 a 1), no Pacaembu, e depois com goleada (4 a 1), em pleno Morumbi. Desta vez, perdeu o título para o Santos, dirigido por Vanderlei Luxemburgo. Foram dois jogos no Morumbi. Venceu o primeiro por 2 a 0, no dia 29 de abril; e, depois, perdeu na semana seguinte, em 6 de maio, pelo mesmo placar. Como o Santos tinha a melhor campanha, o resultado deu-lhe o título. O time de São Caetano, dirigido pelo treinador Dorival Júnior, jogou a final, para mais de 58 mil pagantes, com Luiz, Paulo Sérgio, Maurício, Thiago, Triguinho, Luiz Alberto, Glaydson (Ademir Sopa), Douglas (meio-campista que depois atuou pelo Corinthians, Vasco da Gama e Grêmio), Canindé (Galiardo), Luiz Henrique (Marcelinho) e Somália (que se tornou artílhado deste campeonato graças aos 13 gols anotados).

Este artigo é dedicado a todos os torcedores do Azulão, em especial a Luiz Domingos Romano, José Pires Maia, Marcos Moraes Júnior (Torcida Jovem) e Agostinho Folco (Bengala Azul). Dedicado também à memória do fotógrafo Yoji Agata (Jorginho). Agradecimento a Cecília Del Gesso (do banco de dados do *Diário do Grande ABC*) e a Marcelo Santoro (assessor de imprensa da AD São Caetano). **R**

FONTES

AZULOU!! São Caetano bate o Paulista novamente e fatura seu primeiro grande título. *Lance!* p. 4-5, 19 abr. 2004.
 E o Campeonato Paulista Azulou. *Diário do Grande ABC*, 19 abr. 2004.
 É Azulão!!! Campeão Paulista de 2004. *ABC Repórter*, 18 abr. 2004.
 LÓGICA de Campeão. *Lance!* p.12-13, 24 jul. 2000.
 NETO, José Jorge Farah & Kussarev Jr, Rodolfo. *Almanaque do Futebol Paulista*. São Paulo: Panini, 2000, p.393.
 O final da Copa JH: o brasileiro mais confuso da história termina em tragédia e sem campeão. *Folha de São Paulo*, 31 dez. 2000.
 Programado para ser campeão: São Caetano 0x1 Atlético PR. *Folha de São Paulo*, 24 dez. 2001.
 SÃO Caetano acorda do sonho americano. *Folha de São Paulo*, 1 ago. 2002.
 SÃO Caetano empata com o Comercial. *Diário do Grande ABC*, p. 15, 20 mar. 1990.
 SÃO Caetano falha em lances treinados à exaustão. *Folha de São Paulo*, 7 mai. 2007.
 VASCO joga com a cabeça e bate a fadiga do São Caetano. *Folha de São Paulo*, 19 jan. 2001.

RENATO DONISETTE PINTO

É PEDAGOGO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. MEMBRO DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS DE SÃO CAETANO DO SUL E AUTOR DO LIVRO *FANZINE NA EDUCAÇÃO*, PUBLICADO PELA EDITORA MARCA DE FANTASIA, EM 2013.

Marcos Eduardo Massolini

Um festival e uma certa banda 'sui generis'

Uma banda atípica fez parte de um festival de música na São Caetano dos anos 1980 e, pelo menos para mim e os integrantes envolvidos, esse encontro musical se tornou um acontecimento inesquecível, tanto pela carga emocional como pelas nuances catastróficas da carreira meteórica do grupo. A começar pelo nome: discutimos por horas um batismo digno e, entre possibilidades esdrúxulas como Coconuts e Amendoins de Zanzibar, chegamos à unanimidade com uma opção um tanto esquisita, mas, ao mesmo tempo, irônica e apoteótica: Noé e seus Naufragos. E o seu naufrágio foi realmente digno da tragédia do Titanic, como veremos.

Tudo começou no Colégio Eduardo Gomes (que tinha apenas 1 ano de existência em 1983, quando ali comecei a estudar), onde foi formado um quarteto que apavorou o professorado com suas travessuras: eu, Átila Puglia, Mário Zucco e Jordão. Mas, pa-



Marcos Massolini (à esquerda) e Átila Puglia. Ao fundo, no violão, aparece Délius

ralelamente à bagunça e à afiada algazarra, tive logo de início uma grande afinidade com Átila, principalmente por causa do bom e velho *rock and roll* saído do seu violão. Além de imitar milimetricamente Elvis Presley, seu grande ídolo, tanto nos trejeitos como nos traquejos vocais, Puglia já vinha compondo um repertório próprio há dois anos, tendo entre seus primeiros parceiros Délius, um grande letrista que quase seguiu o caminho do celibato, mas largou a batina e acabou fazendo parte desta história.

Em 1984, ano em que o conheci, nosso entrosamento musical foi tão grande que logo já tínhamos mais de meia dúzia de músicas. Movidos a muito café, compúnhamos, preferencialmente, na cozinha de sua

casa, no Bairro Campestre, em Santo André – a mesa era o local preferido para escrever, compor, comer presunto (legítimo Parma), fumar e tomar café. Nessa época eu era o hóspede mais constante na residência da família Puglia, sempre depois das intermináveis baladas.

Profana, uma das músicas que gosto até hoje, e que ficou com uma certa áurea *cult* para os poucos que a conheceram, foi composta naqueles *breakfasts*: “Estou com essa doença/ já faz meio século/ já fiz desavença, amor/ consultei meu oráculo/ ponte de safena/ pra tapar o buraco/ que você deixou/ ah, ah, que você deixou/.../ já faz tanto tempo/ que este amor me domina/ perdi meu bom senso/ por causa de ti / assassina/ libertina/ sua cretina/ profana/ traquina/ ah, ah, profana, traquina...”

Em geral, o estilo de nossa parceria seguia uma linha mais folk (algumas canções até lembravam músicas gospel), a exem-

plo de *Planeta Prisão*, a primeira feita pela dupla Malu (meu apelido) e Átila Puglia, em maio de 1984: “Minhas mãos estão sangrando/ mas estou tentando/ escalar o muro desta/ imunda prisão/ estou no Planeta/ no Planeta Prisão/ onde não há nada/ dentro do coração”. Esta, embora não esteja entre as minhas preferidas, vale por ser a inaugural e pelo seu protesto ainda pertinente.

Foi a partir desta primeira criação que percebi o casamento perfeito da minha letra com a música de Puglia. Entre uma canção e outra, ele começou a frequentar a Turma do Ponto – um grande grupo de amigos que se encontrava no ponto de táxi, localizado na esquina das ruas Oriente e Flórida. Logo, fermentou-se a ideia de uma banda, ainda mais quando soubemos que iria rolar um festival de música no tradicional colégio Idalina (atual Escola Estadual Dona Idalina Macedo da Costa Sodré). Reunimos alguns amigos do Átila e, estrategicamente, convidamos o Lupa (Lupércio Pulini) e o Égon (Hadermann) – alunos do Idalina, pois, sem estudantes do colégio, não havia como participar do concurso – para integrarem a banda. Resultado: um dos poucos músicos de verdade era o Átila Puglia e a maioria entrou com a boa vontade e o entusiasmo.

No início, testamos vozes femininas, mas, depois do

nome definido, a formação ficou da seguinte forma: Átila (na guitarra, violão e vocal principal), eu (também no vocal principal e percussão, na verdade, um ‘troço’ parecido com chocalho), Délius (no outro violão), Reginaldo (na bateria), Égon (no *backing vocal* e maracas), Lupa (no *backing vocal* e bongô), Chileno (no *backing vocal*) e Nego (no baixo), figura que já circulava pelo meio musical da região. Na hora da inscrição, ocorreu a primeira confusão: o nome que acabou computado oficialmente foi um dos antigos da banda, Peanuts – e não me perguntem o porquê!

O visual era o mais eclético possível: eu vestia um indefecível paletó preto, sem camisa ou camiseta por baixo; Átila ostentava, primeiramente, um figurino *rocker* e, depois, um estilo mais guerrilheiro, vestindo uma gandola (peça que substitui o capote, usada por militares) camuflada do Tiro de Guerra, emprestada do amigo Paulo Sacheta; e Égon,



Acervo/Marcos Maselli

Lupa e Chileno formavam um legítimo trio *new wave*, com óculos escuros, calças quadriculadas e multicoloridas. O repertório era constituído de folk, rock e pitadas de punk. Para nossa surpresa, passamos da fase classificatória e conseguimos ir para a final com nada menos do que seis músicas (no total, 12 canções estavam nesta fase).

Um clima de ‘já ganhou’ caiu sobre nossas cabeças. Pelo menos, segundo ou terceiro lugar era certo. Mas não era não: na hora H, conseguimos ‘melar’ as apresentações das seis músicas – por excesso de confiança, falta de experiência no palco, acústica ruim, sei lá – e não só não ganhamos nada, como conseguimos deixar todas as músicas atrás da sexta colocação, o que as colocou em últimos lugares na fase final. Erramos muito: o baterista atravessou, o microfone falhou, e as músicas, embora bem feitas, não entusiasmaram nem o júri nem a plateia, que, como todo público de festival, desde os tempos da TV Record nos anos 1960, anseia por sangue, suor e lágrimas no palco. Seu Sérgio, pai de Átila Puglia, balançava a cabeça no meio da audiência. Nossa torcida, embora pequena, tentou de tudo para animar, mas o final foi decepcionante.

Chileno, Égon e Lupa, integrantes da banda Noé e seus Naufragos

Vendo este episódio lastimável com os mesmos olhos, mas quase 31 anos depois, aflora nitidamente o nosso total amorosismo como o grande culpado do fiasco. Tudo bem, tentamos fazer um grupo irmanado, unido pela amizade, mas esquecemos do trabalho árduo que este tipo de empreitada demanda: os ensaios foram poucos, não tínhamos equipamento para todo mundo, entre outros percalços. O ambiente ficou bem *'flower power'*,

um litro de tubaína, o grupo decretou seu fim.

Mas querem saber? Tenho muito orgulho de ter feito parte de uma banda na mesma época em que o rock brasileiro estourou nas paradas. Tenho muito orgulho de ter participado de um festival, ladeado de amigos, com a cara e a coragem, mesmo que sem o resultado esperado. Não temos medalhas para mostrar, mas podemos contar para os nossos netos, em um futuro próximo, e

uma segunda edição no ano seguinte, inclusive com a participação da famosa banda Kães Vadius, nascida em São Caetano e considerada a primeira banda do gênero *psychobilly* no Brasil. Nessa segunda edição, participaram vários grupos formados por nossos colegas, entre eles, Ned, Rui Rodrigues, Fernando Tanajura, Paulo Ramirez e Tinho. O incansável Átila se inscreveu de novo, dessa vez na banda Sétimo Cálice, com melhor aparelhagem

Vista do palco do 1º Festival de Música Popular do Idalina, durante a apresentação da banda Noé e seus Naufragos



bicho-grilo, no clima de Jefferson Airplane (grupo ícone dos hippies americanos). Isso é louvável, mas a música acabou ficando em segundo plano.

Cena final: saímos todos desolados do colégio Idalina, uns falando que foi marmelada, outros que estragamos tudo mesmo. Paramos na padaria Lindo Pão para afogar as mágoas. Ali mesmo, entre sonhos, coxinhas e

para os nossos filhos, agora: fizemos parte de uma divertida banda chamada Noé e seus Naufragos, um combo 'sui generis' com oito integrantes, e, para nós, a maior banda que já surgiu por estas paragens (só não espalhem que estas paragens se resumiam ao ponto de táxi e adjacências).

Em tempo: o festival (oficialmente FMPI – Festival de Música Popular do Idalina) teve

e integrantes mais tarimbados: Haroldo, Marcelo e Ricardo Mazuras, Satan e o icônico vocalista Shazam. Venceu a banda Trident. Mas essa já é outra história... **R**

MARCOS EDUARDO MASSOLINI

É JORNALISTA E ESCRITOR. EM 2001 LANÇOU, DE FORMA INDEPENDENTE, O LIVRO *BORBOLETAS ABISSAIS*. MANTÉM O BLOG *ALMANAQUE DO MALU* DESDE 2009, E, NO ANO PASSADO, LANÇOU SEU SEGUNDO VOLUME DE POESIAS, *AURA DE HERÓIS*.

João Tarcísio Mariani

Casarão das coincidências

Vamos começar identificando um lugar de São Caetano, ou melhor, uma esquina do Bairro da Fundação: o cruzamento da Rua Heloísa Pamplona com

a Avenida Doutor Rodrigues Alves. Mais precisamente estamos nos referindo a um casarão assobradado (não assombrado, hein?!), cuja fachada ficava na Heloísa Pamplona, em frente à Metalúrgica Barile. Apenas o edifício industrial, desta última, continua lá, mas o casarão já não mais existe.

Em nosso tempo de criança, quando frequentávamos o Grupo Escolar Senador Flaquer (que está completando 95 anos de existência em 2015), o terreno do casarão abrigava a Padaria Marchigiana. Com certeza muitos se lembrarão

Fachada da Padaria Marchigiana em 1937



dela. Antes, a padaria pertencera à família Santarelli, mas, à época a que estamos nos reportando, o estabelecimento havia sido transferido à família Pisaneschi.

A Marchigiana e duas outras padarias, Perrella (localizada na Rua Rio Branco) e Leoni (na Rua Perrella), eram nomes marcantes no Bairro da Fundação, em matéria de pães e doces. Mas, voltemos ao nosso foco, ou seja, o casarão da Padaria Marchigiana, que, durante muito tempo, foi parada obrigatória das crianças que, antes de entrarem no Grupo Escolar, compravam o delicioso pãozinho doce, merenda preferida da garotada.

Os de idade próxima à nossa, isto é, os cansados (no mínimo “se...senta”), por certo se lembrarão da pergunta: “Pão doce com creme dentro ou com creme em cima?”, repetida, diariamente, à exaustão, na padaria. Porém, melhor mesmo, é recordar que o pão doce era sempre muito saboroso e o crime, ou melhor, o creme compensava, onde quer que fosse colocado! Até agora, o assunto foi este estabelecimento, mas nem só de pão vive o homem, além do que, não é o Senador Flaquer a escola sobre a qual vamos tratar a seguir.

Quando, ao final dos anos 1950, a Padaria Marchigiana foi fechada, o casarão, com as suas amplas dependências, que incluíam a moradia dos Santarelli e, depois, dos Pisaneschi, deu lugar a salas de aula. Surgiu uma escola no lugar da padaria: a Escola Técnica Santo Antonio. O casarão deixava, então, de alimentar o corpo (pão) e passava a alimentar o intelecto (cursos de desenho técnico e projeto de ferramentas).

E o que é que tem a ver a Padaria Marchigiana com a escola Santo Antonio? Se essa história dependesse da padaria acabaria em pizza, ou

seria “maçante”. Se ela dependesse da escola, não acabaria, continuaria “em curso”. Mas, como ela depende de pessoas, só se poderia esperar um final muito pessoal.

O autor da crônica é obrigado a declarar que, para justificar o título, comprou pão doce na Padaria Marchigiana, foi aluno do Senador Flaquer, deu aulas na escola Santo Antônio, casou-se com uma Pisaneschi, é amigo, até hoje, dos Santarelli e dos Barile e, por último, participou, diretamente, da saída da Metalúrgica Barile das mãos da família, após 70 anos de gestão familiar, e de São Caetano, indo parar em Bragança Paulista.

Em 1982, um cantor e compositor chamado Dalton fez sucesso com a música *Muito estranho* (ou *Cuida bem de mim*), que dizia: “... Então misture tudo dentro de nós”. Talvez essa mistura justifique as coincidências da vida e do título! E, para chegar até elas, foi preciso sons de violino ao fundo e muita saudade à frente.

Às famílias mencionadas, dois preitos: um de saudades, dos que foram contar essas histórias no céu, e outro de gratidão e alegria, àqueles com quem continuamos a desfrutar da convivência e da amizade. Afinal de contas, a amizade deve ser uma coisa tão importante, que ousaríamos imaginar a possibilidade de sermos julgados, para um prêmio na vida eterna, pela quantidade de amigos verdadeiros que conseguimos amearhar em vida.

E, para “fechar o caixaão”, vocês tinham tanta coisa melhor para ler e resolveram justamente parar nesta crônica? Ingrata coincidência! **R**

JOÃO TARCÍSIO MARIANI
É EMPRESÁRIO E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Renato Alencar Dotta

Os 80 anos do Grupo Escolar de Mauá:

A 'ESCOLA DA PAINEIRA'

Neste ano de 2015, no mês de agosto, celebram-se os 80 anos de uma das mais antigas instituições de ensino do ABC: a Escola Estadual Visconde de Mauá (conhecida popularmente como 'Viscondinho'), localizada em Mauá. Neste texto, contudo, não trataremos do estabelecimento, hoje instalado no prédio localizado na Avenida Santos Dumont, na Vila Bocaina, nem de outra instituição, fruto de seu desdobramento, a Escola Estadual Therezinha Sartori, o 'Viscondão'. Mas sim da singela casa onde começou essa história, que, infelizmente, não existe mais e, por isso, é uma das perdas mais lamentadas pelos moradores antigos da cidade.

Nosso artigo é, pois, sobre o Grupo Escolar de Mauá, durante o período em que funcionou na antiga sede da chácara de Luís Merloni, a popular 'Escola da Paineira', localizada no que hoje é a esquina da Avenida Barão de Mauá com a Rua Prefeito Enio Brancalion¹(então Rua Caravelas).

A casa, provavelmente construída em fins do século 19, passou a abrigar a partir de 1935 o Grupo Escolar de Mauá que, em 1947, tornou-se Grupo Escolar Visconde de Mauá. Em 1957,

com a construção de suas novas instalações na Avenida Santos Dumont, o curso primário foi para ali transferido. Continuou funcionando na 'Paineira' o curso ginásial (atuais 6º ao 9º anos do ensino fundamental) até meados dos anos 1960. Em 1978, na gestão do prefeito Dorival Rezende, o prédio foi demolido. Em seu lugar está atualmente a Praça Teotônio Vilela. Felizmente, a célebre paineira foi preservada, tendo sido recentemente tombada como patrimônio cultural da cidade.

Os primeiros grupos escolares foram criados no Estado de São Paulo a partir de 1894. Em geral, eles eram produto da reunião de certo número de escolas isoladas de determinada localidade. Segundo uma pesquisadora da história escolar,

“(…) O surgimento dos grupos escolares ocorreu para organizar e restaurar a instrução pública, instituindo novas formas de controle. O grupo tinha um diretor durante todo o tempo de funcionamento da escola, um horário para as aulas que todas as salas deveriam seguir, salas adequadas para as aulas e os intervalos, reunindo todos os requisitos em um mesmo espaço físico. Foi pensado para substituir as antigas escolas isoladas e escolas rurais com classes multi-seriadas.

Vista da fachada do Grupo Escolar, a partir da Avenida Barão de Mauá. Sem data

O grupo era a demonstração da modernidade e do progresso na instrução. As matérias no grupo escolar eram melhor trabalhadas em função do tempo ordenado das aulas e por não ser mais necessária a união de alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes. As classes eram divididas em séries. O horário de funcionamento do grupo era diferente das antigas escolas isoladas, pois os alunos permaneciam na escola apenas por um período do dia.” (MIMESSE, 2001: 95)

Outro aspecto importante para a criação dos grupos escolares foi o crescimento da população em idade escolar. As escolas isoladas não eram mais suficientes para acomodar o número cada vez maior de crianças. As consequências sociais dessa situação eram assim vislumbradas pelo governo do Estado: “(...) É sabido que a maioria dos alunos das escolas públicas são meninos pobres, para os quais o dilema diário é este: ou escola, ou rua. Tudo quanto se tire da escola é concedido à rua, com suas perniciosas consequências” (SÃO PAULO, 1936: 21).

Para uma população total de 1.853 almas, Mauá possuía 341 crianças em idade escolar, sendo que nem todas eram atendidas pelas cinco escolas isoladas existentes em 1934, ano de instalação do distrito de Mauá (SANTOS, [1974]: 19; SÃO PAULO, 1936: 122).

Na década de 1930, embora lentamente, a localidade foi se transformando em subúrbio industrial com a implantação de fábricas, como a Cerâmica Santa Helena (1935), a Porcelana Mauá (1937) e o Curtume Mauá (1938).

Assim, o Grupo Escolar de Mauá foi criado por decreto de 13 de agosto de 1935, sendo instalado no dia 16 do mesmo mês. Foi formado a partir das seguintes escolas isoladas: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª mistas, regidas, respectivamente, pelas professoras Lirys Espíndola de Castro, Guiomar Rodrigues de Moraes, Maria Amélia Évora, Ma-



riana Mascagni e Anna Maria Prado Sampaio.

Nesse momento, o município de São Bernardo já possuía pelo menos dois outros grupos: o Grupo Escolar de Santo André (criado em 1914, como G.E. de São Bernardo) e o Grupo Escolar Senador Flaquer (em São Caetano, criado em 1920). Aliás, até a criação do G.E. de Mauá, os moradores locais que pretendiam completar a 4ª série faziam-no em Santo André.²

Além das cinco professoras listadas, fizeram parte do corpo docente no primeiro ano de funcionamento da ‘Escola da Paineira’ as substitutas interinas Lourdes Antico e Antonieta Dell’Antonia. Estas professoras, provavelmente ainda não formadas (ou recém-formadas), substituíam as titulares (ou adjuntas), quando estas faltavam ou se licenciavam.

O primeiro diretor do grupo escolar foi Argemiro Tondela, que permaneceu no cargo até 1948. A escola também contava, no seu corpo de funcionários, com a servente Joanna Cardoso Cruz. Nesse primeiro ano, havia apenas cinco salas, funcionando em dois horários: duas classes, das 8h30 às 12h30, e três classes, das 12h30 às 16h30.

O grupo possuía, em 1935, apenas os três primeiros anos do primário. Todas as salas eram mistas, isto é, reuniam alunos de ambos os gêneros, herança direta das escolas isoladas. Isso é importante destacar porque, em escolas maiores, era obrigatória a separação dos sexos entre as classes. Até o final do ano, foram matricula-

dos no G.E. 85 alunos do sexo masculino e 92 do sexo feminino, totalizando 177 estudantes.

Diferente dos outros grupos já citados de São Bernardo, o prédio do G.E. de Mauá não era próprio, mas alugado ao Governo do Estado por André Magini, antiga sede da chácara de Luís Merloni, pelo valor mensal de 300\$000 (trezentos mil-réis), num contrato de quatro anos, válido a partir de 1º de janeiro de 1936.

Em julho de 1936, foi instituído o 4º ano misto na escola, sendo que a professora Lirys Espíndola de Castro se tornou a responsável pela turma. No ano seguinte, instituíram-se salas masculinas e femininas, além das mistas.

A crescente demanda de alunos - Desde o final dos anos 1930, o casarão de propriedade de André Magini já não comportava toda a demanda de alunos da região que precisavam estudar.

Já em 1939, os proprietários sugeriram ao diretor Argemiro Tondela a construção de três novas salas, sendo duas para aulas, além de um galpão, com duas paredes laterais. Contudo, com essas melhorias, o preço do aluguel subiria para oitocentos mil-réis mensais, e o contrato deveria ser prorrogado para dez anos.³

A sugestão da família Magini, no entanto, foi rejeitada. Anos depois, em resposta a um pedido do diretor, a Sociedade Amigos do Distrito de Mauá se disponibilizou a pagar o conserto de parte da cerca da escola, que se achava danificada.

Acervo/Museu Barão de Mauá



A Sociedade aproveitou o ensejo para pedir mais classes “a fim de atender ao grande número de crianças que este ano desejam ali matricular-se”⁴

Em 1948, a Diretoria de Obras Públicas do Governo do Estado de São Paulo frustrou as expectativas da comunidade escolar do grupo escolar quando, em carta ao diretor substituto Pedro Ferreira da Cunha, declarou:

“(…) sendo propriedade particular o edifício em que está instalado o Grupo Escolar sob sua direção, não se justificam as obras solicitadas naquele ofício, especialmente, no momento presente, quando há recomendações governamentais relativamente a rigorosa economia do dispêndio dos dinheiros públicos, acrescidos da inexistência de verba adequada para reparações.”⁵

Com o crescimento muito acentuado da população de Mauá no período - cerca de 16 mil habitantes em 1955 - e o conseqüente aumento de crianças em idade escolar, a solução foi a construção de um novo prédio na então Rua (hoje Avenida) Santos Dumont, em terreno de propriedade do governo estadual.⁶ A inauguração ocorreu em 3 de outubro de 1957. Para ali, foram transferidas as turmas do curso primário. No casarão ficaram as novas turmas do ginásio, o qual, pela primeira vez, era ministrado em Mauá.

O cotidiano da escola: os primeiros anos - Já em seus primórdios, havia toda uma preocupação com a higiene e salubridade da escola. Em 1936, a direção da escola encaminhou pedido de exame químico e bacteriológico do poço do grupo escolar ao Instituto Adolfo Lutz, em São Paulo. A amostra de água foi colhida por José Roza de Castro Pereira. A conclusão do exame no que se refere à potabilidade foi “água suspeita”.⁷ Quanto ao exame bacteriológico, o resultado foi: “Não encontramos germes de origem intesti-

Grupo Escolar de Mauá e a paineira que sobreviveu à sua destruição. Ao fundo, vê-se a Porcelana Mauá. Sem data

nal, nos 100 cc. de amostra analisada”⁸

O Grupo Escolar de Mauá possuiu, conforme era facultado pela legislação da época, o ensino religioso como disciplina regular.⁹ Cabia à direção das unidades escolares consultar as autoridades eclesiásticas para direcionar os professores que pudessem ministrar o ensino religioso. Em 1936, a Cúria Metropolitana de São Paulo indicou os professores designados para o ensino da religião católica no grupo: Maria Amélia Évora, Lirys Espíndola de Castro, Mariana Mascagni, Guiomar Rodrigues de Moraes e Maria Conceição Cardoso Franco (esta última não fazia parte do quadro docente do grupo).¹⁰

Um caixa escolar foi criado já em 1936. Esse artifício era voltado a auxiliar os alunos desprovidos de recursos para que tivessem acesso a uniforme, material e livros. Maria Elizabeth Rosa dos Santos, aluna na ‘Paineira’ no início da década de 1960 e hoje professora da rede municipal, declarou ter sido beneficiada pelo caixa escolar.¹¹

A biblioteca infantil e o orfeão foram conquistados em 1942. O gabinete dentário foi instalado em 23 de setembro de 1953, seis meses após serem instituídas as aulas de ginástica.¹²

Desde 1936, a escola foi posto eleitoral, quando ocorreu a primeira eleição em Mauá, época em que ainda pertencia a São Bernardo. As quatro seções eleitorais do plebiscito que decidiu pela emancipação política da cidade também ocorreram ali, no dia 22 de novembro de 1953, assim como a primeira eleição para prefeito e vereadores do município de Mauá, em 1954.¹³

A criação do ginásio - Em meados dos anos 1950, com o franco desenvolvimento industrial e o rápido crescimento populacional da cidade, bem como com o processo autonomista, os mauaenses começam a sentir necessidade de ter seu próprio ginásio estadual. Os estudantes que

encerravam o curso primário em Mauá cursavam o primeiro ano ginásial em Santo André, no Grupo Escolar Américo Brasiliense, o único que possuía tal nível no ABC, naquela época.

Um fato trágico acabou mobilizando a sociedade mauaense para a criação do ginásio na cidade. Quem conta é a professora Vera Paschoalick, que fez parte da primeira turma ginásiana de Mauá: “Um jovem, filho do Napoleão Zambelli, figura conhecidíssima de Mauá, voltando da escola em um daqueles trens de madeira, de portas abertas e muito largas... O fato é que alguém jogou uma ‘bombinha de São João’ perto do rapaz, e ele, para desviar da explosão da ‘bombinha’, se afastou para trás. Acontece que ‘o atrás’ era o vão da porta, e o jovem morreu. Aquilo foi uma tragédia! Era uma coisa terrível para as famílias que queriam dar um futuro intelectual para seus filhos, saber que uma criança estava sujeita a essas coisas”.¹⁴

Um dos cidadãos mauaenses sensibilizados com essa situação foi o vereador Jorge Paschoalick, do Partido Trabalhista Nacional (PTN), que fazia parte da base de apoio do então governador de São Paulo, Jânio Quadros, do Partido Democrata Cristão (PDC). Segundo a professora Vera, filha do então vereador: “(...) Papai, como vereador em Mauá, entrou em contato com um sobrinho-neto, que estava alocado em um alto cargo na Secretaria da Educação, e ele se chamava Romeu Paschoalick. O diálogo foi mais ou menos o seguinte: ‘Mauá precisa de uma escola’, e o professor Romeu disse: ‘Tio, o governador (na época era o Jânio Quadros, que, depois, foi presidente da República) tem intenção de criar escolas. Quando o governador começar a criar escolas, eu te aviso e você entra com o projeto de lei’. E assim aconteceu, mas foi um processo tumultuado, porque as demais cidades, não só da região, mas de todo o Estado, queriam uma escola estadual. E para complicar,

tinha Ribeirão Pires um deputado estadual e, mesmo assim, Mauá conseguiu passar à frente desse projeto”.¹⁵

Assim, além de Paschoalick, os vereadores da bancada municipal do PTN, Silvio Polisel e Mário de Agostinho (chefe da estação ferroviária de Mauá), redigiram o projeto de lei, levando-o para o governador no Palácio do Governo, em São Paulo, em novembro de 1956.¹⁶ Jânio concordou com a instalação do ginásio em Mauá. “Só que não tínhamos o prédio. A mudança estava marcada e o prédio da ‘Paineira’ estava em processo de deterioração muito grave: buracos no teto e no chão, etc. Então foi designado um inspetor, que, posteriormente, descobrimos que era federal, que iria vistoriar o prédio e indicar as mudanças necessárias. Em dois meses, fizemos as modificações para a aprovação do prédio na vistoria. Se não fosse aprovado, Ribeirão Pires levaria o ginásio”, lembra Vera.¹⁷

Contudo, ainda havia problemas. “Ginásio instalado... Mas não tínhamos alunos, pois não havia nenhum curso de admissão na cidade. O curso da Leonor Cabrera (...) foi fechado alguns meses antes. Conseguiu-se que alguns alunos fossem preparados no Américo Brasiliense, em Santo André. Em janeiro de 1957, houve um exame de admissão e se formou a primeira turma do ginásio de Mauá. Também foi criada uma turma de 2ª série, que hoje seria de 6ª série. Ao todo, éramos 52 alunos e tínhamos um orgulho imenso de pertencermos àquela escola. No segundo ano de funcionamento, as dificuldades voltam a acontecer. A população de Mauá era muito pobre e não tinha condições para pagar uma escola de admissão, que era particular. As pessoas não podiam arcar com as mensalidades para poder preparar os seus filhos para entrarem em uma escola do Estado. Graças a um arranjo com o monsenhor Alexandre, do qual participaram a dona Lia Pântano e dois professores de Santo André, de maneira

gratuita, se formou um curso de admissão, com a duração de seis meses. Apesar de toda a improvisação (para vocês terem uma ideia, papai, que não era professor formado, dava aulas de português no curso), foi um momento glorioso do Ginásio de Mauá”, afirma Vera.¹⁸

O Ginásio funcionou no casarão até 1965, ano em que os alunos foram transferidos para o novo prédio (atual E.E. Therezinha Sartori). A

Grupo
Escolar
Viscondão,
em 1947

Acervo/Museu Barão de Mauá



Acervo/Museu Barão de Mauá



partir daí, o velho casarão se transformou em cortiço, permanecendo assim até sua triste demolição, 13 anos depois.¹⁹

Turma da
professora
Lyris
Espíndola
de Castro
(de laço, ao
centro)

A destruição do casarão - A antiga sede da chácara de Luís Merloni foi demolida a mando do prefei-

to Dorival Rezende, no dia 5 de agosto de 1978. Em quatro dias, tratores da prefeitura derrubaram as provavelmente centenárias paredes, janelas e grandes portas entalhadas daquela escola que formou várias personalidades da sociedade mauaense.

Rezende justificou a derrubada da casa devido à suposta depredação feita por famílias de migrantes que viviam ali, desde que o prédio deixou de ser escola, mais de dez anos antes. Teriam chegado a destruir algumas salas e sanitários. Além disso, o prefeito tinha o projeto de construir um prédio moderno para abrigar uma Casa de Cultura.

A população lamentou a demolição. O ex-secretário de Educação, Clóvis Volpi, havia chegado a sugerir o tombamento do prédio pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat). Segundo Volpi, “a casa tinha aspecto de uma casa de fazenda. Foi construída no século passado, com pesados tijolos, portas de madeira entalhadas e janelas amplas, e a arquitetura era colonial. Sua demolição representa não somente o fim de um patrimônio histórico, mas a destruição dos sentimentos de metade da população da cidade”. Ele duvida que o prédio não apresentasse condições de ser reconstituído, como afirmava o prefeito, pois explica que edifícios muito mais antigos e em piores condições abrigam hoje museus e bibliotecas.²⁰

E, enquanto o memorialista Roberto Bottacin exigiu da prefeitura a reconstrução do prédio, o comerciante Luiz Mariani, cuja loja de sapatos até hoje está localizada em frente ao local da antiga escola, assistia, entre melancólico e revoltado, à remoção dos escombros do velho prédio: “É a maior decepção que eu poderia ter. Acabam de destruir metade da história de Mauá. Por aqui, passaram crianças que hoje ocupam importantes cargos no país. Seus alunos construíram esta cidade e não estão tendo sequer o

direito de opinar sobre o destino da escola que lhes ensinou as primeiras letras”.²¹

Dessa forma, reduzido a escombros o casarão que serviu de sede para o Grupo Escolar de Mauá, a cidade perdia um de seus monumentos históricos e arquitetônicos, imolado no altar do progresso a qualquer custo. Contudo, ele ainda permanece na retina e no coração de muitos mauaenses, ex-alunos, ex-professores, ex-funcionários ou simples cidadãos, que ali viram e viveram, um dia, a ‘Escola da Paineira.’ **R**

NOTAS

- ¹ A rua passou a ter esse nome porque nela morou o primeiro prefeito da cidade, Ennio Brancaloni (1904-1968).
- ² Atualmente, o prédio do antigo G. E. de Santo André é sede do Museu Municipal daquela cidade. Já o de São Caetano, ainda funciona como escola. É a Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Flaquer. Sobre esta, ver: XAVIER (1995).
- ³ Carta de Mario Magini para o diretor Argemiro Tondela, 24 ago.1939. Acervo E. E. Visconde de Mauá.
- ⁴ Carta de Guido Monteggia, presidente da Sociedade Amigos do Distrito de Mauá, para o diretor Argemiro Tondela, 5 mar.1947. Acervo E. E. Visconde de Mauá.
- ⁵ Carta de Joaquim Alcaide Valls, diretor substituto de Obras Públicas, da Secretaria de Estado dos Negócios da Viação e Obras Públicas, para o diretor substituto Pedro Ferreira Cunha, 25set.1948. Acervo E. E. Visconde de Mauá.
- ⁶ Em 1955, Mauá possuía cerca de 1.600 alunos, sendo 625 no Grupo Escolar Visconde de Mauá, 380 no Grupo Escolar Vila Vitória (atual E.E. Odila Bento Mirarchi) e 625 nas escolas isoladas. O terreno foi cedido pela prefeitura ao Governo do Estado especialmente para a construção do novo prédio. “Mauá comemora seu aniversário”. *Última Hora* (São Paulo), 7dez.1955, p. 9 (1º caderno).
- ⁷ Relatório do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, 27jul.1936.
- ⁸ *Id.*, 24/7/1936.
- ⁹ De acordo com a Constituição Federal de 1934.
- ¹⁰ Carta do Monsenhor Ernesto de Paula, vigário geral da Cúria Metropolitana de São Paulo, ao diretor Argemiro Tondela, 24abr.1936.
- ¹¹ Formulário ao Departamento Estadual de Estatística, referente ao Ensino Público Estadual – 1936 (Acervo E. E. Visconde de Mauá); depoimento da profª Maria Elizabeth Rosa dos Santos, 20ago.2004.
- ¹² Formulário ao Departamento... – 1941 e 1942 (Acervo E. E. Visconde de Mauá).
- ¹³ Ver no acervo da E. E. Visconde de Mauá, cartas do Tribunal Regional Eleitoral dirigidas à direção da escola solicitando a cessão de salas para diversas eleições.
- ¹⁴ Depoimento da profa. Vera Paschoalick no VII Seminário de Memória – “Cem Anos da Educação em Mauá – Das Escolas Isoladas ao Sistema Municipal de Ensino”: Teatro Municipal de Mauá, 6jul.2004.
- ¹⁵ Depoimento de Vera Paschoalick, citado. O deputado em questão era Fioravante Zampol.
- ¹⁶ O projeto-lei é datado de 8nov.1956.
- ¹⁷ Depoimento de Vera Paschoalick, citado.
- ¹⁸ *Id.*
- ¹⁹ “Mauá terá seu colégio estadual”. *News Seller*, 7mar.1965, p. 16 (3º caderno).
- ²⁰ SAUERBRONN, Lúcia. Mauá destrói parte de sua tradição. *Diário do Grande ABC*, 6jul.1978, p. 3 (Caderno A).
- ²¹ *Idem.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MEDICI, Ademir. *De Pilar a Mauá*. Mauá: Prefeitura Municipal de Mauá, 1986.
- _____. *9 de novembro de 1947: A vitória dos candidatos de Prestes*. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 1999.
- MIMESSE, Eliane. *A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2001.
- REIS, Maria Cândida Delgado (org.). *Caetano de Campos: fragmentos da história da instrução pública no Estado de São Paulo*. São Paulo: Gráfica Editora Hamburg, 1994.
- SANTOS, Wanderley dos. *Mauá – Ano 20*. São Bernardo do Campo: Combrig, 1974.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública. *Novos prédios para grupo escolar (estudos da diretoria de obras públicas)*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1936.
- XAVIER, Sonia Maria Franco. Primeiro Grupo Escolar do Município festeja passagem do 75º aniversário. *Raízes*, São Caetano do Sul, n.13, p. 16-20, jul.1995.

RENATO ALENCAR DOTTA

É DOUTORANDO EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL, BACHAREL E LICENCIADO EM HISTÓRIA PELA USP. TRABALHOU COMO HISTORIADOR NO MUSEU BARÃO DE MAUÁ, NA CIDADE DE MAUÁ (SP). COM CINCO ANOS DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR, NA ÁREA DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, FOI TAMBÉM DOCENTE NO ENSINO MÉDIO E TÉCNICO.



Memória Fotográfica



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Funcionárias da Cerâmica Artística Da Costa, em foto de 31 de dezembro de 1960



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Cerimônia de inauguração da Concha Acústica, no dia 21 de março de 1961, durante a primeira gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Público durante um evento no salão do antigo Teuto, na década de 1940, aproximadamente. A Sociedade União Teuto-Brasileira foi fundada em 1929 com o intuito de congregiar a comunidade de origem germânica instalada na localidade. Em setembro de 1938, passou a se chamar Sociedade Esportiva São Caetano e, desde outubro de 1951, atende pelo nome de União Cultural de São Caetano do Sul

RAÍZES E RETRATOS



Os irmãos (a partir da esquerda) Elisa, Valter e Silvia Rösch na esquina das ruas Joana Angélica e Alegre, em 1953. O casal Martha e Walter Rösch morava na Rua Joana Angélica desde 1948, com seus quatro filhos (Olga, Silvia, Elisa e Valter)

ACERVO/ANGÉLICA R. RODRIGUES



Houve tempo em que a economia de São Caetano dependia da produção das olarias. As margens dos rios Tamanduateí e Meninos foram povoadas de olarias. Nesta foto, de 1912, vemos a olaria de Silvério Perrella, situada na confluência dos rios referidos, bem próxima da estrada que ligava São Caetano à Mooca (depois Rua Ibitirama). Ao fundo, vemos rara imagem da denominada Riva Rossa, assim chamada pelos italianos. A extensa ladeira de terra vermelha e escorregadia era o trecho que impedia o trânsito de carroças e cavalos nos dias de chuva, impossibilitando a ligação da colônia com a cidade de São Paulo

ACERVO/OSCAR GARBELOTTO



Turma do 1º ano primário da Escola Paroquial São Caetano, em foto de 1951. Aparecem na imagem a professora Bernadete Pereira Mayer, o padre Arthur Di Virgilli e o diretor Verino Segundo Ferrari. Odair Vituri é o segundo, a partir da esquerda, na segunda fila

ACERVO/ODAIR VITURI



O menino Domingo Glenir Santarneckchi aparece ladoado por Satiko (esquerda) e Ioko, no portão de residência localizada na Rua Heloísa Pamplona, nº 384, no Bairro da Fundação. Ao fundo, com gato no colo, aparece Matheus Glomir Santarneckchi

ACERVO/DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI



Sérgio Miliani e Sérgio Serena em treino militar no terreno onde hoje é o final da Rua São Paulo. Foto de 1962

ACERVO/SÉRGIO MILIANI



Família Duran e amigos em pescaria no Riacho Grande, em 1959. Em pé, a partir da esquerda, estão Regina Duran, Iolanda Duran, Dolores Assis, Marlene Assis Duran, Dirce e Manoel. Abaixadas, vemos Carmem e Nena

ACERVO/CARLOS DURAN



Grupo posa para foto na casa de Ivone Fontebasso, na Rua Aquidaban, nº 161, no Bairro da Fundação. Foram identificados Laura Fontebasso Cruz, Ana Maria Fontebasso, Ivone Fontebasso, Armando Fontebasso, Aurora Fontebasso, Anete Fontebasso, Claudete Fontebasso Sespedes, Attilio Fontebasso, Josefa Pedrassa Fontebasso, Roberto Amâncio Cruz, Sidnei Amâncio Cruz, Atilio Amâncio Cruz, Sonia Maria Cruz e Laura Jane Cruz. Foto de 1972

ACERVO/LAURA JANE CRUZ



Formatura de primário do Grupo Escolar Roberto Simonsen, realizada em 1961. Na foto, vemos Mário Celso Viana Ribeiro recebendo o diploma das mãos de sua mãe e professora, Alice Viana Ribeiro. Naquela época, havia uma orientação que as professoras que tivessem filhos na escola que lecionavam deveriam assumir as classes desses filhos. Este foi o caso de Alice Viana, que foi professora de seu filho durante todo o curso primário

ACERVO/MARILICE BARBATO



Turma de alunos da professora Alice Viana Ribeiro do Grupo Escolar Roberto Simonsen, em foto de 1965. Vemos na primeira fila, sentada ao lado da mãe e professora, Vera Cristina Viana Ribeiro

ACERVO/MARILICE BARBATO



Os quatro irmãos que aparecem na imagem, a partir da esquerda, são: Sérgio Roberto Poveda Martin, Luiz Antonio Poveda Martin, Francisco Carlos Poveda Martin e Manoel José Poveda Martin. Eles pertenceram à Guarda Infanto-Juvenil de São Caetano do Sul (atual Patrulheiros Mirins). Foto de 1966, na residência da família, na esquina das ruas José Benedetti e Rafael Correia Sampaio

ACERVO/LUIZ ANTONIO POVEDA MARTIN



Nesta imagem, feita no mesmo local e data, os irmãos aparecem com os pais Camilo Martin Del Rey e Aracelis Poveda Martin

ACERVO/LUIZ ANTONIO POVEDA MARTIN

BAÚ DE MEMÓRIAS

DOAÇÃO/FRANCISCO MASSEI NETO



Aerovs/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Em primeiro plano, a Praça Faria Lima, em foto de 1970. À esquerda, está a atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof^a Eda Mantoanelli e, ao fundo, a Fundação Municipal Anne Sullivan

DOAÇÃO/RAIMUNDO DA CUNHA LEITE



Aerovs/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Desfile das escolas de São Caetano do Sul, realizado na Avenida Goiás, em 1977, em comemoração ao centenário da cidade



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Efetivo da Guarda Municipal de Trânsito de São Caetano do Sul, em foto de 24 de dezembro de 1958. Foram identificados: Reny Zanconato (inspetor), Rubens de Jesus Gomes, Augusto da Silva, Jairo Jesus Gomes, Artur Petta, Hermes Fonseca, Manoel Oliveira, André Gomes, José Antonio dos Santos (Antoninho) e Alcides Forians



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Ginásio Milton Feijão lotado durante cerimônia do I Jogos Escolares de São Caetano do Sul. Foto de 7 de setembro de 1977

EXPOSIÇÕES

Câmeras em Ação

Esta exposição reuniu antigos equipamentos fotográficos de estúdio: câmeras fotográficas, filmadoras, projetores de filmes e slides, além de painéis fotográficos, que permitiram conhecer como os trabalhos de fotografia e cinema eram realizados na cidade no século passado. Foram expostas aproximadamente 50 peças, pertencentes ao acervo do Museu Histórico Municipal, doadas por moradores da cidade. A mostra pôde ser visitada entre os dias 9 de outubro de 2014 e 10 de janeiro de 2015.



Semiótica dos Afetos

PINTURAS DE
TÂNIA TURCATO

Em cartaz de 18 de novembro de 2014 a 20 de janeiro de 2015, na Pinacoteca Municipal, a mostra buscou respeitar a narrativa proposta pela artista, de modo a oferecer ao público uma experiência mais intuitiva, por meio de pulsante figuração e explosão cromática. Assim, o observador pôde passear seu olhar pelas obras como quem assiste a um filme. As obras de Tânia inseriram o público numa atmosfera alegre e contagiante, que reflete a personalidade da artista. Para compor a exposição, Tânia construiu em suas telas uma narrativa poética, na qual personagens de inspiração autobiográfica vivem seus dramas existenciais.



Dolores Branco: DIÁLOGOS SENSÍVEIS



Após uma trajetória artística prolífica no Estado do Paraná, Dolores Branco voltou à cidade onde viveu por anos, São Caetano do Sul. A exposição, que teve início em 18 de novembro de 2014, foi uma amostragem da diversidade e versatilidade do trabalho de Dolores, em multiplicidade de temas e abordagens, que foram do social ao misticismo simbólico. Esta mostra foi composta por obras vindas do acervo pessoal da artista, do colecionador de Londrina José Luiz Néia De Martine, da Santa Casa de Londrina e da própria Pinacoteca Municipal, que possibilitaram ao público frequentador deste espaço aguçar e transbordar seus sentidos estéticos. A mostra seguiu em cartaz até 20 de janeiro de 2015.

Um lugar, uma história

– A CERÂMICA SÃO CAETANO



Com início em 13 de dezembro de 2014, esta mostra, constituída por oito painéis fotográficos, contempla variados temas, que vão desde os de natureza estrutural e econômica até os de ordem sociocultural, com ênfase, por exemplo, nos eventos que congregavam os funcionários da Cerâmica São Caetano, momentos típicos de difusão das relações de sociabilidade e de descontração. A exposição apresenta, ainda, objetos e dados cronológicos referentes aos principais episódios da trajetória da Cerâmica. No Forno da Cerâmica, novo local expositivo da Fundação Pró-Memória, também é exibido um minidocumentário com depoimentos de ex-funcionários.

Dança das Horas

Esta exposição foi composta por cerca de 50 peças de relógios, provenientes do acervo do Museu Histórico Municipal, doadas por famílias e empresas da cidade. De uso cotidiano, datadas do final do século 19 até a virada do século 20, eram relógios de pulso, de bolso, de parede, de mesa e de registro do ponto, além de despertadores. A exposição foi de 20 de janeiro a 28 de março.



Fuxico Reviver:

UMA HISTÓRIA DE ARTESANIA E SOLIDARIEDADE

Em 1999, a Comissão Feminina do Grupo Reviver decidiu mobilizar um trabalho artesanal dirigido a um propósito social. As participantes, motivadas pelo espírito comunitário, solidário e recreativo, começaram a reutilizar retalhos de tecido, produzindo fuxico – típico artesanato popular brasileiro – para confeccionar belas colchas, que serviriam como prendas para bingos beneficentes. Exemplo de motivação, determinação e solidariedade, a Turma do Fuxico Reviver amplia suas ações ano após ano e essa história foi contada na exposição, por meio de fotos e matérias de revistas e jornais da região do ABC. A visita ocorreu de 16 de dezembro de 2014 a 1º de março de 2015, no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes.

Curto-circuito



O programa *Curto-circuito* tem como finalidade atender aos artistas que procuram a Pinacoteca Municipal como espaço de exposições. É um programa bienal que pretende levar ao público, críticos, apreciadores e demais interessados em artes visuais trabalhos, inéditos ou não, mas que demonstrem os propósitos e as soluções apresentadas por esses artistas em seus trabalhos. É um espaço aberto a discussão de ideias e visa possibilitar ao artista o encontro com especialistas da área. Esta mostra fez parte do projeto, e seguiu em cartaz de 12 de fevereiro a 28 de março.

Caricaturas:

O OLHAR BURLESCO DE ANTONIO CARLOS PIRES, GILMAR, GIL DE GODOY, HUMBERTO PESSOA, LUIGI ROCCO, LUIZ CARLOS FERNANDES, PEIXE E MÁRIO MASTROTTI

A caricatura é a “mãe” do expressionismo, no qual o artista desvenda as impressões que a índole e a alma deixaram na face da pessoa. Os caricaturistas traçam retratos de celebridades, políticos, artistas e até de pessoas comuns ao exagerar suas características, sua essência, com tom de comicidade. Em algumas circunstâncias, acentuam-se gestos, vícios e hábitos particulares

de cada indivíduo. Esta exposição, no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, trouxe o olhar burlesco dos caricaturistas do Grande ABC Antonio Carlos Pires, Gilmar Machado Barbosa, Gil de Godoy, Humberto Pessoa, Luigi Rocco, Luiz Carlos Fernandes, Peixe (Luiz Carlos Ferreira) e Mário Mastrotti. A mostra foi de 3 de março a 17 de maio.



Tempos de conflitos

Esta mostra recontou a história das lutas armadas ocorridas em São Paulo e nos arredores da capital, no início do século 20, por meio de objetos de guerra, como balas de fuzil e canhão, cápsulas de balas, granadas, capacete, uniforme militar e insígnias, doados por moradores da cidade. O foco foi a Revolução de 1924, que ocupou a estação ferroviária de São Caetano, e transformou o Cinema Central em hospital de campanha pelas tropas legalistas da Federação. De 9 de abril, a exposição seguiu até 27 de junho no Museu Histórico Municipal.



Kutka:

ITINERÁRIOS DA ABSTRAÇÃO



Na Pinacoteca Municipal, esta mostra apresentou trabalhos de Vicente Kutka, pintor que nasceu e viveu em Santo André, morou em São Paulo e expôs obras em galerias de várias partes do mundo, produzidas entre as décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000. A exposição começou em 22 de abril e terminou em 20 de junho.

Quatro décadas, uma coleção

– MOSTRA DE ACERVO
DA PINACOTECA MUNICIPAL

Uma seleção especial de obras que compõem o acervo da Pinacoteca de São Caetano integrou esta exposição, com trabalhos produzidos entre as décadas de 1970 e 2000, com diferentes linguagens e propostas. A mostra foi de 22 de abril a 20 de junho.



Brinquedos, brincadeiras e memórias

Esta exposição fez parte de um projeto desenvolvido pela Escola Villare, de São Caetano do Sul. Os estudantes trouxeram brinquedos antigos de suas casas, trabalharam com eles em sala de aula e, depois, os trabalhos foram expostos no Museu Histórico Municipal. A mostra foi de 15 a 30 de junho.

Estádio Anacleto Campanella:

60 ANOS DE HISTÓRIAS

O Estádio Anacleto Campanella completou 60 anos de existência no dia 13 de janeiro, tendo como marco inaugural o jogo entre o São Bento (clube resultado da fusão do São Caetano Esporte Clube e do Comercial FC, da capital) e o Corinthians. Alguns acreditam que essa foi a partida que marcou a inauguração do Estádio Anacleto Campanella, mas, na verdade, o primeiro jogo no estádio foi em 2 de janeiro de 1955, contra o XV de Piracicaba. A exposição narrou a história do estádio por meio de diversas imagens. A mostra, realizada no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, teve início em 19 de maio e seguiu até 19 de julho.



Ouvindo estrelas



Esta exposição, realizada em parceria com a Academia Popular de Letras e a Academia de Letras da Grande São Paulo, traz diversos poemas de autoria de Aguinaldo de Bastos ilustrados pelo artista plástico Inos Corradin. Ao longo dos anos, Corradin levou sua obra para outros Estados brasileiros e também para o exterior, expondo na França, Alemanha e Estados Unidos. Nascido em Mococa, interior de São Paulo, Bastos formou-se em direito. Em 2006, publicou o livro que dá nome a esta mostra, que também foi lançado no exterior. Em cartaz no Espaço Cultural – Casa de Vidro, a mostra começou em 5 de maio e terminará em 29 de julho.

Servindo sempre:

AS HISTÓRIAS DOS 60 ANOS DO LIONS CLUBE DE SÃO CAETANO DO SUL



Fundado em 27 de junho de 1955, o Lions Clube de São Caetano do Sul comemora 60 anos em 2015. Para celebrar este relevante marco, a Fundação Pró-Memória promove esta mostra, que retrata, principalmente por meio de fotografias, a trajetória deste clube de serviços. O Lions Clube de São Caetano do Sul teve importância primordial na história do movimento leonístico tanto na cidade quanto no Grande ABC. A exposição, que teve início em 17 de junho, ficará em cartaz, no Salão Expositivo – Casa de Vidro, até 29 de julho.



Ferramentas

FIÉIS COMPANHEIRAS

No dia 7 de julho, o Museu Histórico Municipal abriu a exposição *Ferramentas – Fiéis Companheiras*. Com o objetivo de mostrar como eram as ferramentas utilizadas no passado, em seus mais diversos usos, a mostra apresenta peças do acervo do Museu, como as utilizadas por carpinteiros, pedreiros, agricultores, oleiros, entre outros profissionais. A visitação segue até 26 de setembro.

História dos meios de transporte em São Caetano do Sul

De 14 de julho a 13 de setembro, o Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes está com a exposição *História dos meios de transporte em São Caetano do Sul*. Conforme o homem evoluía, a maneira de se transportar se transformava. Esta exposição traz a história dos meios de transporte na cidade de São Caetano do Sul, desde as rústicas carroças, bondes e trem aos automóveis, muitos deles fabricados pela General Motors do Brasil.



ID: RETRATOS CONTEMPORÂNEOS

As educadoras Nair Duarte e Fabiana Cavalcante, da Pinacoteca Municipal, e os fotógrafos Wilson Rodrigues e Nario Barbosa - considerando as fotografias de Mário de Andrade das décadas de 1920 e 1930 - fazem aproximações com a produção fotográfica contemporânea levando em consideração a transformação de cada um desses instantes em campos de contextos provocadores, dissolvendo as fronteiras entre fotógrafos, curadores e educadores. Com curadoria de Elly Roza Ferrari, do Serviço Educativo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, a exposição ficará em cartaz, na Pinacoteca, de 16 de julho a 19 de setembro.

Atelier: MEMÓRIA E IMAGINÁRIO

- UBIRAJARA RIBEIRO - BETE BOVO – ELISETE AMBAR



Ubirajara Ribeiro trabalhou por mais de cinco décadas como arquiteto, pintor, aquarelista, escritor e professor. Em 1968, foi premiado no Segundo Salão de Arte Contemporânea de São Caetano, com uma obra que hoje faz parte do acervo da Pinacoteca. A mostra traz trabalhos das artistas plásticas Bete Bovo e Elisete Ambar, a partir de estudos e registros fotográficos realizados no ateliê de Ribeiro. Seus trabalhos nos possibilitam a oportunidade de entrar no espaço de um dos mais importantes artistas brasileiros. Visitação de 16 de julho a 19 de setembro, na Pinacoteca Municipal.

PROJETOS E PARCERIAS



Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura

Organizado em parceria pelos programas de pós-graduação da USCS (Universidade Municipal de São Caetano do Sul), da Umesp (Universidade Metodista de São Paulo), da Unip (Universidade Paulista), da mexicana Universidad de Colima e da Fundação Pró-Memória, o simpósio procurou estimular a pesquisa e a troca de experiências nas áreas de comunicação e cultura, assim como propiciar um aprimoramento teórico-metodológico de conceitos como memória, cultura e narrativas orais. A Pró-Memória participou da mesa *Memórias e Narrativas: duas experiências em comunicação*, que fez parte do pré-evento, intitulado *Colóquio Internacional de Pesquisa em Comunicação: Nos caminhos da investigação científica*. A instituição também colaborou na mediação de dois grupos de trabalho. O simpósio ocorreu entre os dias 27, 28, 29 e 30 de abril.

13ª Semana de Museus

Todas as atividades realizadas pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul entre os dias 18 e 24 de maio fizeram parte da 13ª Semana de Museus, organizada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), para celebrar o Dia Internacional dos Museus (18 de maio). O tema deste ano foi *Museus para uma sociedade sustentável*.

Caricaturas no parque

Em todos os domingos do mês de abril (dias 5, 12, 19 e 26), os caricaturistas Gilmar, Fernandes, Humberto Pessoa, Luigi Rocco e Mário Mastrotti estiveram no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, onde realizaram caricaturas dos visitantes e ministraram workshop para crianças e adolescentes.



Encerramento do projeto Rendilhados da Memória

Após diversos encontros realizados em 2014, no dia 28 de abril de 2015, foi realizada a montagem das peças produzidas durante o projeto, que teve o objetivo de recuperar histórias, subjetividades e modos de fazer que estão se perdendo na atualidade, como a prática do crochê e tricô. Os trabalhos ornamentaram uma das árvores do jardim da Praça do Professor, que abriga o prédio da Pró-Memória.



Era uma vez uma escola...



O resgate da trajetória da educação infantil municipal é feito por meio de parceria entre a Fundação Pró-Memória e a Secretaria Municipal de Educação. O projeto tem como base as histórias das escolas municipais de ensino infantil (EMIs e EMEIs) de São Caetano do Sul, que são retratadas por meio de exposições fotográficas, que ficam permanentemente nas escolas, além de apresentação de vídeo com entrevistas de funcionários e exposição virtual no site da Pró-Memória. No primeiro semestre de 2015, foram contempladas: EMEI Helena Musumeci, Creche Lar Samaritano da Mãe Operária, Creche Zilda Natel, EMI Alice Pina Bernardes, EMEI Abelardo Galdino Pinto e EMEI Professora Inês dos Ramos.

Arte como Apoio Terapêutico

Neste primeiro semestre de 2015, a Fundação Pró-Memória recebeu em sua sede grupos da Unidade da Saúde da Criança e do Adolescente e do Centro de Atenção Psicossocial, como parte do projeto *Arte como Apoio Terapêutico*,

Encontro com a História

A presença da matéria de história da cidade na grade escolar do 3º ano do ensino fundamental criou um desafio para as escolas e seus professores, devido à carência de materiais didáticos e de referência sobre o tema. Muitos professores desconhecem a história regional e não sabem onde podem encontrar essas informações. Da mesma forma, muitas famílias residem há pouco tempo em São Caetano, não possuindo essas referências em sua história familiar. Assim sendo, a Fundação Pró-Memória criou este projeto a fim de, principalmente, enriquecer os conteúdos disponíveis para alunos e professores, dar suporte aos docentes para o desenvolvimento de atividades dentro e fora de sala de aula e ampliar o atendimento da instituição ao público escolar. As visitas ocorreram nos dias 23, 24, 25 e 26 de junho.



desenvolvido pelo setor educativo da Pinacoteca Municipal, e coordenado pela arte-educadora Nair Duarte. As visitas resultaram em trabalhos que foram expostos no hall do prédio que abriga a Pró-Memória, de 18 a 29 de maio.

ENCONTROS/PALESTRAS/OFFICINAS

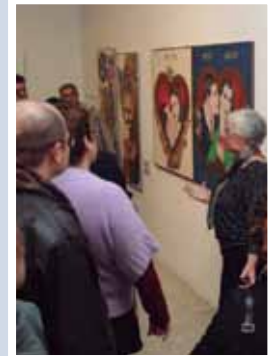
Oficina com a artista Tânia Turcato

– VIVÊNCIAS DE ATELIÊ

No dia 17 de janeiro, a artista Tânia Turcato, ao lado de Klaus Hofer, curador da mostra *Semiótica dos Afetos: Pinturas de Tânia Turcato*, conversou com os participantes sobre as obras e a curadoria da exposição. Em seguida, foram propostas atividades de ateliê em perspectiva pedagógica. O primeiro encontro com Tânia ocorreu em 2014.

Palestra Falando de curadoria

Nesta palestra, realizada em 12 de maio, a coordenadora da Pinacoteca Municipal, Neusa Schilero Scaléa, falou sobre as funções e objetivos do trabalho de curadoria, assim como o desenvolvimento de projetos e soluções expográficas, por meio de relatos de experiências.



Palestras sobre arte

No primeiro semestre de 2015, a Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, promoveu diversas palestras sobre arte, ministradas por Mariana Zenaro. De janeiro a julho, foram realizados os encontros *Gustav Klimt e a Secessão Vienense; Arte Nova,*

'Arts ad Crafts', 'Aesthetic Movement' e Art Deco: Arte Moderna e estetização da vida; Expressionismo: Modernidade Visceral; Vanguardas de Arte Russa: a Virada da Modernidade; Abstracionismos: de Kandinsky a Kutka; História da Curadoria e das Exposições: dos Gabinetes de Curiosidades à Era das Bienais e A Crítica de Arte: Mitologias e Juízos.



Palestra Episódios da história do Brasil na história de São Caetano

Ministrada pelo renomado professor e sociólogo José de Souza Martins, a palestra, realizada em 8 de junho, abordou episódios decisivos da história social do Brasil que ocorreram na história de São Caetano do Sul. O mais importante deles foi o de ter sido o Núcleo Colonial de São Caetano, fundado em 1877, um experimento político de adoção do trabalho li-

vre em substituição ao trabalho escravo e ter sido São Caetano o laboratório de gestão da ideologia da ascensão social pelo trabalho. Mas São Caetano foi, também, cenário de três revoltas sociais que expressaram as tensões da crise do cativo e das indecisões quanto ao modelo de sociedade que sucederia a escravista. São Caetano foi, historicamente, lugar de tensões e transformações sociais antecipadoras do que se efetivaria no conjunto do Brasil tempos depois. No período da tarde, foi realizado um passeio por pontos históricos de São Caetano, partindo da Fundação Pró-Memória.



PUBLICAÇÕES

General Motors do Brasil e de São Caetano do Sul

Em 26 de janeiro, a Fundação Pró-Memória lançou uma nova série de publicações, intitulada Documenta – Imagem, que compõe o projeto editorial da instituição. Na ocasião, houve a entrega do livro *General Motors do Brasil e de São Caetano do Sul*, que reúne dezenas de imagens não só da linha de produção e



instalações da fábrica, mas também da confraternização dos funcionários e antigas peças publicitárias da empresa. O ato marcou os 90 anos da indústria em solo brasileiro – a fábrica da cidade completará 85 anos em agosto. Além do prefeito de São Caetano, Paulo Pinheiro, também estiveram presentes o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, o presidente mundial da montadora, Dan Ammann, o presidente na América do Sul, Jaime Ardila, e o presidente da GM do Brasil, Santiago Chamorro.

Diário de uma Terra Lontana –

OS 'FAITS DIVERS' NA HISTÓRIA DO NÚCLEO COLONIAL DE SÃO CAETANO



Nesta publicação, lançada em 25 de fevereiro, o renomado sociólogo sul-são-caetanense José de Souza Martins narra a sequência dos dias na vida dos colonos italianos vindos principalmente do Vêneto, da Lombardia e do Molise, na Itália, para a atual São Caetano do Sul, no último quartel do século 19, e expõe os pequenos e desconhecidos episódios próprios do tempo da busca e da incerteza no país distante. Na ocasião, o autor proferiu a palestra *Uma nova história de São Caetano – A história social do Brasil nos detalhes esquecidos de uma história local*.



A História de São Caetano do Sul

No dia 25 de maio, a Fundação Pró-Memória lançou o livro *A História de São Caetano do Sul*, a vigésima quinta publicação da instituição, mas a primeira voltada especialmente ao público infantil. Escrito por Nereide Schilaro Santa Rosa e ilustrado por Roberta Giotto, o livro apresenta textos curtos, simples e objetivos, aliados a ricas ilustrações, que permitem às crianças um contato com a história da cidade e seus mais importantes acontecimentos. Todos os alunos do 3º ano do ensino fundamental de escolas municipais receberam um exemplar. Os alunos da escola mais antiga da cidade, a EMEF Senador Flaquer, participaram da entrega oficial, que aconteceu na unidade escolar. Até o mês de novembro, uma exposição itinerante sobre o tema vai circular por 19 escolas municipais.

Migrantes Amparados:

A ATUAÇÃO DA SOCIEDADE BENEFICENTE BRASIL UNIDO JUNTO A NORDESTINOS EM SÃO CAETANO DO SUL (1950-1965)

Este é o título do último livro publicado pela Fundação Pró-Memória no primeiro semestre de 2015. O lançamento aconteceu no dia 7 de julho. A publicação apresenta os principais aspectos da política de amparo empreendida pela Sociedade Beneficente Brasil Unido. Fundada no dia 2 de julho de 1950, em

São Caetano do Sul, no contexto dos intensos processos de urbanização e industrialização da cidade e região, a entidade tinha como propósito precípua a prestação de assistência a migrantes nordestinos, a partir de ações de natureza filantrópica e mutualista.



VISITA

No dia 8 de maio, a professora mexicana Karla Cuellar, da Universidad de Colima (México), visitou as instalações da Fundação Pró-Memória. Karla participou do *Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura*, por meio do qual conheceu a história da instituição, e se interessou em conhecer os espaços que a compõem. O percurso teve início na Pinacoteca Municipal, seguindo para o Espaço Cultural - Casa de Vidro. Depois, a professora deu uma

volta na Praça do Professor, que abriga não só o prédio da instituição e a Casa de Vidro, mas também o Teatro Municipal Santos Dumont. “Quanta riqueza cultural”, declarou Karla na ocasião. O passeio continuou pelo Ateliê Pedagógico da Pinacoteca Municipal e terminou no Centro de Documentação Histórica.



EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

As exposições virtuais temporárias visam ampliar e facilitar o acesso do público a histórias que recuperam a memória do município e evidenciam suas tradições e modos de vida.

Em janeiro, a Fundação Pró-Memória comemorou os 90 anos da General Motors do Brasil. Em fevereiro, foi a vez de prestarmos homenagem ao esporte na cidade, com imagens que resgataram a prática esportiva em São Caetano, em diversas épocas, passando por diferentes modalidades. Em março, a Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho completou 65 anos e, para celebrá-los, foi realizada uma exposição virtual, que tinha o obje-

tivo de despertar memórias afetivas de moradores, ex-alunos e ex-funcionários. O Dia do Jovem (13 de abril) não passou despercebido pela instituição e foi lembrado por meio da exposição *Somos tão jovens*. Em maio, foi a vez de homenagear os 95 anos da EMEF Senador Flaquer, a mais antiga escola em atividade no Grande ABC. Em clima de romance, no mês de junho foi comemorado o Dia dos Namorados com a mostra *Love is in the air*. Já em julho, a Pró-Memória aborda o universo masculino, com foco nos imigrantes italianos, por meio dos diferentes tipos de bigodes, um dos maiores símbolos de masculinidade, nas diferentes épocas.



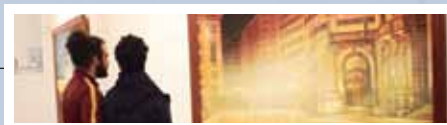
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Sede Administrativa
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255 | Bairro Santa Paula
09541-520 - São Caetano do Sul - SP
Telefone/Fax: (11) 4223-4780
Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h



Pinacoteca Municipal

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255 | Bairro Santa Paula
09541-520 - São Caetano do Sul - SP
Telefone: 4223-4780
Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h,
e sábado, das 9h às 13h



Centro de Documentação Histórica

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255 | Bairro Santa Paula
09541-520 - São Caetano do Sul - SP
Telefone: 4223-4780
Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h



Museu Histórico Municipal

Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122 | Bairro da Fundação
09520-510 - São Caetano do Sul - SP
Telefone: 4229-1988
Funcionamento: de segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h, e sábado, das 9h às 13h



Salão Expositivo – Espaço Verde Chico Mendes

Avenida Fernando Simonsen, nº 566 | Bairro São José
09540-230 - São Caetano do Sul - SP
Funcionamento: de terça a sábado, das 8h às 17h,
e domingo, das 9h às 16h



Espaço Cultural – Casa de Vidro

Praça do Professor (altura da Av. Goiás, 1.111)
Bairro Santa Paula
Funcionamento: de segunda a sexta, das 14h às 17h
(Possibilidade de agendamento em horários alternativos)



Espaço do Forno

Praça do Forno do Espaço Cerâmica | Bairro Cerâmica
(*acesso pela Rua Casemiro de Abreu*)
Funcionamento: de terça a sábado, das 14h às 17h
(Possibilidade de agendamento em horários alternativos)



fpm@fpm.org.br
www.fpm.org.br
www.facebook.com/promemoria.caetano
promemoriasaocaetano.blogspot.com.br





promemoria.caetano
WWW.FPM.ORG.BR

ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO CAETANO DO SUL
PREFEITURA DA CIDADE